



# José Luiz de Oliveira

# PRECONCEITO DE COR

2ª edição

Volta Redonda - RJ AVL

### 2024 © família José Luiz de Oliveira 2024 © Academia Volta-redondense de Letras

Edição, revisão e apresentação: José Huguenin

Arte gráfica (capa e diagramação) Leonardo Ladeira "Ratão"

Notas sobre o autor: Sílvia Helena Xándy

Este livro foi revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

1ª edição: 1958 2ª edição: 2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Bruno Alves de Andrade CRB 7ª/7074

O48 Oliveira, José Luiz de

Preconceito de cor. / José Luiz de Oliveira. 2ª ed. – Volta Redonda, RJ: AVL -Academia Volta Redondense de Letras, 2024.

168 p. il.; 21 cm.

ISBN 978-65-993451-6-6

1. Romance-Literatura Brasileira 2. Romance I. AVL-Academia Volta-Redondense de Letras II. Título.

CDD-B 869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance-Literatura Brasileira - B 869.3

Academia Volta~redondense de Letras

Rua 14, nº 315 – Vila Santa Cecília

Volta Redonda-RJ CEP: 27260-140

# **SUMÁRIO**

Apresentação - 07

Preconceito de Cor - 13

Sobre o autor - 163

# **APRESENTAÇÃO**

A Academia Volta-redondense de Letras (AVL) traz a público a segunda edição de Preconceito de cor, primeiro livro do escritor José Luiz de Oliveira (1924-2010), um dos membros fundadores da AVL, publicado em 1958, sendo, no melhor de nosso conhecimento, o primeiro romance publicado em Volta Redonda. Esse livro é significativo em diversos aspectos: momento histórico, temática, importância para a literatura de Volta Redonda, entre outros. No ano em que comemoramos o centenário de nascimento do escritor, temos a alegria de presentear os leitores e as leitoras com a reedição desta obra pioneira.

A ideia, ou melhor, a missão, surgiu durante um dos eventos do projeto "Literatura de Volta Redonda", parceria da AVL com a Ŝecretaria Municipal de Cultura, realizado Biblioteca Raul de Leone em 2023. O objetivo deste projeto é fazer o registro e homenagear autores da cidade do aço. No evento em homenagem a José Luiz de Oliveira, suas filhas D. Santa. D. Maria do Carmo e D. Eva de Oliveira, entre outros familiares, levaram alguns pertences como livros e fotos. Entre os livros, estava o único exemplar de **Preconceito de cor** que se salvou de incêndio ocorrido na casa do autor. Quiçá possa haver outros em fundos de baús, escondidos em cantos de estantes. Mas, pelo tempo, talvez seja mesmo esse o único exemplar. As filhas do Sr. José Luiz contaram a história da publicação desse livro. Ao ver a brochura que teve uma encadernação posterior para preservação, com uma cópia pálida da capa original e saber que era, possivelmente, a única fonte dessa verdadeira relíquia literária da cidade, assumi o compromisso público com a família do Sr. José Luiz de fazer uma segunda edição para que a atual e futuras gerações pudessem ter acesso à obra.

Um mês depois nos encontramos, eu, D. Eva, D. Maria do Carmo e D. Santa, na mesma biblioteca para que elas deixassem comigo o livro e eu pudesse fazer a transcrição. Não tínhamos nenhum recurso para fazer a obra impressa. Então, propus fa-

zer uma edição eletrônica para ser distribuído gratuitamente no site da AVL e que faríamos o possível para também termos uma versão impressa. Combinamos que não seria uma edição comercial, mas a impressão seria parte dada à família e parte distribuída para bibliotecas e escolas da cidade. Eu posso imaginar o receio delas ao deixarem com alguém que viam pela segunda vez tamanha raridade cultural e, principalmente, afetiva: a única cópia do primeiro livro de seu pai. Serei eternamente grato a elas pela confiança. A cidade também, pois graças a esse desprendimento o livro está publicado, sua história registrada para posteridade.

José Luiz nasceu com o ideal de escrever. Lavrador na primeira etapa de sua vida, operário da CSN até sua aposentadoria, nutria o sonho de ser escritor. O que primeiro se faz quando se quer ser escritor? Se escreve! Ele escrevia nos intervalos das horas fatigantes. Escrever, talvez, fosse um momento de encontro consigo, de ser o que seu coração pedia, o que seu sonho embalava. Uma vez dei uma entrevista por ocasião do dia do escritor e a jornalista me perguntou o que era preciso para ser escritor. Respondi: gostar de escrever. A escrita deve ser o objetivo primeiro. Hoje, vendo o legado José Luiz de Oliveira, podemos perceber a sua paixão pela escrita.

Depois que se escreve, qual a segunda coisa que é preciso para ser escritor? Publicar. Nos idos de 1956 ele tinha esse primeiro romance escrito, mas como transformá-lo em um livro? Ele tinha uma história. Como materializá-la? Hoje, qualquer pessoa com um livro pronto pode publicá-lo com ferramentas digitais, sem custos, praticamente, inclusive o livro físico em plataformas de impressão por demanda. Na década de 80, com a modernização do parque gráfico da imprensa na região, as gráficas passaram a ter a tecnologia necessária para impressão de livros. Mas na década de 50 somente nas capitais. A comunicação era por cartas. Foi assim que José Luiz de Oliveira conseguiu um orçamento para fazer a edição de seu livro. Se hoje o livro é caro, imagine naquela época. Era demais para o salário de um operário e pai de família. O que poderia segurar o fluxo de um projeto movido pelo sonho de alguém determinado? Muito antes do termo "crowdfunding", existiam as vaquinhas, as rifas, os carnês. Foi aí que José Luiz, muito querido, teve a ideia de vender antecipadamente exemplares, fazendo carnês de pagamentos mensais. Mas quem aderiu a essa campanha? Majoritariamente, seus colegas CSN, a "piãozada", companheiros de labuta e luta. Imagine

nosso escritor, no auge da força, com seus cerca de 32 anos, passando os carnês, recebendo a mensalidade que, evidentemente, que não poderia ser alta, deveria ser um "trocado" para que os pares pudessem colaborar. Quantos participaram da empreitada sem sequer saberem ler, incentivando o sonho do amigo? Não sabemos. Essa lista se perdeu no tempo, mas não o fruto que seus signatários germinaram: o primeiro livro de José Luiz de Oliveira, o primeiro romance publicado em Volta Redonda. A esses anônimos, nossa gratidão.

Quando o valor foi atingido, a impressão do livro pode ser feita. Agora, imaginemos a cena do escritor publicado fazendo a entrega dos livros àqueles que o ajudaram. O sorriso de um sonhador diante do sonho realizado. O primeiro romance da cidade é, portanto, forjado às portas do alto-forno, na aciaria, na mineração, no pátio da usina. Esse foi o primeiro passo na jornada que José Luiz empreendeu na literatura de Volta Redonda, que culminou na criação da primeira instituição literária da cidade do aço: o GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos. O GLAN abriu as portas para diversos escritores da cidade. O livro seguiu sua história. Quase desapareceu. Mas uma história assim não morre. Agora você tem diante dos olhos a continuidade da história do livro e pode conhecer a história dolorida que engendrou o, por assim dizer, patrono da literatura da cidade.

O processo de edição seguiu, em primeiro lugar, com a adequação do texto ao acordo ortográfico de 2009. Naquele tempo, a palavra "cor" era acentuada: "côr". Também se fez correções de erros de digitação, alguns marcados pelo próprio autor no exemplar. Mantivemos o início dos capítulos em novas páginas, de maneira a mantermos a estrutura original da obra, como feita pelo autor.

Quanto à história contada no livro, vemos já na obra inaugural do autor, o domínio intuitivo de técnicas narrativas que permitem que a história flua bem com grandes viradas, trechos de tensão e emoção. Vemos claramente o arco narrativo da história. Mesmo que o aspecto ficcional, por vezes, apareça com alguns exageros, cria um mundo verossímil que nos permite sentir todo peso da história e de situações que muitas vezes ele pode ter presenciado. À uma primeira vista, uma história romântica de amor impossível entre pessoas de classes sociais distintas. A rica herdeira que se apaixona por uma pessoa humilde. Mas, para além

das classes sociais, o autor, homem negro, coloca o racismo como principal abismo entre o casal. A rica herdeira branca se apaixona desde os tempos de escola por um homem negro simples e honrado. Aí entra a principal marca da obra: a linguagem direta e a verbalização das personagens de pensamentos e falas racistas que ainda hoje vemos reverberar na sociedade. Machuca ler falas tão brutas. Impossível sair dessa leitura sem ser profundamente tocado pela violência do racismo estrutural. Por isso, a leitura de **Preconceito de cor** é tão necessária nos dias de hoje.

Reeditar essa obra foi um grande desafio e não seria possível ser feita sem a forma colaborativa que a deu vida a quase 70 anos! Agradeço à família Oliveira pela confiança e por autorizar a distribuição gratuita do livro eletrônico. Agradeço ao escritor e editor da Revista Artegusa, Leo Ladeira Ratão, que fez todo projeto gráfico, da capa à diagramação, voluntariamente. Agradecemos à escritora Silvia Helena Xándy pelas tocantes palavras sobre o autor.

Mais uma vez, um grande projeto da AVL contou com a ajuda do nosso maior parceiro: o GACEMS! Essa grande instituição cultural da cidade financiou metade dos custos da versão impressa. Sem o apoio do GACEMSS a versão impressa não seria possível. Para cobrir a outra metade dos custos, nos inspiramos no mestre José Luíz de Oliveira e criamos uma campanha para doação de cotas que garantiram a impressão de dois exemplares, um para o doador, outro para uma escola da cidade. Assim conseguimos atingir a meta. A todos que contribuíram, nosso muito obrigado!

A literatura da cidade de Volta Redonda é muito rica e uma das missões da AVL é registrá-la e divulgá-la. Esse é o primeiro projeto que reedita obras esgotadas e esperamos que outras obras importantes possam ser resgatadas.

Volta Redonda, agosto de 2024

José Huguenin

Coordenador Editorial da AVL

# CAPÍTULO I

# Lágrimas de mãe

Rosane, terceira filha de um abastado fazendeiro, menina forte e bela, tinha olhos azuis e morteiros, os cabelos castanhos ondulados o rosto claro e redondo.

Nascera na alta hora da noite sem luar de relâmpagos e trovoada e a chuva caía o vento soprava tão forte que causava medo a todos os viventes. Rosane veio ao mundo em 1 hora trágica e perigosa. Rosane com a noite escura o céu estava coberto de nuvens e não tinha estrelas. Por isso Rosane não foi premiada com uma Estrela guia que ilumina seu caminho. Por não possuir a Estrela da Felicidade que pudesse guiá-la Ela Foi onerada com o destino do sofrimento por isso viveu dias de terrível angústia. Ainda inocente chamava a atenção de todos. O seu modo de olhar causava admiração aos amigos que diziam os seus pais

- Esta menina não me engana! Será uma grande artista!
- Não! Uma grande fazendeira! respondiam sorrindo os pais. Rosane era sadia e desenvolvida. Mas não tinha sorte. Aos três anos, criança arteira, saiu para o curral onde os empregados tiravam o leite das vacas. Passou por baixo da cerca de tábuas e saiu no meio das vacas. Foi o bastante pôr-se de pé que uma vaca escuro-andorinha ao vê-la deu um berro e partiu como um raio. Rei em menos de 2 segundos a vaca mestiça, sapateava sobre a pobre Rosane. Os leiteiros correram em defesa da criança. Com pauladas conseguiram afastar a vaca que estava furiosa e avançava em sua própria sombra. Rosane foi transportada para casa em estado de choque. O seu corpinho não apresentava ferimento causado pelos chifres da vaca porque felizmente esta trazia os chifres com uma curva de quase 90° não havendo possibilidade de causar perfurações no corpo humano. Rosane estava com lesões em diversas partes do corpo. Seu pai Camilo Amorim montou

imediatamente seu cavalo campolina o relâmpago e partiu para a cidade que ficava a 15 km da fazenda Camilo levava em seus braços a pobre Rosane que gemia baixinho.

- Rosane minha filha olhe para mim! Abra os olhinhos!

Mas Rosane contorcia-se em dores e não abriu os olhos. Isaura, mãe extremosa, sofria mais que a filha. Felizmente Relâmpago e Tupã eram animais vigorosos e rápidos. Graças a eles, uma hora depois do acidente Rosane pode ser internada no hospital de São Vicente. Os pais aguardavam Aflitos na sala de espera enquanto os médicos faziam os curativos de emergência. Isaura estava com semblante triste os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar, o coração aos pulos, a respiração entrecortada de soluços. Ela temia que o médico lhe dissesse "- Não há salvação para sua filha". Dizia ela para si mesma: se minha filha morrer por falta de cuidados de minha parte não quero mais viver! Sou culpada do que aconteceu a Rosane, serei uma miserável se minha filha morrer. Mais o marido animava-a dizendo:

- Não querida você não tem culpa do que aconteceu. Rosane já está crescida, andando por todos os lados. Uma dona de casa cuidadosa como você, que vive preocupada com os seus afazeres, é claro, é justo, que algumas coisas me passam pelo sentido. Você não é culpada pelo acidente. Vamos rezar, vamos implorar a Deus pela vida da nossa filha.

Pouco depois apareceu o doutor Arthur, diretor do hospital.

- Como vai minha filha, doutor? Perguntou Isaura.
- Rosane está fora de perigo. Terá que ficar internada porque está com a perna esquerda engessada e diversas lesões pelo corpo.
  - Ela está com a perna quebrada, doutor?
- Sim, Dona Isaura, ela quebrou a perna em dois lugares, mas em poucos dias ficará boa.
  - Eu quero ficar com a minha filha! Não quero deixá-la

sozinha!

- Sim, Dona Isaura, a Rosane está em quarto particular. A senhora querendo, pode ficar com ela.

Durante os dias em que Rosane esteve internada no hospital, Dona Isaura não se afastou da beira da cama. Olhava com ternura, auxiliava as enfermeiras a darem-lhe os medicamentos nas horas certas.

Rosane sentia-se confortada em ter ao lado sua querida mãe. Teve alta do hospital e foi para a fazenda comer um pedaço de churrasco da Andorinha durante uma grande festa na fazenda, realizada quando da sua chegada sã e sem defeito físico.

Rosane crescia rapidamente no físico, inteligência e na coragem final pois apesar do acidente não tomou medo de boi. Ainda garotinha gostava de laçar bezerros e ajudar os empregados a tirarem o leite das vacas. Quando alguém lhe perguntava se não tinha medo de que outra vaca a atacasse como fizera Andorinha, ela sorrindo, respondia:

- O cão de caça vem de raça e eu sou filha de um fazendeiro.

Desde pequena era amiga dos trabalhadores, ajudava-os na máquina de limpar café, a ensacar, a espalhar no terreiro para secar e guardar quando ameaçava chover. O que mais ela precisava na fazenda era o ir e vir dos lotes de burro, os cincerros a badalarem como música ao chegarem e ao saírem carregando as sacas de café. Rosane não parava dentro de casa. O seu maior divertimento era andar às voltas com o movimento da fazenda. Quando ela não estava na máquina de beneficiar café, ajudando ou atrapalhando os homens, ela ia ao engenho de cana com os tacheiros para tomar um copo do delicioso caldo de cana ou saborear o açúcar ainda quente.

- Rosane? Cuidado com o melado! Isso aqui é muito perigoso para crianças! Vai para casa a mamãe já está chamando - dizia-lhe o tacheiro Benedito, temendo qualquer acidente com a garota teimosa.

Mas ela respondia:

- Não vou. Gosto de ficar perto do senhor. Ou o senhor não gosta de mim?
- Eu gosto de você, sim, Rosane, mas tenho medo de você se queimar. Já que não quer ir embora, sente-se aí e fique quietinha.

Chegava o carro puxado por seis bois mestiços, as rodas chiando fino como uma cigarra com o peso das canas grossas e bem maduras. Quando o carreiro descarregava o carro para voltar ao canavial, Rosane subia para o estrado. O carreiro gritava nervoso.

- Você vai cair, Rosane! Desça daí!
- Não desço respondi a ela.
- Eu vou chamar o seu pai.
- Pode chamar.

O carreiro se sentia vencido por ela e gritava

- Ô ... Sô Camilo! Rosane quer ir no canaviar

O pai sorrindo respondia:

- Pode levar, João, mas tome cuidado com ela.

Rosane batia os pés no assoalho do carro e exclamava:

- Bem-feito! Agora você tem que me levar!

O carreiro sorria e lá se ia ela segurando no fueiro do carro e bem pertinho do eixo para melhor ouvi-lo cantar. Rosane não era preguiçosa. Ao chegarem ao monte de cana cortada ela ajudava o carreiro a carregar o carro. E depois, sentava-se por cima das canas e voltava para casa chupando uma delas.

- Minha filha é uma verdadeira fazendeira que ama a vida no campo! - dizia o senhor Camilo ao vê-la em cima do carro.

# Capítulo I - Lágrimas de mãe

Isaura preocupava-se muito com Rosane às vezes queria obrigá-la a ficar dentro de casa, brincando com a linda boneca que havia comprado para ela. A boneca era um verdadeiro Encanto, andava, chorava e dizia mamãe. Rosane tinha ainda para brincar uma batedeira de alumínio, ferro de engomar, carrinho e velocípede. Mas isto, para ela, pouco interessava porque era fantasia e ela amava a realidade.

Assim os dias foram passando até que Isaura mudou-se para a cidade a fim de melhor educar os filhos Milton, Nelson e Rosane. Milton era um garoto orgulhoso, emproado. Não se sentava perto dos pretos nem sequer os cumprimentava. Com isso ele causava grandes aborrecimentos aos professores.

Um dia, um garoto mulato chamado Luiz José de Freitas, amigo de Nelson de Rosane, só para ver o que o Milton lhe diria, aproximou-se dele estendendo lhe a mão dizendo

### - Bom dia Milton!

O escrupuloso garoto deu um arranco negando sua mão e disse para Luís:

- Isso não se faz ouviu, negro! Reconheça o seu lugar. Se tornar a fazer isso será pior. Fique sabendo que preto não é gente e não tem lugar na sociedade dos brancos.

Todos os garotos do grupo o vaiaram enquanto ele lavava as mãos com areia e sabão. Milton era tão escrupuloso que se tocasse em dinheiro ou outro objeto que passa de mão em mão, não pegava nada para comer sem antes lavar as mãos. Quanto a isso tinha razão. Porque comer com as mãos sujas é falta de higiene.

Rosane e Nelson, como eram populares e educados, reprovavam o orgulho de Milton, dizendo-lhe;

- Você é um ignorante, um idiota por que fez aquilo com Luís?! O sangue que corre em suas veias é o mesmo que corre nas dele. Na verdade, ele é mulato, mas é tão digno de estima quanto você que é nosso irmão. O Luís é mulato na cor, mas é branco no procedimento.

- Chega de dizer besteiras! gritou Milton. Se você e Rosane são amigos de macacos eu não sou. Ainda honro a tradição dos meus pais. Se vocês querem desmoralizar a nossa família eu me separo de vocês. Preto nasceu escravo e escravo tem que ser. Eu sei que vocês andam juntos com esses macacos, comem e bebem no chiqueiro junto com eles. E você, Rosane, é a mais saliente. O dia em que eu vir você de palestra com aquele macaco lhe dá uma surra.
- Eu não me separo de Luís, Milton. Amanhã vou almoçar na casa dele. Dona Clotilde convidou-me.
  - Você não vai, Rosane! gritou Milton.
- Eu também vou, disse Nelson. Um franguinho assado por uma preta é mais saboroso do que feito por mãos brancas. E mais ainda Milton, para você bater em Rosane tem que me bater primeiro. E comigo a parada é dura.

Milton saiu sem dizer outras palavras e foi ter com sua mãe, a quem contou os planos dos irmãos, tão chegados a pretos. No dia seguinte, à hora do almoço, Nelson e Rosane não estavam em casa. Como Dona Isaura já sabia do convite que haviam recebido, saiu quase que correndo para a casa de Luiz. Ao chegar bateu à porta. Clotilde veio atender, dizendo:

- Bom dia Dona Isaura.

Ela respondeu entre os dentes, rosto sério, as sobrancelhas fechadas, a testa enrugada. Perguntou:

- Meus filhos estão aí?

Clotilde ficou um pouco embaraçada e não lhe respondeu de pronto temendo um desfecho desagradável à sua porta. Isaura ficou furiosa e gritou:

- Você está escondendo os meus filhos, está pondo-os a se perderem. Você é uma negra baixa, sem caráter, sem dignidade. Procure pessoas iguais para amigos e deixe os meus filhos em paz. Não queira arrastá-los para uma sujeira como esta.

# Capítulo I - Lágrimas de mãe

Clotilde não respondeu. Somente chorava pela afronta recebida em sua casa. Rosane e Nelson intervieram em favor, dizendo

- Mamãe, não maltrate assim Dona Clotilde. Ela é muito boa. Nós já almoçamos. Agora podemos ir embora. Se a senhora provasse a comida que ela faz, temos certeza de que ia querer que ela fosse nossa cozinheira.
- Deixe de tolice Rosane, em minha casa nunca entrou preto nem a passeio quanto mais para cozinhar. Eu tenho nojo dessa gente. Quando vocês tomarem juízo verão que a raça preta não vale nada.
- Eu não compreendo isso mamãe! Como é que não valem nada se vivem trabalhando para nós na fazenda.
- Sim, Rosane, você tem razão em dizer isso. Por ser uma criança ainda e não conhece desta gente. Os negros eram pegos na África e vendidos aqui como escravos. É por isso que eles não têm o mesmo direito que nós, os senhores de escravos.
- Mamãe, respondeu Nelson a senhora está equivocada. A escravidão já acabou há muitos anos.
- Sim, Nelson, os negros foram libertados, tem todas as liberdades. Mas em minha casa eles não entram. Negro só serve para o trabalho e tem que ser tratado do pé da escada para fora.
- Pois eu penso diferente, mamãe. Quando eu me casar, um preto como Luiz e Dona Clotilde comerão junto comigo, à mesa.
- Cala-te Rosane. Enquanto eu e seu pai formos vivos, isso não acontecerá.

Quando Isaura chegou em casa com os filhos, Milton perguntou-lhe

- Eles estavam lá, Mamãe?
- Sim, Milton, infelizmente estavam almoçando e termi-

naram enquanto eu dizia o que penso a Clotilde.

- Está bem, vou separar meus talheres não quero misturar com eles.
- Você é um canalha! Gritou Nelson furioso. Você separa os talheres como se fôssemos leprosos.
- Pois eu prefiro a lepra a meter na boca o mesmo garfo ou xícara que vocês usarem.

Nelson investiu contra Milton agarrando-o pela garganta e o fazendo pôr a língua para fora.

- Se tua língua é grande e não cabe dentro da boca corta um pedaço e jogo fora. Isso é melhor do que dizer asneiras.

Isaura interveio separando os filhos e dizendo a Nelson:

- Você não tem direito de brigar com seu irmão se ele age à bem da dignidade, guardando a tradição da família.

A partir daquele dia, Milton não falou mais com os irmãos.

# CAPÍTULO II

# Milton a nos espiar

No dia seguinte, Rosane contou o ocorrido ao professor Vicente que há ouvia com a maior tristeza para depois concluir:

- Rosane, o mundo ainda vive nas trevas da ignorância. Os seus habitantes ainda não compreendem a igualdade pregada por Deus. O orgulho, a ambição, a vaidade são a perdição da humanidade. Não sabem que Deus não separa cor ou posição financeira. Branco ou preto, rico ou pobre, todos somos filhos do mesmo Pai. Por isso, Rosane, não deixe que seja vencida a sua bondade. Devemos ser amigos dos pobres, dar-lhes amparo porque precisam de auxílio.
- Professor, não é só isso que espero do senhor. Quero permissão para sair agora da aula a fim de ir à casa de Dona Clotilde pedir desculpas por tudo que Mamãe lhe disse ontem.

O professor meditou um pouco e observou:

- Rosane, como é grande o seu coração! Quer ir justificar a falta de sua Mãe? Pode ir.

Rosane deu-lhe um sorriso de agradecimento e deixou a aula. Quando saiu, passando pelo corredor, foi vista por Luiz. Ela ia com a pasta na mão e o semblante muito triste. Ele preocupou-se com isso e foi a sala das meninas falar com o professor Vicente, diretor do grupo escolar.

- Professor, me desculpe se venho interrompê-lo.
- Pode dizer, Luís.

- Gostaria de saber para onde foi Rosane. Ela parece estar abatida. Será doença?
  - Não Luís, ela está bem de saúde. saiu por razões pessoais.
  - Muito obrigado, Professor. É só o que eu desejava saber.

'Quando terminou a aula o professor ainda estava confuso com aquela história:

- Rosane contou-me o incidente havido entre sua mãe e Dona Clotilde por causa dela e de Nelson. Agora, me pede para sair antes da hora a fim de pedir desculpas a dona Clotilde em lugar de sua mãe. Luís, ao vê-la sair, vem saber se ela estava se sentindo mal. Que história é essa? Que mistério existe entre os dois alunos? Eles já têm idade suficiente para serem namorados. Quem sabe dona Isaura tem razão! Seria bonito se Luís se casasse com aquela linda garota de olhos morteiros! Não é possível, isso são ideias tolas, nunca que Luís poderá casar-se com uma moça tão linda e rica como Rosane.

Enquanto o professor fazia tais reflexões aproximaram-se três estudantes, de pasta na mão, mantendo animada palestra.

- Olá, Professor! Até a esta hora no grupo?
- Sim Rosane, eu estava descansando um pouco, mas foi bom nos encontrarmos hoje passam um filme muito bom e instrutivo. Se vocês aceitarem o meu convite, poderemos ir ao cinema.
- Oh! Professor, que bom! O senhor vai pagar a minha entrada?
  - Sim Luís é claro que vou.
- Eu vou pedir à mamãe, se ela consentir iremos ao cinema com o senhor.
  - Eu a espero Rosane, às 8:00 na bilheteria.
  - Está bem, professor, muito obrigada.

# Capítulo II - Milton a nos espiar

Rosane e Nelson, ao chegarem em casa eram esperados por Isaura, aflitamente.

- A aula para vocês custou a terminar ou estavam de castigo?!

Rosane era menor, mas a mais sabida e respondeu logo:

- Sim mamãe, a senhora tem razão. Eu e Nelson, ao terminar a aula, ficamos palestrando com o professor Vicente e ele nos fez um convite para irmos hoje à noite ao cinema. Disse a ele que se a senhora consentisse nos encontraremos na porta do cinema às 8:00. O professor Vicente é muito bom, é um verdadeiro amigo dos seus alunos.
- Está bem, filinha, podem ir com ele. Talvez Milton queira ir também.
- Eu creio que não mamãe. Ele é metido a importante e não gosta de sair conosco respondeu Nelson sorrindo.
- Ele não é metido a importante, mas sim ... um rapaz importante porque escolhe pessoas de sua posição para amigos sem me desobedecer e está por tudo o que eu quero. Isso sim é que é ser bom filho. Para encerrar o assunto Rosane perguntou:
  - Mãezinha, o jantar está pronto? Eu já estou com fome.
  - Está sim filha pode ir para a mesa.

Rosane e Nelson entraram para a sala de jantar sentaram-se à mesa e começaram a servir a refeição. Isaura perguntou a Milton:

- Nelson e Rosane vão ao cinema em companhia do professor Vicente. Por que não vai com eles?
- Não mamãe, eu não aprecio esse professor. Ele gosta de estar no meio dos macacos. Eu observava quando estudava com ele.
  - Meta um pedaço de angu na boca, idiota! Gritou Nel-

son trêmulo de ódio.

Terminando o jantar foram para o quarto preparar-se para o cinema. Rosane apresentou-se com um vestido azul gendarme de gola branca. Trazia ao ombro um xale azul-marinho, calçava sapatos pretos de crocodilo, tipo Luiz XV. Na mão, trazia uma bolsinha para dinheiro, porta lenço, espelho e batom. Em volta do pescoço, um colar de pérolas. A face bem rosada, os lábios vermelhos, sobrancelhas plissadas, os cabelos penteados estilo favos de mel. Um brinco de ouro, um relógio de pulso e um anel de brilhante no dedo.

- Ué! Rosane você assim vai acabar é apaixonando o professor!
- A mamãe virgula eu estou mesmo de causar admiração ou é deboche?
  - Alguém responderá esta pergunta por mim.
  - Já vamos mãezinha, boa noite
  - Tome cuidado, Rosane, ande direito.
- Se ela fizer artes, eu torcerei a orelha dela, mamãe, disse Nelson ao beijar a mãe para sair.
  - Vamos Nelson, que já estamos atrasados.

O professor Vicente e Luís os esperavam aflitos na porta do cinema.

- Os garotos não aparecem. O cinema está ficando superlotado. O que vai acontecer é ficarmos de pé. Talvez eles não venham. Pode suceder que Dona Isaura não tenha dado consentimento.
- Olha quem vem lá, professor. Veja como está linda Rosane.
  - Sim, Luiz você nasceu com sorte.

# Capítulo II - Milton a nos espiar

- Uai, professor! o que senhor quer dizer com isso?
- Nada, Luís, são brincadeiras.
- Olá professor, já está cansado de esperar, não é?
- Sim Rosane julgava que não viesse mais.
- Atrasei-me um pouco. Peço-lhe desculpas!
- Ó Rosane, você atrasou mais compensou a espera.
- Por que professor?
- Você está de fechar o comércio.

Rosane, vaidosa como todas as mulheres, sorriu em agradecimento. Luís simplesmente trajava um costume de brim de segunda classe e calçava sapatos bastante usados. Ele a olhava da cabeça aos pés.

- Luís perguntou Rosane o que está causando tanta admiração?
- Ah Rosane! Se você soubesse como está linda, não consentiria que eu, mal trajado como estou, a acompanhe ao cinema!
- Luís, a roupa não tem valor e sim a pessoa. Por isso interessa-me você e não suas roupas.
  - Rosane! Gritou Nelson Olha o professor aí!

Rosane ficou pálida, seus lábios tornaram-se trêmulos, faltou-lhe coragem para pedir desculpas ao professor por haver quase que ignorado a presença dele.

- Não se acanhe por isso, compreendo as crianças.
- Obrigada, professor, não cometerei outra falta como esta.

Ao terminar o filme quando saiam, encontraram Milton de pé na porta. Rosane, para provocá-lo, como sempre fazia, pas-

sou ao lado de Luís e deu-lhe o braço. Luís, todo contente, prendia-o pela primeira vez em sua vida. Ela, virando o rosto para o lado disse:

- Professor o senhor se prepare porque vai ser chamado por minha mãe.
  - Por que, Rosane?
- Quando vi que Milton estava a nos espionar dei o braço a Luís para provocá-lo.
- Não tenho nada com seus assuntos particulares. Na rua como na escola os considero todos iguais.
- Sim, professor, eu sei que o senhor não faz distinções de cor. Mas Milton nos vigia por causa de Luís. Ele me viu dar o braço e vai fazer intriga quando chegar em casa.
- Rosane, falou o professor você e Luís devem tomar outras atitudes. tanto você quanto ele são demasiado jovens para essas preocupações. E outra coisa, vocês são estudantes e não devem prejudicar nem arriscar o futuro.
- Professor, nós não somos namorados somos simplesmente amiguinhos de classe respondeu Rosane algo embaraçada.

Nelson era o guarda Costa de Rosane, mas também gostava de vê-la em apuros para dar boas gargalhadas. Disse sorrindo ao professor:

- Ela já é noiva de Luís. Agora professor, o que me parece mais engraçado é que não estamos na Índia. Lá é que se casam crianças quando nascem. Aqui, Rosane já deu a Luís o "sim" do casamento.
- É isso mesmo professor, nós assumimos o compromisso, mas é para depois de eu me formar professora. O senhor está convidado para ser o meu padrinho de casamento.
  - Está bem Rosane, aceito o convite e fico muito grato!

# Capítulo II - Milton a nos espiar

Mas não fale nesse assunto durante as aulas. Ou melhor, enquanto não completarem dezoito anos não falem disto a ninguém. Fica entre nós para evitar atritos entre suas famílias final e melhor mesmo é que vocês se distanciem um pouco um do outro.

- Obrigado, professor, ficamos gratos por ter nos levado ao cinema e pelos conselhos que nos deu.
- Enquanto conversavam, Milton corria para casa e contava a sua mãe o que tinha visto.
- Bem fiz quando recusei ir ao cinema com aquele professor. Eu sabia que havia sujeira. Quando saiu do cinema Rosane deu o braço aquele macaco e ia bem séria.
  - Milton, você está dizendo a verdade? Perguntou Isaura.
- A senhora sabe mamãe, que procuro guardar a tradição da família.
- Muito bem, Milton, tomarei providências enérgicas a respeito deste caso. Como é duro viver em uma cidade pequena. Se Guaraciaba fosse uma cidade maior, meus filhos não fariam o curso ginasial neste grupo escolar onde não existe separações de cor, professores que misturam brancos com pretos, sem o mínimo escrúpulo. Mas, infelizmente, devem estudar ali mesmo.

# CAPÍTULO III

# **Severos castigos**

Quando Rosane e Nelson chegaram, Isaura esperava-os fumegando de raiva e mordendo os lábios. Entraram na sala de estar sorrindo para a mãe que estava recostada no sofá. Isaura pôs-se em pé, com os olhos vermelhos de chorar, fitando-os por alguns segundos. Por fim exclamou:

- Rosane! Que bonito o papel você fez! Por que usou o professor para seu testa de ferro? Por que complica mais a situação, por que anda de braço dado com Luís? Por que me desobedece? Ah! Mas será duro para você! Rosane, exijo uma explicação! O que pretende fazer do seu futuro?
- Pretendo me formar professora e ensinar os infelizes analfabetos da nossa fazenda. Os humildes trabalhadores também devem aprender para conhecer os seus direitos e serem senhores de si.
- Não é isso que que pergunto, mas sim se pretende continuar a andar de braços com Luís pelas ruas da cidade, chamando a atenção de todos para o seu fraco gosto.
- Não sei mamãe. Eu não me separo de ninguém, considero que somos todos iguais, todos filhos do mesmo Pai. Ademais, o povo da cidade não é ignorante e soberbo como a minha família.
- -Chega, Rosane! gritou Isaura, indignada com essa resposta. Vá para o seu quarto e não saia de lá sem minha ordem. Terá que ficar vinte e quatro horas sem qualquer alimento, E esse é o primeiro castigo. Se tornar a cometer outra falta como esta, o castigo será dobrado. E você, Nelson, também sofrerá o mesmo castigo, não de vinte e quatro horas, mas pela metade, por ter

consentido que sua irmã tomasse tão nojenta atitude.

- Não, mamãe! exclamou Rosane Nelson não pode pagar pelo erro que eu teria cometido, cumprirei sozinha a sua sentença.
  - -Rosane, as minhas decisões são ordens.

Cada qual vai para seu quarto. Amanhã mandarei comunicar a seu pai o seu mau procedimento você receberá dele a recompensa que merece.

Os filhos, cabisbaixos, aproximaram-se da mãe, tomaram-lhe a bênção, beijaram-lhe a mão como faziam todas as noites ao deitar-se e foram para seus quartos. Rosane passou quase toda a noite acordada. As lágrimas rolavam pelas faces mimosas, não devido ao castigo, mas por Nelson ter de passar pelas mesmas provações. O castigo de Nelson ia terminar às dez horas do dia seguinte e Rosane às dez horas da noite, por isso ambos faltaram à aula.

Maria era a ama da família e considerava muito os dois prisioneiros. Ela tudo fez para obter de Isaura consentimento para levar às crianças o café da manhã, chegando mesmo à alterada discussão. Isaura ameaçou-a de expulsá-la de casa se insistisse, mas não permitiu que servisse café aos garotos. Às dez horas, Isaura comunicou a Nelson estar cumprido o seu castigo.

- Nelson, pode ir tomar café, mas não cometa outro erro igual.

Nelson não respondeu. Saiu do quarto e foi para a cozinha.

- Mãe Maria, o que aconteceu!? A senhora está chorando?
- Não é nada Nelson, estou chorando porque vou deixar vocês.
  - -Não, Mãe Maria, a senhora não pode ir embora, papai

nunca consentirá nisso.

-Sim, Nelson, o seu pai foi criado em meus braços com todo o carinho, mas agora ele e sua mãe tornaram-se muito severos para vocês e eu não

aguento mais estes maus tratos que lhes são impostos... E agora tome o seu café. Você precisa alimentar-se.

- Não, mãe Maria, o castigo imposto por mamãe terminou mas não comerei nem beberei nada enquanto Rosane for prisioneira. Tenho um plano a executar mãe Maria e preciso de sua cooperação.
  - Que plano é esse? Perguntou mãe Maria.
- Saio à rua e pagarei aos garotos para dar uma surra em Milton à hora em que ele deixar o grupo escolar. Na hora em que forem fazer o serviço um dos garotos correrá aqui para avisar mamãe, Ela deixará o posto de guarda e correrá em defesa de Milton. Haverá tempo para darmos o almoço à Rosane.

Mas se sair ela levará a chave do quarto.

- Não tem importância, mãe Maria. Colocarei a escada na janela e entregarei a refeição a Rosane.
- Está bem, Nelson, é boa ideia. Mas não mande os garotos baterem em Milton mas sim que o tenham prisioneiro, bem afastado daqui. Diga aos que quando sua mãe se aproximar deles deixem o Milton e saiam correndo para evitar complicações. Nelson foi imediatamente ao encontro de Gregório e de Raul que estavam jogando bola.
  - -Vamos jogar bola, Nelson!
- Não, Gregório, agora não posso. Gregório, a Rosane está presa no quarto desde ontem, sem comer e sem beber. Quero dar o almoço a ela, mas preciso de você e de Raul para ajudar-me.
  - O que você quer que façamos?

- Vou arranjar outros garotos e na hora em que Milton sair da aula vocês o pegam e levam-no para longe do grupo escolar. Raul tomará conta dos garotos para não os deixar bater em Milton e você irá avisar mamãe de que os garotos estão levando Milton para o Rio Bacalhau. Ela sairá sem demora para buscá-lo e eu darei o almoço à Rosane.
  - Está bem, Nelson, pode ir. Nós faremos tudo direitinho.
  - Coitada de Rosane!

Milton tinha poucos amigos na cidade e não foi difícil para Nelson conseguir um número bem satisfatório de amiguinhos para executar o seu plano.

-Tudo pronto, mãe Maria, vamos aguardar o mensageiro.

Às doze horas e trinta minutos chegou o Gregório. Correndo, com a boca aberta, quase sem poder falar de cansaço ou fingindo-se cansado. Ele parou ao pé da escada e começou a tocar a campainha sem tirar o dedo do interruptor. Isaura veio correndo para atender e Gregório, ao vê-la, quase sem poder falar, gaguejou:

- Do.... Dooooo na... Isaura, os garotos estão batendo em Milton, Ele está sozinho e os garotos são mais de vinte, disseram que vão jogar ele na cachoeira.

Isaura pôs as mãos na cabeça e exclamou:

- -Valha-me Deus! Vão matar o meu filho, Vamos Gregório, onde estão eles?
  - Foram para o bairro Capitão Faustino.

Isaura saiu correndo atrás do mensageiro que a levou por diversas ruas, fazendo-a dar tantas voltas que ficou com calos nos pés. Por fim, chegaram aonde estavam os garotos. Ao vê-la, deixaram Milton com um empurrão que o deitou por terra. Saíram correndo e gritando: "- Na próxima vez você nos pagará, seu orgulhoso!". Isaura perguntou, aflita:

# **Capítulo III - Severos castigos**

- Milton, o que lhe fizeram?
- Nada, mamãe. Disseram que iam me bater porque eu sou metido a grã-fino e não gosto de pretos, mas quando viram a senhora e Gregório

gritaram "aí vem a mãe dele". Deixaram-me e saíram correndo.

- Eles não te bateram?
- Não senhora, disseram que iam dar-me um banho na cachoeira, de cabeça para baixo e sem tirar a roupa, mas não mostrei medo de que executassem a ameaça porque ali não é perigoso para quem sabe nadar, É mesmo uma praiazinha bem agradável.
- -Sim, Milton, ela é ótima praia, mas para tomar banho individualmente em uma hora de calma e não em meio de brigas e confusões como esta.

Enquanto Isaura corria em defesa de Milton, Nelson entregava pela janela à Rosane, a refeição e uma xícara de café.

- Quando terminar jogue o prato pela janela.
- Nelson por que você se sacrifica tanto por mim?
- Almoce logo, antes que minha mãe chegue de volta!

Rosane sentou-se em uma cadeira, colocou o prato em uma mesinha, deu graças a Deus por ter enviado uma refeição e almoçou rápido. Quando foi a janela Nelson já havia retirado. Ela jogou fora as louças e talheres voltou e sentou-se na mesma cadeira fazendo suas orações de graça. Poucos minutos depois ouvi a voz de sua mãe que contava a mãe Maria o ocorrido e praguejava contra os garotos da rua. Dizia ela:

-Esses moleques são perversos. Se não fosse Gregório teria um afogado meu filho. Filhos de gente pobre não tem educação, são sujos imundos e nojentos.

- Isaura? observou mãe Maria, não maltrate as crianças dos humildes. Todas as crianças são assim. Milton IA sofrer o mesmo que Rosane está sofrendo: injustiça e crueldade.
- Cale-se você não tem direito de dar palpites quanto a educação dos meus filhos.
- Sim, Isaura não tenho esse direito porque ele me foi roubado depois que você apareceu na fazenda. Tanto o coronel Sílvio como dona Ana eram severos para os escravos não permitindo uns mestiços nem mesmo entrar na fazenda. Mas nem eles foram tão severos para os escravos como você está sendo para os seus filhos. Você pode seguir os preconceitos de seus pais e sogros, mas de maneira mais humana. Isso não é modo de educar os filhos, deixando-os sofrer fome. Você é uma covarde, assassina de seus próprios filhos.
- Cale-se bruxa você já falou demais! Agora vá cuidar de suas obrigações e fique sabendo que eu não preciso de conselhos de uma empregada.
- Isaura, você está enganada, eu não sou sua empregada, sou tão dona da casa quanto você. Isaura soltou uma gargalhada e bradou:
- Você é que está enganada Maria. Já se foi o tempo em que você mandava e desmandava com todos a lhe obedecer. Agora quem manda sou eu. Se você quiser comer e vestir-se terá que trabalhar. E se quiser continuar aqui terá que obedecer às minhas ordens. Agora já ouviu o que precisava ouvir, não quero mais conversas. Vai lavar a cadeira em que Gregório estava sentado.
- Está bem, Isaura, eu vou lavar a cadeira. Esta é a recompensa que você dá ao Gregório por ter vindo avisá-la da briga dos garotos. Pobre Gregório!

# CAPÍTULO IV

# A lei é o dinheiro

Antes do anoitecer Camilo chegou da fazenda. Isaura o recebeu com beijos e abraços e contou-lhe depressa o que se passara com Rosane.

- Onde está ela? Perguntou ele preocupado.
- Ainda está fechada em seu quarto sem alimento, respondeu Isaura sorrindo.
- O quê !? Por que você está maltratando assim os nossos filhos?! Dê-lhes castigo em dobro mas não os deixe passar fome. Eu estive na guerra e sei

quanto é dura a fome!

Camilo entrou para a cozinha, Mãe Maria estava ao fogão. Ele aproximando dela beijou-lhe a mão e perguntou-lhe:

- Mãe Maria, porque deixou a minha filha com fome até esta hora?
- Não sou eu, Camilo. Isaura não consentiu que eu servisse a menina,
  - Prepare imediatamente um bom prato para ela.
- Mãe Maria, sem mais palavras, sem qualquer acusação contra a sua adversária preparou a refeição e a entregou ao senhor Camilo que levou à filha prisioneira. Ao abrir a porta do quarto, Rosane estava sentada na cama lendo na História do Brasil, o capítulo da princesa Izabel quando ela libertou os escravos. Ao ver o pai ela disse:

- -Meu pai! Olhe aqui uma mulher de sangue brasileiro, Como ela foi grande e generosa para os escravos!
- Rosane! Exclamou o pai sirva-se primeiro de alimento e depois vamos discutir o assunto.
- Enquanto Rosane jantava ele foi para seu quarto. Isaura fechou a porta, prendendo Rosane novamente e acompanhou o marido que se mostrava bastante decepcionado.
- Então, Camilo, disse ela- você acha que estou errada ao corrigir os erros se nossos filhos? Será melhor deixá-los à vontade para fazer o que

bem entendem. Deixá-los a andar de braços dados com pretinhos e pretinhas? É isso que você quer?

- Por que você diz isso?! perguntou Camilo um tanto áspero.
  - E porque você tira minha autoridade para educá-los.
- Não é isso, Isaura. Você tem o direito de educar, de prendê-los, de soltá-los, mas não tem o direito de deixá-los sofrer fome.
- Você está enganado, Camilo. O castigo que o homem mais teme é o da fome. Daí ter sido usado em um caso como este. A situação está ficando difícil. Creio mesmo que Rosane está de namoro com o Luís. Eles não se separam. Vão juntos para a escola e de lá voltam juntos. Ela e Nelson não saem da casa dele. Comem e bebem lá. Se Nelson fosse da mesma opinião de Milton, tudo seria de fácil solução. Mas ele apoia Rosane em tudo dando-lhe assim possibilidade para encontrar-se com Luís, Se não agirmos com energia Rosane, talvez, se case com um preto, manchando o nosso nome, destruindo a nossa felicidade. Que prazer poderei ter na vida vendo um dos nossos filha casado com um preto?

Foi quando Camilo rompeu num grito:

-Matarei aquele que fizer essa loucura! Não creio que Rosane esteja de namoro com aquele mestiço. Trata-se de amizade de crianças, ela é muito nova para compreender as coisas como

# Capítulo IV - A lei é o dinheiro

são na realidade. Quando tomar juízo compreenderá. Então, há de perceber que pretos e mestiços nasceram para servir aos fazendeiros e não para casar-se com uma fazendeira. Sei que Rosane e Nelson apreciam esse tipo de gente e que não têm escrúpulos. Mais isso vai acabar. Vou me entender com eles e terão que modificar-se. Tenho certeza disso. A orelha não pode passar a cabeça. Quem manda aqui sou eu e a esse mestiço vou dar uma surra de açoiteira. Farei com que os professores separem os seus alunos. Isto aqui tem que ser brancos de um lado e pretos de outro.

- Não, Camilo, deixe como está. Rosane e Nelson este ano passarão para o curso ginasial. Luís e mais alguns de sua classe não poderão cursar o ginásio, assim ficarão separados de qualquer forma.
- Boa ideia, Isaura. Assim não precisamos aborrecer os professores. Vamos agora falar com Rosane, ela já deve ter acabado de jantar.

De fato, encontraram-na recostada.

- Rosane, disse o pai, você já vestiu a toilette que lhe dei quando do seu aniversário?
- Sim papai. Já usei todo o jogo, Fiquei tão bonita que eu mesma, ao olhar-me no espelho, julgava não ser eu. Mamãe ficou surpresa quando apareci na sala, não foi, mãezinha?
- -Sim Rosane, fiquei muito feliz quando vi você saindo naquele traje. Eu sabia que nenhuma outra moça da cidade estaria tão bela quanto você. Mas depois a minha alegria transformou-se em mágoa com o seu mau comportamento na rua,
- Rosane, você foi ontem ao cinema com o professor Vicente e aquele mestiço
  - Sim, papai! O professor convidou, Nelson, Luís e a mim.
- E você teve coragem de dar o braço àquele patife?! Você devia sentir nojo dele.
  - Meu pai, não se zangue comigo por causa dessa brin-

cadeira. Dei o braço à Luís somente para fazer raiva a Milton. Mamãe mandou-o ir ao cinema conosco e recusou-se. Ele não gosta mais de nós. Até separou seus talheres dos nossos. Depois que saímos ele foi à porta do cinema para me espionar. Só por isso dei o braço a Luís que é mulato, na verdade, mas é muito decente. Tanto ele como dona Clotilde.

- Rosane, por que você se volta contra o seu sangue, contra nós, contra os seus bens?! Não sabe que a sua fortuna, a sua felicidade só depende de você?
- Sim, meu pai. A felicidade maior do mundo é amar o próximo como a nós mesmos. Não sou desobediente aos meus queridos pais. O que me revolta é o modo como são tratados os pobres colonos da nossa fazenda. Eu sei, meu pai, que lavrador é o braço direito de uma fazenda. Não é somente de uma fazenda, mas de todo o país. Porque o senhor não muda o sistema de administração, dando aos colonos possibilidades de progredir?
- Rosane, meu modo de agir é dos mais suaves. Dizem mesmo por aí que sou bom demais para com os colonos.
- Concordo com isso, meu pai. Não estou a dizer que o senhor é má pessoa. Para nós, o senhor é bom até demais. Tem um coração de ouro. Só não me conformo é com o pago que eles recebem. Como pode viver esses infelizes que trabalham do romper da aurora ao pôr do Sol, suportando o peso do dia e o calor, com o suor a correr pelas faces. O que ganha esse pobre lavrador por todo esse esforço?
  - Ganha o salário do dia.
- Sim, meu pai. Ao pôr do Sol recebem alguns cruzeiros, mas nem assim têm o direito de ver o fruto do seu suor porque essa migalha não é o bastante para o sustento de sua família. O colono ganhou alguns cruzeiros, mas tem que levar toucinho, rapadura, sal, fubá, feijão! Como pode uma família ser feliz se não ganha o suficiente para a sua manutenção? Infelizes, meu pai, são aqueles que caem em nossa fazenda! Não podem sair mais!
- -Se não saem é porque não querem. Se saírem só encontrarão lugar pior. Sabem disso e ficam quietinhos conosco, expli-

cou Camilo, embaraçado com as perguntas da filha.

- Não, meu pai. Eles não saem por causadas dívidas. Se elas fossem perdoadas em um dia a colônia estaria vazia.

-Você está louca. Se forem embora quem vai trabalhar para nós? Eu não vou enfrentar o cabo da enxada para lhe dar o que comer.

-Por ai, meu pai pode ver como é duro ser colono. Quando chegam, trazem esperanças de prosperar e começam a trabalhar duramente. Na colheita partem tudo ao meio. O senhor recolhe a sua parte que entra para o paiol sem maior sacrifício. Então, o senhor vai receber do colono o que ele ficou devendo durante o ano. O senhor rapa o pouco que coube ao colono deixando-o na miséria, com os olhos cheios de lágrimas por ver todos os seus esforços inúteis e verificar que é seu devedor. Tendo ainda que comer e vestir, continua a pagar os quilos mal pesados do nosso armazém! Pobres colonos, sempre devendo, sempre na miséria e ai daqueles que fugirem! Os seus capangas estão sempre prontos para fazer com eles o que fizeram ao Quirino e outros mais: açoites e até mortes cruéis. São os homens que mais odeio na fazenda. Como são covardes esses homens! Para que isto tudo? Para tirar a vida a um miserável ou açoitá-lo como a um cão! Mas as leis estão mudando! Se os que governam soubessem que quando um colono é esforçado e se sacrifica trabalhando nas horas de descanso, cultivando grande parte da terra, que na colheita recebe o suficiente e poderia ir adiante procurar a felicidade em outros lugares, mas, no entanto, só recebem decepções? Antes da safra os capangas abrem as cercas dos pastos, pondo as criações para dentro das lavouras. O milho de folhas verdes com seu perfume agradável é devorado pelo gado em poucas horas, até à raiz. No dia Seguinte, surge o infeliz, chorando como criança esfaimada, dizendo: "- Patrão, tenha piedade de mim! O gado comeu toda a minha roça". E o senhor, meu pai, solta uma gargalhada e diz: - "Estou em minha casa e não sou vigia do gado no pasto. A culpa é sua por não ter guardado o que seu. Agora o gado está com a barriga cheia não vou matar um a um para recuperar o seu milho. O ano que vem você faz outra roça maior e fica vigiando para boi não comer!". Como pode, meu pai, um homem trabalhar durante o dia e montar guardar à noite por causa da dureza do seu coração?!

Não sabe, meu pai, que está causando prejuízo a si próprio e a todo o país?! Se quer repousar um pouco e, ainda assim prosperar, passe-me a administração da fazenda por um ano.

- Você está louca, Rosane! Jamais você gozará dessa autoridade.
- Por que, meu pai? Não sou herdeira da fazenda? Porque não tenho o direito de administrá-la por um ano.
- Sim, Rosane, você também é herdeira da fazenda, mas não pode administrá-la por causa de suas ideias, de sua humildade. Você acabaria entregando tudo aos empregados e ficaríamos na miséria.
- Então o senhor não observa os mandamentos da Lei de Deus? Não tem ouvido o que diz o padre Juca sobre o Santo Evangelho, que diz: "- Se queres ser perfeito ide e vendei tudo quanto possuís e dai aos pobres? Então, vem e Segue-me"?
- -Rosane, aqui não é igreja nem você está no púlpito para pregar penitências, interrompeu Isaura. Quando queremos assistir missa e ouvir sermão, vamos à igreja. O seu castigo terminou. Você tenciona andar de braço com Luís ou outro de sua espécie?
  - Com outro não, mamãe, mas com...
- Não diga isso que eu lhe quebro os dentes, gritou Isaura, trêmula de ódio. Seria preferível que você tivesse morrido debaixo da Andorinha do que me dar esse desgosto agora.
- O desgosto maior é meu, mamãe! Por que não me dão o direito de viver conforme meus desejos?
- Rosane, cale-se! Você sabe que a lei máxima aqui é o dinheiro. Se você continuar a falar com esse mestiço ou mesmo cumprimentá-lo, mandarei a minha turma dar sumiço nele e incendiar a sua choça!
- Está bem, meu pai, está bem, sei que os seus homens ganham para isso. Estou vencida. Agora deixem-me dormir que estou com sono.

### CAPÍTULO V

# Um beijo na face

Os fazendeiros saíram do quarto, Isaura não fechou a porta porque Rosane já estava livre. Ela não saiu do quarto. Permaneceu imóvel, pensativa, o cotovelo em cima das pernas, as mãos tapando o rosto, os olhos cheios de lágrimas, pensava no que acabara de ouvir dos pais. Sabia que o seu ente querido estava com a vida ameaçada se continuassem se encontrando.

- Se papai mandar fazer mal a Luís, o que poderei fazer? Prefiro a morte também para ser sepultada ao seu lado. Assim ele verá quanto lhe fui sincera.

Nesse momento Nelson entrou no quarto e contou-lhe o quanto estava preocupado:

- Rosane, graças a Deus você está livre. Tome este café com leite. Eu estava aflito para que papai saísse daqui. Por que está chorando? que lhe aconteceu?
- Papai ameaçou matar Luís se eu tornar vê-lo. Tenho medo de que aconteça algo a Luís. Eu morrerei também se isso acontecer.
- Isso é conversa mole de papai para deixar você com medo! Ele não mata ninguém. Tome o café que desejo ir dormir. Quanto a você, pare de chorar, amanhã vou dizer a Luís que você chorou assim, tal e qual uma criancinha, por causa dele.
  - Nelson, você está brincando, o caso está ficando sério.
- Isso não é tão grave. Estarei sempre a seu lado. Boa noite, passe bem.

- Boa noite, Nelson e muito obrigada.

Enquanto isso, Isaura e Camilo palestravam. Ela dizia:

- Camilo, não sei o que pensar de Rosane. Apenas com doze anos nos diz tudo aquilo e sem vacilar uma frase!
- Rosane tem por quem puxar! Pois seu sangue é o mesmo de Carlota, tia do meu pai. Ela era conhecida na fazenda por Sinhazinha. Ela deu alforria a vários escravos, deixando a senzala quase vazia. O coronel Rubens, seu pai, reagiu cassando sua autoridade sobre os escravos. Pouco tempo depois ela faleceu, de paixão. Trazia grandes manchas roxas pelo corpo. Desde que perdeu a autoridade na fazenda quase não saía do quarto. Ficava dias e dias sem alimento, rezando um terço depois de outro, implorando a Deus pelos escravos. Agora Rosane age da mesma forma querendo proteger os empregados que não passam de escravos apesar de legalmente terem certas regalias. Rosane entregaria tudo que temos aos pobres e depois iria conosco pedir esmola como eles.
- Temos que privá-la desse direito, mas não devemos castigá-la nem a pressionar demais. Tenho medo de que morra apaixonada. Camilo, receio que ela venha a se casar com esse negro. Ele já a impressionou: Ela demonstra profundo amor por ele.
  - Não consentiremos jamais!
  - Mas ela poderá fugir com ele.
- Isaura, deixe de pensar em tolices. Rosane não fará isso. É uma moça decente, de muita moral e bastante religiosa.

Na manhã seguinte, antes dos filhos saírem para o grupo escolar, o senhor Camilo convocou-os para uma reunião. A sala era bem mobiliada, contendo uma mesinha de centro forrada de crivo do norte, uma bonita jarra de porcelana cheia de flores naturais aspergindo um suave aroma por toda a sala. Havia ainda dois sofás verdes e duas cadeiras de braço. Quando os garotos entraram seus pais já os esperavam. Os garotos aproximaram-se, tomaram-lhes a bênção e sentaram-se no sofá.

#### Capítulo V - Um beijo na face

- Estamos reunidos para tratar de alguns assentos importantes. Volto à fazenda, mas primeiro quero entender-me com vocês. O fim do ano está próximo. O ano que vem vocês deverão cursar o ginásio, isso se não forem reprovados.
  - -Se Deus quiser passaremos nos exames, meu pai.
- Certo, muito certo, Rosane. Você, Milton, pensa seguir qual carreira?
- Eu não quero estudar mais, papai. Fico satisfeito com o primário, Desejo voltar para fazenda onde tenho inteira liberdade, não sofrendo humilhações como sofro no grupo, tendo que viver misturado com "macacos". Esses professores de hoje não fazem separações de cor, dando

aos macacos os mesmos direitos que nós, pertencentes à alta sociedade.

- Está bem, Milton, você voltará para a fazenda como deseja. E você, Rosane, o que deseja ser no futuro?
  - Quero ser professora.
  - E você, Nelson?
  - Eu também quero ser professor.
- Está bem, você e Rosane irão para Ouro Preto no próximo ano para continuar os estudos.

Milton deu uma gargalhada e disse:

- Mamãe, brevemente teremos na família dois professores para "macacos".

Nelson, não contendo a raiva agarrou o irmão pelo peito da camisa e deu-lhe um murro na boca. Após o que, voltando-se para os pais, Nelson disse:

- Desculpem-me. Nós não podemos ser atacados assim impunemente.

- Isaura correu para a cozinha, levando Milton para lavar o sangue que lhe escorria na boca.

Dias depois da reunião Isaura teve de levar Milton ao dentista para dar-lhe um dente novo. E assim terminou a reunião da família. Os garotos não foram à aula por causa do acidente, Rosane chorava, receosa do castigo severo que Isaura daria a Nelson, Mas Camilo não consentiu nessa atitude, dizendo:

- Não, Isaura, Nelson e Rosane foram atacados por Milton, Eu também faço o mesmo quando recebo um ataque assim.
- Creio, Camilo, que você já está querendo colaborar com Rosane e Nelson na proteção desses pretos sem caráter. Daqui a alguns dias a minha casa estará cheia de pretos, mas eu o abandono se você for vencido pelos meninos e fizer isso.
- Deus me livre dessa má hora, Isaura! Preto ou mestiço nunca entrou em minha casa. Ainda honro os ensinamentos de meus pais e guardo suas tradições.

No dia seguinte ao do incidente com Milton, Rosane entregou a Nelson uma carta endereçada Luís. A carta estava contida num envelope grande, branco, e era acompanhada por uma fotografia com a seguinte dedicatória: "Meu bem-amado Luís. Se tiver saudades de mim e não puder me ver, tome minha fotografia que estarei olhando para você". O envelope ainda continha um bonito cacho de cabelos castanhos, pétalas de rosas, de cravos e de amor perfeito.

Na carta lia-se: "Querido Luís, um abraço para você desta que o ama com ternura e sinceridade. Luís, é com a mão trêmula e vacilante que pego na caneta, com os olhos cheios de lágrimas que umedecem cada linha que escrevo, com o coração transpassado por uma lança cravada por meus pais. Eles se opõem ao nosso amor, impondo-me severos castigos, tudo eu sofro por causa do meu bem-amado, o sofrimento e mesmo a morte nunca são penosos demais quando se ama, devemos ter cautela em nossos encontros. Sua vida está em perigo e sua casa ameaçada de incêndio. Temos que nos separar por algum tempo, eu e Nelson vamos para Ouro Preto seguir o curso de formação de professores, voltarei formada para casar-me com você mesmo contra a vontade

#### Capítulo V - Um beijo na face

de meus pais. Querido Luís, se durante o tempo em que estivermos afastados algo de mau lhe acontecer pode estar certo de que também morrerei, para juntos gozarmos a vida do Paraiso, Junto a esta, lhe envio algumas prendas para você lembrar-se de mim, receba com estima o que lhe é enviado com muito amor pela sua Rosane."

Ao chegar ao grupo Nelson chamou Luís e entregou-lhe a carta avisando: Deixe para ler quando estiver só e em lugar calmo.

- -Obrigado, Nelson. Por que vocês faltaram à aula ontem?
- -A carta lhe explicará.

Terminada a aula o professor Vicente chamou Rosane ao seu gabinete e perguntou:

- Rosane, o que sucedeu depois da nossa ida ao cinema? Por que não vieram à aula?
- Eu e Nelson estávamos de castigo. Eu não disse que Milton iria nos intrigar com mamãe? Quando chegamos, mamãe nos esperava com o castigo decidido.
  - Qual foi esse castigo?

Vinte e quatro horas presa em meu quarto sem qualquer alimento.

- Santa Virgem, como a sua mãe é severa Rosane! Como você deve ter sofrido!
- Eu não sofri muito, professor, graças à inteligência e a boa vontade de Nelson que executou um truque e passou-me o almoço pela janela.
- Sim, Rosane, compreendo o que Nelson fez. Deus não abandona as pessoas de bom coração. Vou passar o fim de semana em minha fazenda. De lá trarei um presente para você.

- E o que é que o professor vai me dar?
- Aguarde, é uma surpresa.
- Está bem, professor, desde já fico grata.
- Vou embora porque estou sendo observada por causa de Luís. Passe bem professor, até amanhã.
  - Se Deus quiser, Rosane!

O professor Vicente era um grande criador de cavalos campolina. Quando regressou da fazenda presenteou Rosane, com um bonito potro branco de corpo, com as crinas e a cauda compridas e pretas. Na primeira aula da semana foi com grande alegria que Rosane recebeu da mão do professor um mimo de cavalo. Disse o professor:

- Rosane, este é o presente de que lhe falei. Leve-o para a sua fazenda, trate dele com cuidado e terá um cavalo e tanto para o futuro.

Rosane ficou tão satisfeita que mal pôde dizer "- Obrigada, professor". Na rua a caminho de casa saía gente a perguntar:

- -Quer vender o cavalo?
- Não! respondia ela O professor Vicente Aguiar tem muitos para vender.
  - -Igual a esse?!, queriam saber os curiosos.
  - -Não, esse é o único e me foi dado de presente.

Os curiosos sorriam e afastavam-se. Ao chegar, enviou um portador à fazenda chamando Alberto, o peão mais famoso da zona. À tardinha Alberto entrou na cidade montado em um cavalo preto com uma estrela branca na testa quatro pés calçados de branco. A arreata era de prata, indicativa dos valentões. Rosane recebeu-o ao pé da escada porque Alberto era moreno e sua mãe

#### Capítulo V - Um beijo na face

não consentia que gente de cor entrasse em casa, Rosane disse-lhe:

- Alberto, o professor Vicente me fez presente deste potrinho. Leve-o para a fazenda, cuide dele como se estivesse cuidando de uma pessoa caprichosa. Trate-o, lave-o, raspe-o todos os dias. Quando estiver em ponto de sela você doma-o para mim. Não deixe que ninguém o monte a não ser você.
  - Nem o senhor seu pai?
- Nem meu pai, nem minha mãe, absolutamente ninguém. Cuide dele. Quando voltar dos estudos lhe pagarei.
  - Está bem,
- Rosane, fica entregue. Vá, na certeza de que ninguém montará. Vou amansá-lo com todo cuidado e ensinar-lhe algumas habilidades.
  - Muito obrigada, Alberto.

Rosane agradeceu e ficou olhando até que o peão desapareceu levando o cavalinho branco.

Chegaram os exames de fim de ano. Luís recebeu o certificado do curso primário. Como era pobre e não podia cursar o ginásio, escolheu a profissão de pedreiro. Rosane obteve o primeiro lugar nos exames e foi gozar as férias na fazenda, com o apelido que lhe deram: "abelha mestra" da fazenda. Ela passou contente aqueles dias, descansando, apreciando a vida de campo de que gostava, preparando-se para enfrentar novos estudos. Não mais em sua terra. Não junto de Luís como antes, mas em outra idade, longe, bem longe. Muitas noites passou acordada, pensando no que devia fazer, hesitando em ficar perto de Luís arriscando a vida de ambos ou seguir para Ouro Preto e ser professora. Nesses momentos fechava os olhos tentando dormir. Com os olhos semicerrados via-se em um bonito vestido de formatura. O coração pulsava com mais força. Mas, então, lhe acudia uma dúvida: e se Luís arranjar outra namorada enquanto eu estiver ausente! Se ele me abandonar, de que me serve ser professora?! Prefiro mil vezes a morte a vê-lo ao lado de outra mulher! Mas que bobagem! Que direito tenho em julgá-lo assim infiel? Luís me ama e será sincero.

Certo dia Rosane escreveu o seguinte bilhete: "Querido Luís, receba minhas saudades. Seguirei para Ouro Preto quarta-feira próxima. Espere-me no largo da matriz às oito horas da manhã. Iremos de jardineira até Ponte Nova onde tomaremos o trem da Central que nos levará ao destino.

Quem vai ficar conosco em Ouro Preto é mãe Maria. Assim podemos manter correspondência. Não falte ao encontro, preciso vê-lo antes de partir. Esperando que confie no meu amor, sua Rosane".

Enviou o bilhete à Luís por intermédio de Adão quando este foi buscar a correspondência na cidade. No dia do encontro, Luís, triste, esperava Rosane no ponto marcado. Minutos depois ela chegava em companhia dos pais, Nelson, mãe Maria e dois carregadores. Trajava um bonito costume de linho inglês, de cor alva, um sapato havana meio salto, lenço de seda grená a modo de turbante, um relógio de pulso caixa de ouro com alguns rubis, pulseira, um anel de ouro com uma grande água-marinha, brincos elegantes, óculos escuros e uma bonita rosa vermelha no lado esquerdo do peito. Ela e Nelson aproximaram-se de Luís. estenderam-lhe a mão e ficaram em animada palestra enquanto seus pais os reprovavam em silêncio. O motorista deu sinal de partida. Rosane e Luís se despediram com um abraço e trocaram beijos na face, o que não tinha a mínima importância, pois esse beijo pode ser dado em qualquer lugar, a uma pessoa amiga, Mas Camilo, pensando diferente, julgou ser falta de respeito, uma infâmia, uma desmoralização e saltou como um gato dando um pescoção em Luís, atirando-o ao chão enquanto gritava:

- Moleque audacioso, da próxima vez em que fizer isso eu o liquidarei. Minha filha não é osso para ser beijada por um cão como você.

Luís levantou-se e não respondeu. Ao ver tamanha estupidez, Rosane disse:

#### Capítulo V - Um beijo na face

- Meu pai, o senhor não tem direito de castigar Luís mas sim a mim que sou sua filha.
- Cale-se e tome seu lugar na jardineira. Do contrário receberá devida recompensa antes de chegar ao destino.
- Rosane sentou-se junto da janela e Nelson a seu lado. O motorista deu a partida e o veículo saiu lentamente. Luís correu lado a lado com a jardineira e gritou:
- Adeus Rosane! A senhora Santana proteja todos os seus passos, afaste de você tudo que for perigoso, dê severo castigo a quem lhe tocar um tio

#### de cabelo!

- Rosane, sem se incomodar com a presença e a fúria dos pais, agradecia a Luís aqueles bons augúrios e acenou a despedida. Depois caiu em choro

convulso, Dona Isaura, mal podia conter-se. Seus lábios tremiam, seus olhos penetrantes estavam como de cascavel, fixos em Rosane. Por fim, disse:

- Camilo hoje você conheceu a exatidão do que lhe disse a respeito de Rosane e Luís, não é?
- Sim, Isaura, você tem razão compreendi que ela está apaixonada pelo mestiço, mas creio que com esta estada longe daqui esquecerá disso, que não passa de ingenuidade de criança.
- Não penso assim, Camilo. Rosane já é moça e deve saber o que faz. Talvez tenhamos maiores aborrecimentos no futuro. Eles estão apaixonados a ponto de não respeitarem a nossa presença. Chegam a beijar-se em praça pública, isso é um horror um absurdo!
- Sim, Isaura, é uma humilhação, mas que vai acabar. Rosane arranjará namorado em Ouro Preto onde são muitos estudantes de valor. Rosane pensa que gosta do mestiço porque nunca saiu daqui um lugar de poucos rapazes obrigando as moças a pegarem o que vem na frente.

- Você é muito ingênuo! Quanto aos rapazes da alta sociedade como Odilon, filho do prefeito e outros mais a tem procurado e ela sempre recusou.
- A faca e o queijo estão em minhas mãos Isaura. Ela acabará fazendo o que eu quiser.

Os pais de Rosane estavam magoados com a filha por tê-la abraçado e beijado um mestiço, mas não lhe disseram nada nem a castigar por respeito à invocação que que Luís fizera Santana em favor da menina. A jardineira percorreu algumas ruas da cidade para ganhar estrada esburacada e poeirenta. Rosane continuava chorando baixo e continuamente em meio de soluços. Nelson passou um braço em torno do pescoço da irmã dizendo:

- Rosane, chore à vontade, desabafe. Às vezes as lágrimas servem de conforto. Desabafe o seu sentimento pensando que ainda terá dias Felizes ao lado de quem ama. Sei que Luís também sofre com a separação. Enquanto conversávamos, observei o seu abatimento. Você é feliz, Rosane, porque ambos sofrem muito. Pior é quando amamos, quando sofremos e não somos amados. Que amargura, que dor, que tristeza!
  - Obrigada Nelson. Você me consola com suas palavras.

A jardineira parou na usina Bananal para receber dois passageiros: um homem claro e uma mulher pálida, que ficaram de pé por falta de bancos. Nelson, pondo reparo em que a mulher estava em estado interessante, levantou-se, dizendo:

- Sente-se, minha senhora, por favor.
- Muito obrigada moço.

Nelson seguiu de pé, aguentando os desconfortos da estrada. Ao chegar em Vouaçu, estação da Leopoldina, desceram alguns passageiros ficando vagos alguns lugares. Foi quando o marido daquela senhora a chamou:

- Dedé, venha para cá e deixe o moço sentar-se. A mulher

#### Capítulo V - Um beijo na face

obedeceu e Nelson reconquistou seu lugar ao lado da irmã. A parada foi curta e a jardineira partiu. Outros carros mais rápidos passavam por ela escurecendo a estrada com a poeira levantada.

- Que motoristas malvados para que correr tanto em uma estrada como esta! - Exclamou indignada uma senhora gorda.

Riram todos até chegar à Usina Santa Helena onde puderam contar dez caminhões descarregando cana-de-açúcar. Nesse ponto, embarcaram três estudantes de uniforme azul-marinho, divisas escolares no braço, sapatos pretos, gravata da mesma cor, camisa branca e pasta na mão. Iam para o colégio de Ponte Nova. Rosane já não chorava e mesmo de vez em quando, esboçava um sorriso. Por fim, o motorista parou no largo da matriz e avisou:

#### - Ponto final!

Todos desembarcaram. Não fosse o excelente guarda-pó que Rosane usava, o seu costume branco estaria àquela altura amarelo como a açafrão.

- Hotel Glória, disse Camilo ao motorista de um carro.

Era esse um dos melhores hotéis da cidade e ali o senhor Camilo e sua família permaneceram três dias.

### CAPÍTULO VI

# **Tucano voador**

No dia seguinte ao da partida de Rosane circulava o jornal da cidade, órgão político, mas decente. Na primeira página em caracteres maiúsculos dizia: "A recompensa de um beijo!" Os pequenos vendedores apregoavam: "Vamos ler, vamos ler, a recompensa de um beijo".

Luís trabalhava de servente de pedreiro em uma construção. Ouvindo os gritos dos jornaleiros desceu do andaime, comprou um exemplar, dobrou-o e guardou para ler depois do almoço e continuou a carregar baldes de massa e de tijolos. Eis que se aproximou o encarregado da obra e perguntou:

- Luís, leu o jornal de hoje?
- Não senhor, comprei, mas ainda não li.
- Então não viu o título de sua reportagem?
- Minha reportagem?... O que o senhor quer dizer?
- Aqui está, leia.

Luís tomou o exemplar e leu: Embarcou ontem com destino a Ouro Preto o nosso amigo e correligionário, sr, Camilo Amorim e sua ilustre família. A bela garota dos olhos morteiros e Nelson, mantinham uma animada palestra com Luís José, seu ex-colega de aula e atualmente namorado de Rosane. Ao se despedirem trocaram abraços e beijos. O senhor Camilo, bufando como um touro arrancou Luís dos braços de Rosane dando-lhe um direto que o fez beijar a calçada. Rosane disse qualquer coisa

em favor de Luís e tomou a jardineira para cumprir uma ordem do pai. Assim mesmo ela acenou um adeusinho com a mão para Luís que ainda sacudia a poeira da roupa. Parabéns, Luís! você é que tem sorte. Muitos rapazes da nossa alta sociedade desejaria receber a mesma recompensa pelo beijo de um amor proibido, Todos os que presenciaram o incidente ficaram admirados com o bom gosto de Luís e o fraco gosto de Rosane! Uma linda jovem, filha da nossa melhor sociedade, moça rica, brevemente professora e orgulho da nossa cidade. Como revela-se tão pouco exigente ao namorar um carregador de baldes de barro?

- Repórter miserável! Por que me humilha diante da população? Porventura não sou digno de qualquer mulher do mundo? Porque considera-me um patife, um indigno, um homem sem valor para a sociedade? Hei de mostrar-ihe que homem de cor também é homem e merece respeito e consideração. Hei de pôr um osso na boca de quem me humilhar por causa de Rosane.

Durante o dia os pedreiros motejavam:

- Luís, você lavou a cara hoje?
- -Lavei. Por quê?
- Que pena! Se não tivesse lavado lhe daria um beijo!

Luís tinha educação e controle, Respondia sorrindo:

- A mim vocês podem beijar, mas a ela não.

Voltemos à nossa heroína.

Rosane e Nelson ficaram encantados com a beleza da cidade de Ponte Nova. Permaneciam horas e horas observando, da janela do hotel, os trens da Leopoldina, chegando e partindo da estação, vizinha do hotel. Observavam também as manobras, os apitos dos guarda-chaves que apitavam amiúde. Aproximava-se uma composição de oito carros, todos iluminados e superlotados.

- Está chegando o noturno do Rio de Janeiro.

#### Capítulo VI - Tucano voador

- Só porque vem do Rio apita mais bonito, hein Nelson?
- Não é isso, é que escolhem as melhores máquinas para os trens de passageiros.

Rosane e Nelson ficaram olhando o lufa-lufa de gente na estação, embarque e desembarque, os agenciadores gritando. Se dona Isaura não viesse intimá-los a ir para a cama passariam toda a noite à janela.

- Ah! seus peraltas, disse-lhes ela, sorrindo, já são vinte e quatro horas. Vão já se deitar.

Rosane conferiu seu relógio e saiu rindo-se de sua inexperiência.

- Ora bolas, ficar até tarde da noite olhando trens que chegam e que saem em vez de estar passeando no jardim ou na avenida apreciando os movimentos e conhecendo os costumes do povo! Amanhã faremos isto. Preciso ficar conhecendo bem esta cidade.

Mergulhou em profundo sono que todavia não durou muito. Sonhou que seu pai estava agarrando Luís pelo peito da camisa, com um punhal na outra mão, para matá-lo, Rosane deu um grito e se sentou na cama em pranto. Isaura acordou com o grito da filha e correu para o quarto. A moça já estava nos braços de mãe Maria.

- O que aconteceu, Rosane?
- Não é nada, Isaura, ela sonhava, foi um pesadelo explicou mãe Maria.

Rosane, pare de chorar. Deite-se e reze para seu anjo da guarda - ordenou Isaura.

Quando ela se retirou, mãe Maria perguntou:

- Rosane, com que você sonhava?
- Sonhei uma coisa horrível! Tenho medo, mãe Maria.
- Pode estar tranquila, minha filha. Nada lhe acontecerá. Você abusou, Rosane. É ainda uma criança e não deve se preocupar com o amor. Agora

durma sossegada.

- Não é isso, mãe Maria, não é por mim que temo. Sonhei que papai queria matar o Luís.
- Seu pai é um homem de bom coração. Em momentos de nervos é capaz de cometer desatinos como aquele da hora da partida. Mas depois que passa o estado de nervos, não tem coragem para maldades.

Mãe Maria afagava a cabeça de Rosane que, afinal, adormeceu. Às cinco da manhã o grande sino da matriz bimbalhou. Isaura ergueu-se e chamou o esposo que ressonava:

- Camilo?! Cinco horas, vamos à missa das seis?
- Sim, querida, podemos ir. Vá acordar os garotos.

Levantaram-se todos e prepararam-se. Às cinco e quarenta seguiam pela avenida em direção matriz.

- Bonita igreja! - exclamou Rosane.

Ao terminar a missa ficaram observando os ônibus que partiam do largo para Caratinga, Raul Soares, Manhuaçu, Viçosa, Pião Central.

- Vamos tomar este ônibus, disse o Sr. Camilo.
- Para onde vamos, meu pai? perguntou Rosane.
- Visitar a usina de açúcar.
- No ponto onde embarcaram os estudantes!

#### Capítulo VI - Tucano voador

- Não, Rosane. Aquela é a Usina Santa Helena. Vamos visitar a usina de Pião Central.
  - Quantas usinas há por aqui, papai?
  - Várias, Ponte Nova é chamada a "terra do açúcar",
- Então, todos que moram aqui devem de ser doce disse ela, sorrindo ao tomar o ônibus.
- Palmeiras, bonito bairro, não é? Lindo como as pérolas do meu colar.

Alguns passageiros sorriram e Isaura respondeu:

- Você sempre fazendo gracinhas, hein menina!
- Uai, mamãe! Não é preferível rir do que chorar? Não é melhor tomar guaraná do que chupar limão?!

O senhor Camilo sorriu e disse:

- Não adianta, Isaura, ela está certa. A vida não passa de simples brincadeira.
- Ao chegarem ao Pião Central puderam observar os movimentos da maquinária da usina e depois toram ao campo de aviação. Vendo um teco-teco vermelho e amarelo, Nelson correu para ele, gritando:
- Desta vez você não me escapa, seu tucano voador, sem me levar para uma voltinha!

O piloto achou graça naquela expansão e perguntou:

- Você é corajoso? Quer voar um pouco ou só tem prosa?!
- Ué! O que há no avião para me fazer medo? O senhor não anda nele?
  - Sim, eu vivo no avião.
  - Então, por que vou ter medo?

- Se quer ir, pode, Nelson autorizou o senhor Camilo.
- Nelson tomou lugar na nacele e o piloto colocou-lhe o cinturão, pôs o motor a funcionar e decolou lentamente para verificar se o passageiro desistia do passeio. Mas Nelson estava firme e comum sorriso nos lábios percebeu quando deixavam o solo, Depois de algumas voltas o aparelho aterrizou e Nelson desceu sorridente, glorioso, bradando:
  - Quero ser aviador, papai!
- Está bem, Nelson. Depois que você se formar poderá ingressar na força aérea.
- Nunca fará isso, basta o receio que senti aqui enquanto você voava! Disse Isaura, branca como uma folha de papel.
- Você não quer dar una voltinha, garota? perguntou o piloto à Rosane.

#### Ela sorriu e retrucou:

- Eu morreria de paixão se o senhor não me convidasse para um passeio.

#### Ao entrar no avião Rosane avisou:

- -Não quero dar somente uma voltinha aqui por cima do campo. Gostaria de também ir à cidade para conhecer bem o panorama.
- Iremos até lá! respondeu o piloto e lá se foram. Ao voltarem ao campo, disse o piloto ao senhor Camilo:
- Parabéns, meu senhor, seus filhos têm mais coragem do que muitos homens!

Rosane e Nelson despediram-se do piloto, dizendo:

 $\,$  – Muito obrigado, senhor piloto pelo prazer que nos proporcionou.

Ele, sorrindo, respondeu:

- Quando voltarem por aqui me procurem para novos passeios.

Enquanto caminhavam margeando a pista do campo, o piloto olhava-os e exclamou:

- Meu Deus! Que garota linda! Qual será o felizardo que se casará com ela? Ela desapareceu e o piloto nunca mais a viu. Nessa noite, Rosane e Nelson foram passear no jardim público como haviam planejado. Gostaram do movimento, dos jardins, das avenidas principais, estavam tomados inteiramente pela gente que ia e que vinha como formigas. Os namorados, sentados em bancos de marmorete no jardim ou passeando, conversavam animados. Alguns casais de braços dados cruzavam com Rosane e Nelson falando-se baixinho ao ouvido. Rosane contemplava essas liberdades de que gozavam as moças pontenovenses, enquanto ela,

pobre Rosane, só porque despedira-se do seu bem-amado com um beijo de amizade na face, quase o levara ao túmulo.

- Quem me dera, Nelson, que pudesse andar ao lado do meu Luís pela cidade! Seria tão feliz quanto essas moças. Mas o orgulho dos meus pais é a minha perdição. Julgam-me ingênua, me impõem severos castigos porque dei o braço a Luís! Que mal pode haver nisso? Aí está a prova de que as moças das cidades grandes podem fazer sem perder a confiança dos pais.

-Você tem razão. Os pais têm que depositar confiança em suas filhas. Mas não devem deixá-las à vontade pelas ruas como algumas destas moças.

Não julgue que todas são felizes! Algumas já perderam a dignidade, já perderam o pudor. Por que isso aconteceu? Simplesmente porque desobedeceram aos pais. Se já perderam o pudor, o que as espera no futuro?! Nossos pais têm razão, Rosane, é muito grande a responsabilidade dos pais em relação aos filhos perante a Deus e à sociedade. Não é necessário que você ande de braço com o Luís pelas ruas. Se vocês tencionam se casar, terão a vida toda para estar lado a lado, para passear às vistas de todos sem merecer censura. Assim é que deve de proceder a moça direita.

- -E se os meus pais não permitirem meu casamento com Luís? perguntou Rosane.
- Sim, Rosane, se eles não derem o consentimento, se não houver outro recurso, você se casara com outro rapaz ou ficará solteirona guardando a

sua dignidade. Nesse caso poderá ser tão feliz como se estivesse casada com ele.

- Está bem, Nelson, farei assim. Você me esclareceu acerca de coisas que eu desconhecia.

### CAPÍTULO VII

# **Buraco de tatu**

Na manhã seguinte a família Amorim seguiu para Ouro Preto. Pela primeira vez Isaura fazia essa viagem embora a desejasse desde muito. Era ardorosa admiradora do grande Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Apesar do desconforto do trem puxado por uma velha locomotiva que cobria os passageiros com fumaça, carvão e o característico e forte odor, Isaura sentia-se feliz e anotava todas as estações.

- Acaiaca! observou Camilo. Aqui perto corre o Rio do Carmo, de cujas margens os garimpeiros tiravam muito ouro e diamantes.
  - Então esta é uma zona diamantífera?
- Sim, Isaura, até já sucedeu que em dia de chuva uma garota encontrou pequeno diamante entre os pedregulhos da rua.
  - Que bom morar em uma terra assim rica!
- Não, Isaura, ela não é tão rica como julgas. O ouro, o diamante, tudo já se acabou e os garimpeiros continuam na miséria. Tudo quanto ganhavam gastavam pensando que sempre haveria mais ouro! Mas ele acabou!
- -E agora, que fazem os garimpeiros? perguntou, Isaura, cheia de curiosidade.
- Alguns voltaram para a lavoura, outros se espalharam pelo mundo. Essa é a recompensa dos aventureiros, concluiu.

- Isaura anotou a passagem de Mariana. Sede do histórico bispado, considerada a cidade dos Padres Santos. Como por exemplo o bondoso monsenhor Horta, que curava os enfermos e dava aos pobres a roupa do corpo para cumprir a lei de Deus. Era poderoso, tinha a seu lado a mão divina que lhe dava o poder de amansar e curar os homens na terra. Diante dele os mudos falavam e os aleijados andavam, daí, chamarem a Mariana a terra dos milagres.

locomotiva passou a jogar mais carvão do que antes, quando começou a subir a serra que separa Mariana de Ouro Preto. Ao chegarem à ex-capital de Minas Gerais, Rosane perguntou:

- E aqui, papai, que vamos ficar? Que lugar mais feio?! Isto parece mais um buraco de tatu do que uma cidade!

Ele, sorrindo, respondeu:

-Sim, Rosane, esta é a cidade celebrada por suas belezas naturais e artificiais.

Camilo havia alugado uma residência confortável na Praça Antônio Dias. Era uma casa antiga como quase todas as, casas de Ouro Preto, cidade que é patrimônio histórico e, portanto, sem qualquer traço de modernismo. Duas salas amplas, cinco quartos, cozinha vasta e banheiro, agasalharia a família. A sala de estar continha uma mesa de centro, quatro cadeiras e dois sofás. Os dormitórios estavam modestamente mobiliados, Tudo foi encontrado em perfeita ordem, pois, ao aluga-la Camilo contratara uma empregada por nome Letícia para cuidar da arrumação. Leticia havia trabalhado com carinho e verdadeiro capricho para receber os patrões que ainda lhe eram desconhecidos.

- Letícia, qual o meu quarto? Preciso descansar um pouco. - disse Rosane.
- Sim, meu amor respondeu ela sorrindo. Seu quarto está pronto, vamos vê-lo!
- Ao entrar no quarto Rosane ficou surpreendida com a pintura rosa de barrado branco. Uma cama de solteiro, um lençol, uma fronha de linho muito alva, um cobertor de lã, uma pen-

#### Capítulo VII - Buraco de tatu

teadeira, uma cadeira, um criado-mudo com um pequeno rádio, um guarda-vestidos. Na penteadeira uma jarra de porcelana com um bonito buque de flores naturais. Rosane, abraçando Leticia disse-lhe:

- Este quarto está um encanto! Você é ótima decoradora!
- Obrigada, espero que goste de mim o quanto gostei de você. Você é linda como o seu nome, Rosane. Agora vamos, que o seu banho está preparado. Depois do jantar descansará sossegada.

Ao terminarem o jantar Rosane foi para o quarto, não porque estivesse cansada, mas porque sentia forte dor no coração por ter deixado Luís centenas de quilômetros longe. Teria de passar um ano sem vê-lo. Um ano penoso e longo. Nesse momento sentiu-se revoltada com o desejo de ser professora! "Mil vezes que tivesse ficado na fazenda! Não seria professora, mas pelo menos todos os domingos poderia ver Luís em casa de soas amigas, conversar com ele, abraçá-lo, beijá-lo! Que prazer, quando ele me aperta em seus braços!"

Os olhos morteiros da menina ficaram marejados de lágrimas. Enquanto enxugava as lágrimas com um lencinho branco, teve despertada a atenção pelos sinos da igreja de Nossa Senhora da Conceição badalando a Ave Maria. Saltou da cama rapidamente e decidiu:

- Vou à igreja rezar pelo meu querido Luís. Vou pedir a Deus por ele!

Rezou muito e ficou impressionada com a magnífica construção da igreja. E daí por diante começou a percorrer todas as igrejas. Como a de Santa Efigênia, a de Nossa Senhora do Carmo com suas molduras em alto relevo de ouro, preciosa relíquia do império português, a de Nossa Senhora do Rosário, a de Nossa Senhora do Pilar, a do Bom Jesus, e muitas outras.

Isaura foi visitar a Praça Tiradentes lendo com interesse todas as referências e citações do monumento.

- Grande homem, és orgulho dos brasileiros! - disse ela ao deixar a Praça para visitar o museu vizinho. Estudou com curio-

sidade os objetos expostos e percorreu folha por folha os arquivos referentes aos heróis Tiradentes, Marilia e outros. Por fim, encontrou a história do famoso Chico Rei, o "escravo libertador". Exclamou:

-Olhe aqui, Camilo! como pode um escritor incluir a história de um escravo num livro honrado como este! Vamos embora, estou satisfeita!

A senhora está enganada, mamãe, disse Rosane. Este rei também é honrado. Libertou a sua tribo da escravidão!

Isaura não respondeu. Seguiu cabisbaixa, pisando firme por recear um escorregão nas pedras lisas dos passeios das ruas montanhosas.

Rosane e Nelson iniciaram os estudos. Rosane fez-se amiga de uma colega de classe, chamada Silvia Tula, a Tulinha, como era mais conhecida. Tulinha era clara, de olhos e cabelos castanhos, corpo franzino e esbelto o que lhe dava silhueta bastante elegante. Pertencia a uma família da alta sociedade local. Seu pai, Dr. Américo da Silva Tula e sua mãe, Ana Ramalho Tula, por conveniências de família, haviam se mudado para o Rio de Janeiro deixando Tulinha com sua tia, Dona Maria Ramalho, viúva, sem filhos e em boa situação financeira. Tulinha gozava de total liberdade. Namorava a quem lhe agradasse, ia aos bailes familiares, ao cinema, ao teatro, ao circo, experimentava todos os brinquedos dos parques de diversões. Na ocasião, namorava um comerciante, proprietário de várias lojas.

Tulinha estava nos quinze anos e não podia casar-se como era desejo de Júlio, seu noivo, que todos os dias a apanhava no ginásio e a levava para Casa em seu carro. Todos os "filhos da Candinha" batiam com a língua nos dentes murmurando que dona Maria abusava ao confiar demais em Tulinha, uma adolescente inexperiente, nada sabendo acerca do bem e do mal, namorando Júlio, um verdadeiro dom-joão, um homem perigoso. E dona Maria consentindo que ele leve Tulinha ao cinema e a outras diversões, regressando às nove ou as dez horas da noite. Algumas mulheres chegaram mesmo advertir dona Maria à respeito, dizendo:

-A senhora deve tomar precauções. Tulinha está se arris-

#### Capítulo VII - Buraco de tatu

cando muito com o Júlio. Ele não é pessoa digna de tamanha confiança.

Dona Maria respondia-lhes, torcendo os dedos da mão como era de hábito:

-Vocês estão enganadas. O Júlio é um rapaz distinto, merecedor de toda minha confiança. E Tulinha, que dizem ser ainda uma criança tem mais juízo do que vocês, senhoras maduras, que por fora estão limpas mas no íntimo estão sujas como uma vara de porcos.

Dona Maria tinha razões para confiar a sua pupila ao comerciante, que na realidade era um homem perigoso, causador de muitos desgostos na família ouropretana, mas que não desejava fazer mal à Tulinha. Amava-a sinceramente e a queria para esposa. Daí que com ela nunca passará de um simples beijo dado com todo respeito nos lábios finos e provocantes da Tulinha. Esta, por sua vez, mal e mal permitia que ele tocasse em seus braços ou em seu rosto.

Certo dia Tulinha e Rosane passeavam pela avenida São José quando a primeira convidou:

-Vamos tomar um café nesta confeitaria?

Entraram e ocuparam uma mesa junto da porta. Acercou-se uma garçonete de pequena estatura, loura, olhos azuis.

- Olá, meu bem, você está sumida! disse, pondo a mão no ombro de Tulinha. Esta fez a apresentação de Rosane. A garçonete perguntou:
  - O que desejam tomar?
  - Traga salada de frutas! pediu Tulinha.

 ${\bf A}$ garçonete se retirou e pouco depois voltou com a salada pedida.

-Rosane, - disse Tulinha - vamos ao cinema? Gostaria de apresentar meu namorado. Você vai ver que encanto de homem!

### Quando passo com ele

pela rua as outras moças, despeitadas, põem-se a dirigir-lhe gracejos. Você verá como é simpático.

- Não prometo ir. Quase não saio e talvez mãe Maria não consinta que eu vá ao cinema.
- Irei com você à sua casa e pedirei licença a sua governanta.
  - Está bem, Tulinha!

As amiguinhas foram direto à casa de Rosane.

- Mãe Maria, disse Rosane, esta é uma colega de classe e grande amiga, Silvia Tula.
  - Muito prazer, Sílvia, quer ter a bondade de sentar?
- Muito obrigada, Mãe Maria, a minha visita não é longa. Apesar de ainda não termos grandes conhecimentos, venho pedir-lhe que de licença à Rosane para ir ao cinema comigo. Ficarei muito grata se a senhora permitir.
  - Está bem, Silvia.
- Outro favor mãe Maria, gostaria de que também me chamasse Tulinha, como todos.
  - Se Nelson for, Rosane pode ir com você, Tulinha.
  - Quem é esse Nelson?
- É meu irmão, ele também estuda. Não demora a chegar e quero apresentá-lo a você. Enquanto esperamos vamos para o meu quarto. Já no quarto Tulinha observou:
- Rosane, não fica bem que o seu irmão siga seus passos. Estando a seu lado os rapazes ficarão sem jeito de falar com você. E você precisa arranjar um bom companheiro para sairmos juntas. Assim estaremos ambas em absoluta segurança.

#### Capítulo VII - Buraco de tatu

- Não, Tulinha! Não posso arranjar namorado aqui. Tenho namorado em minha terra.
- Essa é boa! Acha que ele vai ficar esperando por você esse tempo todo, chupando o dedo, sem arranjar outra namorada!? Você é muito tolinha, mas vou pô-la afiada. E é pena que seu irmão saia hoje conosco, se não hoje mesmo eu lhe arranjava companhia concluiu sorrindo.
- Mas eu lhe agradeceria e não aceitaria esse par. Nenhum outro homem faz as vezes do meu Luís, que sofre por mim o mesmo que eu sofro por ele. Por que hei de arranjar outro namorado se ele me é fiel? Olhe, aqui está uma fotografia dele.

Tomando a foto Tulinha assoviou:

- Oba! é um mulato de se lhe tirar o chapéu!

Nas costas da foto vinha escrito:

"À minha querida Rosane: Se eu fosse um beija-flor, que bem soubesse voar, na Praça Antônio Dias, eu ia para lhe beijar, O sofredor Luís".

Rosane mostrou à Tulinha uma carta, na qual Luís agradecia o lindo presente que ela lhe havia enviado, entre os quais fotografia acompanhada

pelo cacho de cabelos. Quando Tulinha terminou a leitura e devolveu a carta, Rosane perguntou:

- O que acha do meu Luís?
- Ótimo rapaz, apenas um pouco simples demais.
- Sim, Tulinha, é pobre e tem pouca cultura, mas é bom, amável e educado. Infelizmente meus pais odeiam-no.
  - Por quê? perguntou a outra.
- Simplesmente porque consideram-no preto. Tenho sofrido muito por causa dele. Não fosse Nelson ser um verdadeiro

amigo, nem sei o que seria de mim.

- Mas Luís não é preto, Rosane. É um mulato até muito bonito. Mesmo que fosse preto retinto e você gostasse dele, seus pais teriam que dar consentimento para casar-se com ele. É você que deve escolher seu futuro esposo. Eu tenho toda liberdade nesse terreno. Já namorei um rapaz quase preto e minha madrinha nunca me observou por isso.
- Sim, Tulinha, também penso assim. Você é feliz, sua família não tem preconceito de cor.

Nesse momento Nelson chegou à porta do quarto. Rosane fez as apresentações. Ficaram por alguns segundos segurando um a mão do outro enquanto seus olhos não se desviavam.

- Nelson, disse Rosane, Tulinha convidou-nos para o cinema.

Nelson, dirigiu-se à Tulinha perguntando:

- Você vai só ou tem companheiro?

Ela ficou calada com um sorriso embaraçoso nos lábios. Mas Rosane adiantou a explicação:

- Ela vai com o noivo.
- Se é assim agradeço o convite, mas não vou.
- Por que, não lhe agrada sairmos todos juntos?
- Não, Tulinha, não é isso que pretendi dizer. É o seguinte: se você não fosse noiva, eu seria seu noivo de hoje em diante. Ai, sim, poderíamos ir ao cinema. Eu gostaria mais de sentar ao seu lado do que ao lado de Rosane.

Houve uma risada entre os três, saudando a franqueza com que Nelson declarou-se à Tulinha. Tulinha deu um tapinha carinhoso no rosto dele e concluiu sorrindo:

- Está bem, eu farei como você quer. Deixarei de ir com o

meu namorado para ir com vocês.

- Assim eu vou! Exclamou Nelson e saiu sorrindo, para o seu quarto. Foi tirar o uniforme de escola e vestir um elegante costume azul marinho. Quando ele deixou o quarto, Tulinha dirigiu-se à Rosane, dizendo:
  - Seu irmão é lindo! Vou acabar me apaixonando por ele!
  - Pois será ótimo, Ele não tem namorada.
- Serei a namorada dele, de hoje em diante respondeu Tulinha já nos braços da amiga. E continuou:
- Rosane, amanhã você irá à minha casa. Quero lhe mostrar uma porção de livros que são uns amores: "Nos acordes do violino", de Anésia Ramos. "Pinguinho de gente", de Gilda de Abreu e muitos outros de diversos autores.

Nisso o grande relógio de parede assinalou cinco badaladas.

- Cinco horas! disse Tulinha. conferindo o seu bonito relógio-pulseira de caixa de ouro. Querida, vou-me embora!
  - Não Tulinha, vamos jantar primeiro.
- Não, meu bem, fico muito obrigada, mas vou para me preparar. Espero vocês em casa.
  - Iremos. Pode esperar.

### CAPÍTULO VIII

# O cavaleiro da lua

Em casa, dona Maria esperava-a aflita:

- Tulinha, você demorou muito hoje, minha filha. O Júlio já telefonou duas vezes e ficou de chamar depois.
  - Madrinha, hoje não vou sair com ele.
  - Porque filhinha, vocês brigaram?
- Não, madrinha, ainda não nos vimos hoje. Mas vou sair com uma amiguinha e seu irmão.
- Se você sair em companhia de outro rapaz o Júlio ficará zangado.
- Não tem importância, aconselharei que tome vacina contra raiva.

O telefone tocou e ela atendeu:

- É você, Tulinha? Aqui é o Júlio. Como vai, meu doce amor?
  - Eu vou bem e você?
- Ainda estou respirando. Querida, vamos ao baile na sede do Ideal?
- Querido, você vai me perdoar, mas hoje não posso sair com você.

- Por quê, minha flor?
- Devo ir com uma amiguinha à nossa costureira.
- Levarei vocês de carro e depois iremos a baile.
- Não, querido, hoje não posso sair com você. Amanhã falaremos.
  - Tulinha, você está se esquecendo do meu...
- Nada, meu bem. Só que não posso sair com você hoje. Assumi compromisso com minha amiguinha. Até amanhã e passe bem.
  - Tulinha, você se esquecendo do meu...
- Perdoa-me querido, estou aflita porque minha amiga já está à espera. Para você, aqui vai um beijo pelo telefone.

Desligou e apressou-se para trocar a roupa. Escolheu um vestido verde turquesa enfeitado de lantejoulas, sapatos pretos de fino acabamento. Para a maquiagem preparou a pele com uma massagem para depois aplicar batom, ruge, pó de arroz, esmalte e um encantador tratamento no cabelo permanente. Vaidosamente, mirou-se várias vezes ao espelho, grande o suficiente para mostrar-lhe todo o seu belo e cobiçado corpo. Não satisfeita com o próprio julgamento foi à sala de estar à procura de dona Maria, Como de hábito parou a três passos da madrinha e depois voltou-lhes as costas.

- Ótimo, Tulinha, você está linda como os anjos!
- Quem me dera ser um anjo! Todos os homens ficariam apaixonados! -respondeu ela, sorrindo modestamente.

Nelson e Rosane apareceram, modestamente trajados. Tulinha já estava à espera. Saíram em seguida. Nelson ia ao lado de Tulinha mantendo com ela uma animada palestra. Ao começar a projeção do filme Nelson passou o braço por trás da cadeira de Tulinha e com a mão comprimia-lhe o ombro atraindo-a. Ela reagiu, dizendo:

- Não faça isso! Todos ficam olhando.

Nelson retirou o braço como se aborrecido. Mas, sem ela esperar, puxou-lhe o queixo e beijou-lhe os lábios, rapidamente. Acrescentou em seguida.

- Não zangue comigo, Tulinha. Esta é a primeira vez que beijo uma mulher em toda minha vida. Agora estou certo de que não pode haver melhor coisa do que o primeiro beijo!
- Não creio que seja eu a primeira moça que você beija. Já vi tudo, mas não tomarei isso em consideração, respondeu ela, sorrindo.

Ao saírem do cinema Nelson perguntou:

- Tulinha, você vai continuar saindo com seu noivo ou prefere minha companhia?
- Nelson, estou gostando de você, Júlio não é meu noivo oficial. Eu o escolhi para namorado até que apareça o cavalheiro da lua que será o dono do meu coração. Se você pretende ser sincero, amanhã mesmo terminarei meu compromisso com ele. Mas não vá me pregar uma peça, hein?! Preciso de me casar logo que termine os estudos.
- Eu me casarei com você, Tulinha! Amanhã mesmo, se você quiser. Nunca arranjei namorada porque não gosto de brincadeira e não aprovo o procedimento de muitas jovens que ficam de namorisco com todos os rapazes. Comigo tem de ser diferente. A moça deverá ser digna e respeitadora pois, do contrário não me serve. Quero casar-me, construir um lar sólido para ser feliz e não para ser facilmente desmoronado. Se você quer ser a minha companheira, se se dispõe a ser honesta, vamos ver se podemos nos casar. Mas se você acha demais as minhas condições pode ser franca e recusar. Continuarei sozinho como até aqui!
- Oh! querido, para quem eu irei se o deixar? Você tem todos os sentimentos bons que uma moça procura. Sinto-me feliz e muito feliz em tê-lo encontrado a tempo!
  - No dia seguinte Tulinha telefonou para o escritório de

Júlio. Quando este atendeu, ela disse:

- Usei o telefone para ser sincera com você.
- O que foi que houve, querida? Perguntou ele com a voz sumida na garganta.
- A partir de hoje não posso mais falar com você. Encontrei o rapaz que é o meu ideal. Sou grata pela atenção e o carinho com que você me tratou. Fico muitíssimo obrigada e lhe desejo muita felicidade.
  - Tulinha, Tulinha...

Ela desligou o telefone sem mais palavras. Júlio não satisfeito com tais explicações foi imediatamente ter com ela em casa. Tudo foi em vão. Saiu da sala desesperado por ter sido preterido. Dona Maria perguntou à Tulinha:

- Minha filha, o que houve entre vocês? Você não dizia que o amava.
- Madrinha! Eu o queria como um bom companheiro para bailes e outras diversões, mas não para casar-me com ele. Com quinze anos não posso

casar-me com um rapaz de vinte oito.

- Está bem, filhinha, sua alma, sua palma! O seu coração é que faz a escolha do seu dono.

Rosane e Nelson iam pela rua e discutiam o sucedido na noite anterior.

- Tulinha é boa amiguinha, não é Nelson?!
- É ótima, Rosane e será também uma excelente dona de casa. Saiba que ela me levará ao matrimônio se tiver persistência.
  - Isso me põe admirada, porque você nunca namorou an-

tes.

- -Sim, Rosane. Nunca namorei porque não encontrava moça do meu agrado. Agora conheci Tulinha. Parece ser boa menina, calma, sincera, ajuizada, muito agradável e educada: Se ela for sincera nos casaremos mesmo antes de terminar o curso.
- O prazer é todo meu, Nelson, assim podemos ficar juntas o resto da vida.
  - Obrigado, Rosane.

Quando Tulinha chegou da aula, dona Maria estava ao telefone atendendo ao chamado de um desconhecido que dizia ter necessidade de falar com Tulinha.

- Tulinha? gritou ela Estão chamando por você ao telefone
  - Ela correu julgando tratar-se de Nelson.
  - Alô! quem fala? perguntou.
  - Sou Odair responderam Como vai, Tulinha?
  - Bem, obrigada. E você?
- Felizmente bem, Tulinha, diga-me, quem é aquela garota que estava ontem com você e um rapaz no cinema?
- É uma amiguinha chegada há pouco à cidade. O rapaz é irmão dela. São estudantes.
- Tulinha, faça-me um favor. Arranje um modo para eu falar àquela garota. Ela é um brinco, um amor! Fique sabendo que a minha felicidade depende de você passar uma conversa nela por mim.
- -Odair, poderei apresentá-la, mas creio que será difícil conquistá-la.

- Porque diz isso, Tulinha? Serei tão feio assim?!
- Não é isso Odair. Quero dizer que ela deixou namorado em sua terra e pelo que sei estar apaixonada por ele.
  - De que cidade é ela?
  - Pois é de sua terra.
- Terra de minha terra, sangue do meu sangue e eu não a descobri! Tulinha, você diz a ela que desejo ser apresentado, pois sendo conterrâneos devemos ser bons amigos.
- Está bem, Odair. Falarei com ela. Volte a telefonar às seis da tarde e lhe darei uma resposta.
  - Ótimo, Tulinha, você é mesmo um anjo!

Tulinha esperava Rosane, para lerem juntas um bom livro e conversarem. A noite esperava Nelson para uma voltinha pela Avenida São José.

- Rosane disse Tulinha há aqui um rapaz, estudante de direito, que é da sua terra. Chama-se Odair, é filho do coronel Cena você conhece?
  - Não, para mim são estranhos.
- Pois vai conhecê-lo! É ótimo rapaz e de seja ser apresentado a você. Creio mesmo que lhe seria um bom par. Iríamos passear todos juntos, eu e Nelson, você e ele.
- Tulinha, não pretendo arranjar namorado aqui. Quero terminar os estudos o mais breve possível e voltar para Luís, casar-me com ele e viver

#### feliz.

- Rosane, não se pretende que você abandone Luís, mas apenas que arranje um companheiro para melhor passar o tempo durante a sua estada aqui. Quando terminar os estudos dá o fora no futuro advogado e vai unir-se a quem ama.

### Capítulo VIII - O cavaleiro da lua

- Não, Tulinha. Quase sempre a aventura não é assim tão simples. Pode causar complicações, pode me dar dor de cabeça no futuro.
- Que dor de cabeça, que nada. Você vai é falar com o rapaz. Não me decepcione! Confio em você. Sei que é menina educada e amável, O rapaz

também é meu amigo de consideração. E lindo, Rosane. Você vai gostar muito dele.

Rosane seguia, percorrendo lentamente as folhas do livro, não dando a mínima importância ao que lhe dizia a amiga. Mas Tulinha não se deu por vencida. Prosseguiu:

- Você não gostaria de conhecer o rapaz? Não teria satisfação em apertar a mão de um conterrâneo?
- Sim, Tulinha, mas como simples amigos, não como namorados.
- Você tem que mudar de pensar, Rosane. A vida é o que a gente leva, Se levar uma vida de alegria ela será um prazer, mas se preferir uma de amargura ela será um contínuo sofrimento. Vamos aproveitar enquanto é dia, porque a noite vem aí. Se chegarmos a ser vovós não teremos remorsos por haver desperdiçado o bom tempo da mocidade. Você, assim, ficará velha depressa. "Tanta dedicação àquele rapaz não passa de superstição e a superstição é astúcia do diabo. Vou dizer agora mesmo ao meu amigo que nos espere na porta do cinema.

Ela terminou a frase e saiu correndo para o telefone.

- Não.... Tulinha! gritou Rosane. Não faça isso que me aborrecerei com você. Se atrapalho seu passeio, voltarei para casa e você sairá só com o

Nelson.

Sorrindo, Tulinha respondeu:

-Você não é importuna, querida. Sinto prazer em sua

companhia. Sei que não vai se aborrecer comigo por isto apenas. Não estou querendo obrigá-la a falar com o rapaz. Gostaria, sim, de apresentá-lo a pedido dele mesmo.

- Não, Tulinha. Não quero namorado aqui. Prefiro viver só.

Tulinha não lhe deu ouvidos. Já estava fone no ouvido, dizendo:

- Odair! Ela já está aqui. Espera por nós na porta do cinema às sete e trinta.

Ele ainda perguntou qualquer coisa e ela respondeu afirmativamente, Tirando o fone do ouvido, disse:

- Rosane, Odair quer falar com você.

Rosane, sendo de fina educação, não se opôs. Fechou o livro e foi atender, sentindo um pouco de ódio pela amiga.

- É Rosane?
- Sim, sou Rosane!
- Muito prazer, senhorita. Telefonei à Tuliuha que é minha boa amiga pedindo-lhe que nos apresentasse. Somos da mesma cidade e me parece

que devemos ser amigos.

- Sim. senhor Odair. Terei prazer em tê-lo amigo. Vai ao cinema? Irei com Tulinha e com o meu irmão.
  - Posso esperá-la na porta às sete e trinta?

Ela meditou um pouco e respondeu:

- Sim.

Ao ouvir sua resposta Tulinha agarrou-a e suspendendo-a disse:

### Capítulo VIII - O cavaleiro da lua

- Você é um amor, Rosane! Não esqueça de que o rapaz também é pessoa fina.

E neste momento Nelson tocou a campainha. Tulinha foi recebê-lo ao pé da escada e subiram juntos, contando degrau por degrau.

- Madrinha, este é o irmão de Rosane! - indicou ela com um gesto.

Dona Maria recebeu-o de bom grado como, aliás recebia todos os namorados de Tulinha. A sala era modestamente mobiliada com peças coloniais de perfeito acabamento. Sobre a mesa do centro uma estatueta. Das paredes pendiam quadros de santos e retratos de pessoas da família.

Um piano espanhol de tom escuro.

- Bonito piano disse Nelson.
- Bonito e bom! assegurou dona Maria Sabe tocar?
- Um pouquinho.
- Quer experimentar.
- Quero, sim!

Nelson sentou-se ao piano e executou a valsa "Saudades de Ouro Preto".

- Muito bem, queremos outra! - pediu dona Maria.

Ele executou "A última inspiração" e parou porque Tulinha estava tão

apaixonada, tão colada ele que o impedia de correr os dedos pelas teclas.

Dona Maria era professora de piano e aumentou o número de seus alunos com Nelson e Rosane que também queriam melhorar suas qualidades artísticas. Tulinha entrou para a sala de

jantar, foi à cristaleira, tirou quatro taças de cristal e uma garrafa de uísque. Convidou os visitantes para a mesa e serviu a bebida propondo:

- Vamos brindar a Rosane!

Todos tocaram as taças e beberam, menos Rosane que apenas sorveu um gole.

- Beba tudo! intimou Tulinha.
- Não! Não estou acostumada receio que

me faça mal.

- Isto não faz mal! A dose é pequena.

Tulinha insistia, não porque fosse perversa, mas, para que Rosane se pusesse mais alegre e desembaraçada com Odair. E seu plano deu certo.

Para não parecer desagradável Rosane esvaziou a taça.

- Agora, vamos que já são sete horas! - disse Tulinha, levantando-se.

Saíram os três. Tulinha ao lado de Nelson, tão próximos que seus pés se embaraçavam.

# CAPÍTULO IX

# Línguas de matraca

Chegando ao cinema Rosane foi apresentada a Odair que esperava ansioso. Odair era um rapagão alto e forte, de olhos azuis, cabelos loiros e ondulados. Trajava um costume de linha creme, camisa branca, gravata ilistrada, sapatos havana e branco. Ao apertar a mão do rapaz Rosane sentiu um frio na espinha dorsal. O seu coração batia descompassado e, era com certa dificuldade que respirava. Mesmo assim mostrou-se amável e educada, conversando animadamente com o rapaz enquanto Tulinha e Nelson observavam os cartazes do filme. Odair sentou-se ao lado de Rosane, não se ocupando em assistir ao filme, mas sim, em conquistar a simpatia da garota. Evitou tocar em assuntos relativos ao amor, tendo presente a observação feita de que o recebia como amigo. Falaram sobre sua cidade, sobre o povo, a vida do campo – assunto predileto de Rosane que amava a natureza, gostava de viver em liberdade apreciando perfume das flores, as águas não contaminadas, os cavalos sangue puro. Tudo isso ela recordava enquanto Odair lhe assoprava ao ouvido esses temas. Tornaram-se amiguinhos.

- Nelson, algo preocupado com a irmã, disse:
- Tulinha, estou admirado! Rosane nunca procedeu assim. Está de prosa animada com esse tal Odair.
- Naturalmente, são conterrâneos. Respondeu ela para despistar.
  - Mas ela não liga nem aos rapazes da nossa cidade, a não ser o Luís.

- Terá mudado de ideia e deseja um namorado provisório.
- É, talvez seja isso. As moças não ficam sós quando ausentes quem as ama.
  - Então você nos tem como fingidas ou levianas?
- Desculpe-me, Tulinha, mas não é isso que pretendi dizer. E que há mais facilidade para as mulheres desabafarem o seu sentimento em companhia de outro homem. E isso o que ela está fazendo. Estou seguro de que neste instante ela não se recorda da existência de Luís. Você fará o mesmo quando longe de mim.
- Está enganado, muito enganado! Eu sofreria o mesmo que sua irmã está sofrendo! Pensa que ela ouve Odair porque o ame? Não, ele é meu amiguinho e pediu-me para ser apresentado a vocês. A Rosane não quer namorado aqui, mas isso não quer dizer que fique isolada de todo contato social. Pode muito bem falar com rapazes. ir a bailes, Cinema passeios. Qual prazer pode ter na vida a moça que fica só em casa, no trabalho, na aula e nos passeios? Quer dizer que ela irá para um convento se o abandoná-la!?
  - Mas Rosane tem compromisso com o Luís.
- Sim, eu sei, mas isso não a proíbe falar com outro rapaz desde que não assuma novos compromissos. Não será por conversar que ela vai perder sua dignidade. Observe como ela está mais alegre.
- Tulinha, você tem razão. O rapaz ou moça na flor da idade não deve ficar sozinho, isolado do mundo. Estive assim quinze anos, esperando encontrar a moça que me satisfizesse. Agora me sinto feliz porque encontrei você. Rosane vive aborrecida por causa do Luís. Temo que venha a abandonar os estudos por causa dele. É bom mesmo que se distraia um pouco com outro rapaz até que complete os estudos.
- É minha opinião querido! Sábado haverá um grande baile no Aeroclube. Poderíamos ir e convidar Odair e Rosane. O clube é familiar, sempre vou aos seus bailes em companhia da madrinha ou mesmo Júlio...

### Capítulo IX - Línguas de matraca

- Esse nome já morreu para nós, sim?
- Sei disso, Nelson, mas é preferível que eu lhe diga do que os "filhos da Candinha", as línguas de matraca. Se você for, dançarei somente consigo.

## Ou você não gosta de baile?

- Não seu propriamente um rapaz do século passado. Gosto de baile como de qualquer diversão. Basta que o lugar seja decente. Iremos a esse baile se Dona Maria der permissão. Levarei Rosane, mas não convidarei Odair para que não pense que estou lhe oferecendo minha irmã. Se ela desejar que ele vá poderá convidá-lo.
- -S e ela o fizer creio que ele aceita, pois está interessadíssimo nela. Vou sugerir a ela que o convide. Vamos nos divertir todos juntos e ela ficará

animada. Uma garota linda como Rosane não pode estragar o tempo, deve gozar a vida, não acha, querido?

- Não sei não, Tulinha, pior é quando goza e fica no gozo!

Tulinha sorriu e foram saindo do cinema. Rosane parecia mais contente, desembaraçada, pois o rapaz até então não lhe havia dirigido uma só palavra de amor. Moça ingênua que era julgava ser simples amizade. Não suspeitava que ia caminhando para uma armadilha. Consentiu que ele a acompanhasse até a casa de Tulinha.

- Se não sou importuno, prometa-me um encontro amanhã à tarde. - pediu Odair, fitando-a nos olhos.

Ela desviou o olhar e não respondeu. Odair esperou alguns segundos e concluiu:

- Talvez minha companhia lhe seja desagradável, talvez lhe cause mal, uma grande contrariedade. Se for isso que lhe sugiro, peço desculpas por tantas horas de aborrecimento.
  - Não é isso, Odair. Para min foi um prazer estar a seu

lado. Você merece todas as considerações, mas não fica bem que você perca seu tempo comigo, pois estou comprometida, Existem tantas moças aí na cidade que podem corresponder ao que você merece.

- Sim, Rosane, na verdade existem muitas moças por aí, todas boas pequenas. Mas, para mim só existe uma, e essa é você. Se você não quer sair para um passeio e preferir assim eu irei à sua casa. Quero mesmo conhecer sua governanta.
- Está bem, Odair. Terei prazer em recebê-lo em minha casa, Espero-o por lá. Porém repito que não passaremos de simples amiguinhos.
- Pois tenho prazer em ser simples amiguinho seu. Podemos ir ao baile, ao cinema, gozar a vida, não é?
  - Talvez respondeu ela, sorrindo.

Tulinha e Nelson conversavam animados, debaixo de uma árvore, dez passos da porta de casa. Nelson afogava-lhe a mão, trocaram um beijo rápido e despediram-se. Tulinha ficou de pé à porta enquanto Rosane caminhava entre Nelson e Odair. Separaram-se na Praça Tiradentes. Ao chegar casa, Rosane foi ao quarto de sua governanta, encontrando-a de joelhos, a rezar um terço, pedindo proteção para as crianças que ela chamava de filhos. Rosane não a interrompeu, sentou-se na cama e esperou. Antes que ela fizesse qualquer pergunta Rosane adiantou:

- Atrasamo-nos hoje porque encontramos um rapaz de nossa terra. Chama-se Odair de Paula Sena, é filho do coronel Paula Sena. Não conheço o coronel, mas dizem que é dono da Fazenda Paraiso. Odair está aqui estudando direito e virá no ver amanhã, para conhecê-la.
- Já o conheço respondeu ela. Lembro-me de quando era pequenino. Conheço também seus pais. São os fazendeiros mais ricos da zona. O coronel Sena é homem bom. Trata os empregados com a mesma atenção que dispensa a seus amigos.
  - Então, mãe Maria, ele não tem preconceito de cor?

### Capítulo IX - Línguas de matraca

- Não, não distingue branco de preto nem preto de branco. Todos comem juntos à sua mesa.
- -Bem que observei Odair. Quando se referia aos empregados da fazenda, falava com simplicidade e simpatia. Fui ao cinema com ele. É ótimo rapaz e quer ser meu namorado. O que devo fazer, mãe Maria?
- Não sei Rosane. Esse assunto não me cabe. Resolva como lhe convier. No que não consinto é em que você fique na rua até tarde da noite, mesmo

se em companhia de Nelson.

-Não me esquecerei, mãe Maria. Agora vou me deitar. Boa noite!

Nesse momento o telefone chamou. Rosane foi atender. Era Tulinha que dizia:

- -Rosane, estou muito contente com você pela atenção com que tratou Odair. O que você me diz dele?
- Ora, que pergunta engraçada, Tulinha! É muito agradável, um amor mesmo para quem esteja à procura de um anjo. Sinto que o filme não fosse mais comprido.

Houve uma risadinha na outra extremidade da linha, após o que Tulinha continuou:

- E você decidiu falar novamente com o rapaz ou vai perder essa oportunidade?
- Ainda não sei. A esse respeito quero consultar o traves-seiro que é o nosso melhor Conselheiro.
  - Está bem, Rosane. Agora vou pedir uma coisa, você faz?
- Se estiver ao meu alcance, com todo prazer. Diga-me de que se trata!
  - Sábado haverá um baile no Aeroclube, Eu e Nelson já

combinamos ir. Quero que você convide o Odair.

- Eu? Eu?!... convidar um rapaz para ir ao baile?! Você está ficando louca! Jamais farei isso!
- Não há mal algum, tolinha, em que você convide um rapaz para ir ao baile. Eu mesma já convidei Nelson e ele aceitou.
- Pois convide também o Odair. Eu é que não farei convite a rapaz algum, nem mesmo ao meu Luís.
- Rosane, queria que você fosse ao baile conosco. Sei que você gosta de dançar,
- Gosto muito de bailes, Tulinha. Se Odair me convidar e Nelson consentir, irei com vocês.
- Ótimo, Rosane, é isso que desejava saber! Nelson já declarou que levará você. Até amanhã, Rosane, passe bem e sonhe com o rapaz, sim.
  - Se sonhar com ele lhe conto como foi.

# CAPÍTULO X

# Um beijo e uma decepção

Rosane foi para o quarto e, como fazia calor, vestiu uma camisola de dormir muito fina, quase transparente. Deitou-se pensativa, lembrando do rapaz, todas as frases ouvidas de Odair e que ainda ecoavam em seus ouvidos. De envolta à essas imagens reviam Luís de quem não havia recebido ainda sequer uma linha, Dizia-se ela: "que covarde sou! Em vez de escrever-lhe dando minhas notícias, vou ao cinema com outro rapaz que não me interessa. Quanto fingimento, que injustiça para com ambos;

amanhã vou escrever à Luís. Mas que diabo! Ele está tão longe e Odair tão perto! Quem sabe Tulinha tem razão ao aconselhar-me! Poderei gozar a minha vida aqui, junto de Odair. E quando terminar os estudos vou embora e caso com Luís! Ele não vai saber se estou namorando ou não, Odair é lindo e não devo perder esta oportunidade! Como diz Tulinha, a moça deve namorar dois, três, cinco ou dez rapazes para depois casar-se com aquele que ama e ser feliz o resto da vida. Se Odair voltar a propor-me, aceito e então poderemos frequentar as festas da alta sociedade. Que prazer para mim, no sábado, quando estiver em seus braços, dançando bem colada a ele, ouvindo o palpitar do seu coração! Quando estivermos em nossa mesa, todas as moças a nos olharem enciumadas...

- Rosane? perguntou mãe Maria do seu quarto. Está se sentindo mal?
  - Não, mãe Maria. Não tenho nada.
  - Então dorme e deixe de falar sozinha.

- Que coisa! Mãe Maria estará sonhando ou é certo que eu falava alto ? !

Rosane estirou as pernas e os braços, como fazem os preguiçosos, bocejou e adormeceu. Só acordou no dia seguinte, ao ser chamada por Nelson, que batia à sua porta, avisando que estavam atrasados. Ela levantou-se, tomou o café, vestiu-se, penteou os cabelos, pintou os lábios discretamente, apanhou a pasta de estudante e saiu para a escola. Tulinha já a esperava à porta.

- Que me diz, Rosane, do passeio de ontem? Está disposta a encontrar-se novamente com o rapaz, hoje?
- -Sim, Tulinha, estou resolvida a encontrar-me com ele. Não somente hoje, mas, sempre que ele queira.
  - Muito bem, é assim que gosto de ver.

Ao chegarem já se comentava o namoro de Rosane e Odair. Algumas das colegas mais chegadas davam-lhe os parabéns.

- Gostei de ver você e Odair ontem à noite.
- E ótimo rapaz, o de que você precisava era um namorado perto para esquecer o que ficou longe.
- Mas não me esqueci dele. Hoje mesmo vou escrever-lhe. Mas não é por isso que vou deixar de sair com Odair. Aprendi a ser fingida, a iludir para

gozar a vida. Graças à Tulinha que me deu uma taça de uísque, minha cabeça começou a rodar, mudei de ideias. Tomei gosto pela brincadeira.

Agora quero mais e mais! Tudo quanto me apareça.

As colegas ainda sorriam quando soou a campainha e elas correram a ocupar seus lugares. Pela tarde do mesmo dia Odair apareceu na Praça Antônio Dias, parou à porta e tocou a campainha da casa. Apareceu uma criada.

## Capítulo X - Um beijo e uma decepção

- Boa tarde senhorita, é aqui que mora senhorita Rosane?
- É sim. Queira entrar e sentar-se que vou chamá-la. A criada foi ao quarto de Rosane.
  - O que deseja? perguntou Rosane.
  - Há um anjo aí na sala, que deseja falar consigo.
  - É Odair?
  - Sim!
- Ele que espere. Estou escrevendo ao meu bem-amado Luís.

Na carta pedia desculpas por ter demorado tanto a escrever e descrevia em pormenores, a cidade. Falava das igrejas, do museu e dos monumentos históricos. No fim declarou que Ouro Preto não lhe parecia uma cidade bonita, mas uma verdadeira relíquia. Lacrou a carta, selou e guardou em sua pasta para postá-la no dia seguinte. Vestiu um m costume de casimira azul marinho, deitou algumas gotas de uma essência fina no lenço que acomodou no bolso. Ao sair do quarto estava linda, como uma princesa. Ao chegar à sala, encontrou Nelson e mãe Maria conversando animadamente com Odair que, nervoso, fumava um cigarro após o outro.

-Boa noite, Odair.

Este, pondo-se de pé, tomou-lhe a mão e respondeu:

- -Boa noite, Rosane!
- Esteja à vontade, disse ela ao soltar-lhe a mão.

Ele sentou-se em um sofá e ela ao seu lado. Minutos depois mãe Maria pediu licença e retirou-se. Odair estava mais calmo e disse:

- Julguei que você não viesse à sala. Demorou-se muito, mas veio linda como as estrelas.

- Então fez mau juízo de mim, hein?!
- Desculpe-me, Rosane, mas fiquei nervoso com sua demora. Agora você está aqui, já não importa o resto. Mas, diga-me se posso pedir permissão à sua governanta para... ele cortou a frase com um sorriso,
- Para sairmos juntos? Pode sim! respondeu ela, também sorrindo,
- Rosane, você me compreendeu, resolveu dar-me a felicidade.
- Sim, Odair, mas não a felicidade completa. Não haverá compromissos entre nós. Eu sou uma só e não me posso comprometer com dois rapazes.

Poderemos ir ao cinema e passear pelas ruas. Isso se você quiser namorada, sem compromisso para futuro.

- Está bem, Rosane, eu a quero assim mesmo. Quem sabe se um dia você muda de ideia.
  - Isso não é impossível, mas é difícil.

O telefone tocou. Rosane foi atender:

- Alô! É você, meu amor? Um beijinho para você! Você pode vir à minha casa?
  - Hoje não posso, Tulinha.
  - Por quê?
  - Odair veio nos fazer uma visita.
  - Ele está aí?
  - Está sim.
  - E Nelson?
  - Também está.

## Capítulo X - Um beijo e uma decepção

- Quer chamá-lo para mim?
- Nelson? Tulinha ao telefone.

Ele correu a tomar o fone da mão de Rosane que voltou para junto de Odair.

- Alô, querida?
- Nelson, Eu gostaria de ir passear em sua casa. Você quer vir buscar-me?
  - Oh! por que não? Já estou indo?

Enquanto Nelson foi buscar a sua namorada, Odair, com a respiração suspensa ia dizendo:

- Mãe Maria, sendo hoje a primeira vez que lhe faço uma visita, adianto-me um pouco ao lhe pedir permissão para lhe dizer que Rosane e eu somos namorados.
  - Espero que não se oponha.
  - De minha parte tem a desejada permissão.
- Fico mesmo contente ao saber que Rosane é acompanhada por pessoa de família tão distinta! Mas, apesar disso tudo, imponho as seguintes condições: não ficarem na rua após às dez horas da noite e passearem somente pela avenida e não em ruas afastadas.
- Mãe Maria, gostaríamos de ir ao baile do Aero Clube no sábado.
- Se Nelson for, vocês poderão ficar até as duas horas. Se ele não for eu mesma lhes farei companhia!
- Muito bem, mãe Maria. Fico-lhe muito grato por todas essas bondades. Sempre digo que minha terra só dá gente boa

Nesse momento chegava a outra visita, toda enrolada em um manto de lã pintadinho como tigre. Brincalhona como sem-

pre, dirigiu-se ao amiguinho.

- Olá... senhor advogado, como vai?
- Bem, obrigado, professora e vossa excelência?
- Eu vivo ao lado dos rapazes que me procuram. São muitos e tenho que corresponder a todos, não acha, Rosane?
- Ainda pensa no moço do carro azul? perguntou Nelson, com os olhos fitos nela.
  - Não, benzinho, estou brincando com Odair.
- Se tiver saudades pode ir para ele. Se a sua paixão for o carro comprarei o carro, o dono do carro e tudo mais que ele possuir.
  - E que faria você com tudo isso?
- Se você quiser, depositarei tudo em suas mãos e a deixarei livre.
  - Não... Querido eu quero é você.
- Ele sorriu, ela também o assunto foi encerrado. Mãe Maria reapareceu e convidou-os para um cafezinho. Rosane estava eufórica com sua nova aventura de amor. Fazia-se muito carinhosa para com Odair, conversando e sorrindo a tal ponto que despertou a curiosidade da governanta. Odair alegrava-se com a aparente felicidade da jovem sem saber que, na realidade, o coração dela reclamava a ausência de Luís. Em particular ela mostrou à Tulinha o rascunho da carta que havia escrito à Luís. Tulinha leu com atenção e observou:
  - -Você dá muitas esperanças a esse rapaz!
- Uai... Bom todinha, a quem vou dar a esperança não será ele, se ele é tudo em minha vida!
  - Estou brincando! sua carta está ótima!

### Capítulo X - Um beijo e uma decepção

Rosane passou a sair frequentemente com o Odair, mas não lhe dava o braço nem sequer oferecer a oportunidade para um beijo. Tais atitudes da parte de Rosane magoava muito ao futuro advogado que a queria não como simples amizade, mas com profunda ternura, esperando mesmo que um dia ela se tornasse sua esposa. Várias vezes Odair experimentou tomar lhe o braço, mas ela não consentiu dizendo

- Não faça isso, Odair! Moça direita não anda de braço com rapaz pelas ruas.
- Querida, você é muito puritana! Que mal existe em uma moça dar o braço ao seu eleito? Olha as outras, cada qual de braço dado com o namorado. Porventura não são moças direitas?
  - Essas já estão acostumadas a isso, mas eu não estou.
  - Mas pode se acostumar.
  - Não me agrada
- Querida, você precisa modificar. Eu a amo e você não me dá a menor oportunidade.
- Que espécie de oportunida de você deseja de mim? – ela interpelou asperamente.
  - Não se altere. Não é nada demais. É somente isto...

Dizendo isso, levantou o mimoso queixinho dela beijou-lhe os lábios entreabertos. Ela não reagiu. Fechou os olhos e entregou-se para ser beijada pela segunda vez e pela terceira vez. Sentia necessidade de que alguém a beijasse em lugar de Luís. Mas sofreu uma decepção. Os lábios de Odair comprimiram-na com força, mas eram frios. Ela abriu os olhos e teve vontade de chorar. Mas Odair, sorrindo ainda, segurava-lhe o queixo. Ela perguntou:

- Era isso que esperava conseguir de mim, não é?
- Sim, Rosane. Os namorados sempre gostam de se se beijar. Este é o ponto inicial do verdadeiro amor.

- Mas não gosto de beijar. Agora que você me beijou e deve estar satisfeito, vou te pedir um favor: não me procure mais.
- Rosane, você se aborreceu comigo? Perdoe-me. Fiz isso porque você consentiu. Se reagisse eu não a teria beijado.
- Consenti para não ser desagradável a um amigo. Jamais permiti que homem nenhum me beijasse. Nem mesmo meu amado Luís. Não sendo sequer namorados, não temos esse direito. Aqui termina nossa amizade.
- Rosane, não me faça isso! Já lhe pedi desculpas. Arrependo-me do que fiz e prometo que não acontecerá mais. Preciso de você. Se você me abandonar por tão pouco morrerei de vergonha de Tulinha, Nelson e sua governanta. Estou certo de que você me perdoará.
- Odair, será melhor para nos terminarmos enquanto é cedo. Pretendo me casar com outro rapaz e não quero que você fique perdendo seu preciso tempo comigo. Você é bastante simpático e moças formosas não lhe faltarão nunca. Procure uma que possa corresponder ao seu amor.
- Você diz isso porque não gosta de mim. Talvez eu esteja atrapalhando em relação a algum que anda aí pela rua.
- Está enganado. Aqui só dei oportunidade a você e não a repetirei para ninguém.
- Se não pretende ter namorado aqui e só pensa no seu príncipe encantado que está longe, então pode aceitar meu convite para o baile de amanhã.
- -Se me prometer que não faz mais o que fez há pouco, continuarei a sair com você.
- -Oh! querida, prometo sim. Deixaremos os beijos para quando nos casarmos, não é?

# CAPÍTULO XI

# Rosane causa aborrecimentos

O carteiro deixou correspondência para Rosane. Ao chegar da escola encontrou-a sobre a penteadeira. Pela letra redonda e bem desenhada reconheceu a caligrafia de Luís. Soltou um grito de alegria e abriu-a com ansiedade. Havia dentro uma folha de papel bem escrita e perfumada e também um recorte de jornal com uns comentários intitulado: "A recompensa de um beijo". Leu esse comentário, apreciando-o. Mas quando deu acordo de que se referia a ela e Luís rasgou-o verberando a humilhação que haviam imposto ao Luís.

- Repórter indecente, por que julga Luís inferior aos outros rapazes?! Somos todos filhos do mesmo Pai, pó da terra que nem para esterco temos

Serventia. O orgulho, a vaidade são males que hão de levar a muitos para o suplício eterno!

Leu novamente a carta, apreciando frase por frase, aspirando o delicado perfume, recordando as horas que passava às escondidas ao lado de Luís. Lágrimas quentes rolavam pela face rosada, o sangue parecia ferver lhe nas veias, tinha tremores nervosos, os olhos se embaciaram a ponto de parecer que a carta estava coberta de nódoas amarelas. Deixou a carta e foi tomar um copo de água com açúcar. Restabelecida a calma, foi dizer à mãe Maria:

- Uma carta de Luís.
- Vi quem era o remetente. Responda hoje mesmo, porque atrasar correspondência é falta de educação.

Rosane e Luís passaram a manter frequente correspondência. Em uma de suas cartas Luís contou que Milton havia piorado em noventa por cento com os colonos. Ele e seus capangas faziam as maiores crueldades com os pretos, chegando a dar completo sumiço a alguns deles. "Os culpados são os seus pais que apoiam tudo quanto ele faz", dizia a carta, e Rosane pensou: "Infeliz do meu irmão. Rico de dinheiro, pobre de espírito. Deus tenha piedade dele e o faça compreender a realidade da vida material e espiritual assim como fez São Paulo enxergar o erro de perseguir aos cristãos".

Rosane tornou-se figura destacada na alta sociedade de Ouro Preto: frequentava todas as diversões, festas públicas e familiares. Choviam lhe cartas e telefonemas contendo propostas de casamento. A todos ela recusava, mantendo somente simples namoro com Odair que estava por tudo quanto ela queria, ansiando por conseguir dela o "sim" desejado. Mas todas as vozes em que ele se referia a casamento, ela respondia cinicamente:

- Você podia casar-se com outra e convidar-me para o baile.

Ele sorria desapontado, mas não desistia. Muitas e muitas vezes Odair desejou a morte para Luís. "Se um carro apanhasse aquele patife, Rosane não me recusaria mais".

Aproximaram-se as férias de fim de ano, Mãe Maria regressou a terra natal com a família. Ao desembarcarem da jardineira encontraram Camilo e Isaura a esperá-los de braços abertos. Um peão aproximou-se puxando os cavalos que deveriam levá-los à fazenda. Cavalgavam pela rua direita recebendo os cumprimentos de todos os velhos amigos por todas as janelas. Nos limites da cidade Rosane reviu um casebre bastante conhecido: uma velhinha, com uma vassoura na mão, varria o terreiro. Era a mãe de Luís, sua futura sogra. Pensou: "Podemos passar perto de pessoa amiga sem dar-lhe ao menos um bom dia? Não posso ser tão covarde, dizia-se ela. O que Luís dirá de mim quando dona Clotilde lhe disser que passei por aqui e nem sequer abanei a mão?! Irei cumprimentá-la, aconteça o que acontecer". Dando uma relhada no Pirolito, dirigiu-o em direção ao seu futuro lar.

## **Capítulo XI - Rosane causa aborrecimentos**

-Rosane?!... gritou sua mãe.

Mas ela já estava abraçando sua velha amiga.

- Diga à Luís que preciso falar-lhe amanhã à noite no largo da matriz.
- -Está bem, querida. Darei o recado, mas tome cuidado, Vocês estão vivendo uma aventura muito perigosa! Você conhece bem seus pais!
- Não, dona Clotilde, a única diferença entre seu filho e eu é que ele é rapaz e eu moça. Assim ele é para mim e eu para ele.

Rosane despediu-se sorrindo da amiga e uniu-se aos familiares que sem esperá-la seguiram em silencio. Rosane estragara a alegria dos seus pais que haviam preparado uma bonita festa em comemoração da aprovação nos exames. Mãe Maria, ao perceber a decepção dos pais de Rosane procurou confortá-los, dizendo:

- Vocês conhecem Odair, filho do coronel Sena?
- Recordo-o quando pequeno. Por que pergunta?
- É que ele estuda direito em Ouro Preto e... Vou lhes dar uma boa notícia: ele é namorado de Rosane.
- Não diga! Ótimo, boa família. Agora sim, estamos contentes com Rosane. Ela está criando juízo e procurando um rapaz de sua posição, filho de família branca, rica e decente. Não fazem distinção de cor, mas é preferível Odair ao Luís, esse mestiço indecente que procura arrastar uma moça rica para a miséria.
- E por isso que resolvi contar-lhes as novas disposições de Rosane. Não fiquem gostando menos da menina, simplesmente por ter cumprimentado uma amiga. E assim voltou a paz entre pais e filha. Puderam comemorar a festa com toda pompa.

Na tarde do dia seguinte à pretexto de visitar compadres e amigos, Rosane foi à cidade em companhia de Nelson, Encontraram Luís no local marcado, Rosane e Luís cumprimentaram-se simplesmente e entraram para o reservado do bar e restaurante "Três Estrelas". Sentaram-se, pediram duas cervejas e começaram a tomá-la. Rosane odiava as horas passadas ao lado do milionário Odair. Só lhe servia de consolo a lembrança de que Odair não passava de um seu serviçal, de um fantasma

que a seguia para não sair sozinha. Luís sim, era para tudo. Para beijá-la, para abraçá-la, para seu esposo. Enquanto meditava em seu passado com

Odair, Luís sugava-lhe o suco dos lábios, com amore carinho. E ela sentia prazer em receber os lábios dele e tinha vontade de ser beijada repetidas vezes. Mas como o tempo voa em tais momentos. Nelson retornou para avisar:

- Rosane, são dez horas. Vamos embora?
- Ela sentiu vontade de chorar porque queria ficar mais um pouco perto de Luís. Queria ficar para sempre ao seu lado e não podia porque ainda lhe faltava o véu, a grinalda, o buquê de flores e a bênção do padre Juca para uni-los para todo o sempre. Luís acompanhou-a até onde estavam os animais, segurou o cavalo, ajudou-a a montar e ficou olhando-a afastar-se: orgulhou-se dela, era uma amazona, uma fazendeira, uma professora, enfim, ideal para sua esposa.

Mas sucedeu que o repórter do jornal local testemunhou esse fato. Na manhã seguinte, na primeira página surgia o título: "O namoro proibido. A garota dos olhos morteiros saiu do restaurante Três Estrelas às dez horas da noite, em companhia de Nelson e de seu namorado Luís José. Este ajudou-a a montar e assistiu à partida dela para a fazenda"

Luís, aborrecido, armou-se de um revólver calibre 38, para liquidar o jornalista. Por sorte, encontrou na redação Nelson e Rosane que exigiam do diretor não consentir qualquer outra referência sobre Rosane e Luís. O Diretor, como amigo da família garantiu a Rosane que seu nome não apareceria no jornal por questões de amor.

- Tudo resolvido, Luís. Vamos embora.
- Nelson, você e Rosane resolveram por bem, mas eu, ia

### **Capítulo XI - Rosane causa aborrecimentos**

resolver à bala e farei isso se tornarem a se meter em minha vida.

-Não, Luís, disse-lhe Rosane, Você não fará isso, com a imprensa ninguém pode e eu preciso de você.

Ela vestia um culote tipo militar, de brim cáqui, justo na cintura e nas canelas e folgado nas coxas. Uma bonita blusa beije, botas marrom, abertas nos lados, cobria-se com um chapéu grande, tinha no pescoço um lenço de seda colorida preso por um anel de ouro em formato de cabeça de touro. Na cintura, um cinto de couro de búfalo. Montava cavalo preto de sete palmos de altura, portava um laço na garupa e ia para a invernada em companhia de Nelson.

Durante essas férias Milton fez as pazes com os irmãos e tornou-se amigo inseparável deles. Arreou seu cavalo e foi com os outros a campeirar. Depois de alguns esforços para trazer o rebanho ao curral, dar-lhe uma porção de sal e amarrarem ao esteio as reses que necessitavam de curativos ou os zebus que gostam de ser raspados e mimados, dirigiram-se à outra invernada. Passavam por um capão de mato quando foram atacados por um lobo faminto que vivia devorando reses recém-nascidas. Milton apontou-lhe sua Mauser 45 e disparou várias vezes. Quando foram examinar o animal abatido, verificaram que todos os projetis estavam alojados no coração.

- Você está atirando admiravelmente! disse Nelson, sorrindo,
  - Vou lhes dar algumas lições de tiro ao alvo.

Rosane cansou-se de laçar garrotes e vacas falhadas. O braço lhe doía de tanto rodar o laço por cima da cabeça e atirá-lo. Quando errava o alvo e as reses saíam em disparada, tinha que lançar à galope seu cavalo e cercar a rês. Para ela nada disso era sacrifício, mas sim prazeres da vida do campo. Depois de cumpridos os deveres, voltaram para a fazenda. Rosane estava corada como uma romã, graças ao exercício, ao vento e ao sol.

# CAPÍTULO XII

# Visita inesperada

Regressaram da invernada conduzindo cinco vacas com bezerros novos. Ainda de longe avistaram algumas pessoas conversando na varanda principal da casa. Rosane reconheceu numa delas Odair conversando com a sua gente.

- Nelson disse ela hoje não poderemos ir à cidade.
- Por quê? perguntou o irmão.
- Odair veio nos visitar. Tudo estragado.
- -Não, Rosane, proceda como se não houvesse nada, para não chamar a atenção.

Quando chegaram Odair desceu a escada em companhia de Camilo e abriu a porteira do curral. Odair subiu para a cerca de tábuas e bateu várias chapas fotográficas dos três campeiros. Rosane demonstrou alegria com a visita de Odair. Seus pais eram simpáticos a ele e deram-lhe toda a liberdade para falar com ela. Mas Rosane sentia secretos receios de que a presença de Odair pudesse prejudicá-la em relação a Luís. Principalmente porque, no domingo seguinte, segundo a tradição, familiar todos deviam ir à cidade assistir à missa das dez horas,

- Hoje quarta feira e Odair vai ficar aqui oito dias. No domingo terei de ir à cidade com ele. Porque meu pai já lhe fez o convite. Talvez seja de propósito para que Luís o veja comigo. Não irei à cidade. No sábado direi que estou doente. Mas não é possível faltar à missa e alegre doença por causa de um rapaz de quem não gosto. Mas não é por causa dele e sim pelo Luís. Meu

querido Luís. Escrever-lhe-ei uma carta contando tudo quanto se passou entre mim e Odair. Veremos o que vai me responder.

Alta hora da noite Rosane não conseguia dormir. Virava de um lado para outro, fechava os olhos, mas o sono não chegava. Preocupada com seu problema de amor. Odiava-se por se ter deixado conduzir por Odair a passeios, bailes e cinemas. "O rapaz havia tomado o caso a sério e vindo até a minha casa. Parece que já falou com meus pais a respeito de casamento e eles aceitarão. Estou derrotada. Meus pais me obrigarão a casar-me com ele. Mas, se isso acontecer, eu o abandonarei no mesmo dia de casamento. Ainda tenho esse recurso. As horas foram passando, o galo cantou pela primeira vez quando Rosane continuava desperta, "O que deve fazer, meu Deus? Socorre-me nesta angústia! Luís pode odiar-me, abandonar-me pela falta que cometi. Dizer que estou doente, para não ir à missa impossível. Cometerei uma falta grave perante Deus. Direi a Luís toda verdade, e confessarei o erro que cometi e ele há de me perdoar, pois é bom e compreensível".

Saltando da cama abriu una gaveta, tirou papel de carta, sentou-se e começou a escrever: "Querido Luís, mil saudações. Peço desculpas por ter faltado ontem ao nosso encontro. Chegou de visita à fazenda o Odair de Paula Sena, filho do coronel Sena. Odair estuda direito em Ouro Preto. O fato de ser da mesma cidade nos fez amigos. Simples amiguinhos. Várias vezes fui com ele ao cinema e também a bailes. Não só os dois, mas em companhia de Nelson e Tulinha. Inúmeras vezes declarou-me seu amor, mas recusei-o sempre, dizendo que não passávamos de amigos.

Errei, Luís, em ter me aproximado deste rapaz. Mas eu vivia muito isolada naquela estranha cidade. No domingo ele irá à cidade conosco. Não é meu namorado, mas simples amigo. Peço-lhe perdão pelas minhas faltas e juro-lhe fidelidade até o fim.

Aceite um abraço da Sua futura esposa, Rosane Amorim, Resposta pelo portador".

Rosane lacrou a carta, deitou-se e adormeceu. Na manhã seguinte, chamou ao seu quarto o garoto que ia buscar a correspondência e disse:

### Capítulo XII - Visita inesperada

- Adão, você ainda é meu amigo?
- Ué... Rosane, que pergunta engraçada! Como posso deixar de ser seu amigo se você é tão boa para mim?
- Está bem, Adão. É isso que eu queria saber. Você leva esta carta para o Luís, mas não deixa ninguém ver.

Entregando a carta ao garoto deu-lhe também uma cédula de cinco cruzeiros.

- Este dinheiro é para você comprar doces!
- Muito obrigado, Rosane. Vou comprar é uma camisa, em vez de doce.

Ela sorriu e disse:

- Adão, você está cada vez mais econômico, não é? Compre a camisa que é muito melhor para você.

Luís já trabalhava de meio-oficial de pedreiro na construção de um sobrado, diante do qual Adão parou Pitira, o velho burrico e gritou:

- Luís... quer vir aqui, por favor!?
- Luís desceu do andaime e aproximou-se.
- A garota mandou-lhe esta carta, mas disse que era para mim entregar escondido.

Luís leu a carta e seus olhos encheram-se de lágrimas.

- Uai Luís, você tá chorando?
- Não, Adão, É a poeira de cal que me caiu na vista.

Luís entrou em uma loja, comprou papel respondeu à carta.

"Está bem, querida Rosane, quem pede perdão deve ser perdoada. Eu sabia que você não ficaria só em Ouro Preto. Para que sejamos fiéis a um

juramento é preciso ser forte e ter muita força de vontade. O nosso compromisso fica de pé até a hora em que você quiser. No momento que você encontrar outro rapaz que se equipare à sua posição e for preferido a mim, é só você me avisar. Apesar de que eu perderei uma joia que jamais conseguirei outra igual, é preferível antes do que depois. Não se impressione por causa desse rapaz. Já que você referiu a verdade não levo isso em consideração. Aceite um abraço de quem a ama, confiante na dignidade do amor. Luís"

Quando Adão regressou com a correspondência foi direto ao quarto de Rosane e entregou-lhe a carta de Luís, perguntando:

- O que a senhora a disse a ele na carta? Ele até chorou!
- Ele chorou?!
- Sim, ficou com olhos cheios d'água.
- Pobre Luís, pobre Luís! Obrigada, Adão! Agora deixa-me sozinha,

Leu e releu a carta e disse a si mesma:

- Está me dando uma lição, mas também está me perdoando. No domingo falarei com ele em casa de Lurdes.

Enquanto isso, Odair tornava-se íntimo de Milton. Todos os dias passavam horas e horas caçando. Eram os momentos em que Rosane sentia sossego, apesar de que seus pais aproveitavam a ausência do rapaz para elogiá-lo, dizendo que ela faria um bom casamento,

- Ele é homem que pode lhe dar todo o conforto.

Ela respondia:

- Deixa de fazer castelos, mamãe. Não tenciono casar-me com ele. É ótimo rapaz, mas não é o meu tipo.

### Capítulo XII - Visita inesperada

- Não adianta sua oposição. Será candidato único à sua mão. Você queira ou não queira, eu e seu pai que escolhemos o rapaz que há de se casar om você. Não pense que vai meter um preto em nossa família. Acho bom que você aceite o rapaz por bem, porque senão...
- Ora, mãezinha, por que irritar-se antes da hora? Se o Odair ainda não falou em casamento!... Gosto muito dele. Estou é brincando.
- Ah bem, minha filha! Você não deve contrariar os seus pais. Sabemos qual o rapaz mais interessante para você.

No domingo partiram da fazenda muito cedo para ir à cidade assistir à missa. Rosane ia ao lado de Nelson e de Odair. Ao entrarem na cidade, foram logo alvo de comentários:

- Bem que se dizia que ela namorava Luís enquanto criança. Apenas se fez moça abandonou-o. Ai está a prova! Vai ao lado do Odair. É um casamento no duro. Quero ver Luís ficar hoje com cara de cavalo! É bom mesmo que ela lhe faça isso para ele deixar de ser bobo. Querer pôr o pé onde a mão não alcança!

#### Outros diziam:

- Ah! Duca, às vezes não é como parece! O fato de ela estar junto de outro rapaz não significa que já não ame ao Luís.
- Que amor, que nada! Você já viu feijão com canjica dar sorte? Rico casar-se com pobre?

Enquanto esses comentários eram feitos, ela e Nelson procuravam Luís como agulha em palheiro, sem, no entanto, encontrá-lo. Luís havia ido de passeio à casa de um amigo, um bairro distante e lá passou o dia para não ver sua amada ao lado de outro homem. Rosane passou dia amargurada, recusando mesmo qualquer refeição. Dizendo que se sentia mal, não saiu à rua. Ficou encafuada em seu quarto. O senhor Camilo chamou o médico da família, Dr. Artur. Este fez todos os exames na enferma, que acusava fortes dores de cabeça.

- A senhorita está apenas nervosa. Tome estes comprimi-

dos e ficará boa logo. Trata-se de uma crise de nervos.

A tarde Rosane estava melhor, a cabeça já não doía tanto e regressou à fazenda. Odair ficou preocupado e pouco se afastou do seu quarto, circunstância que muito agradou aos pais de Rosane pelo cuidado que o rapaz dispensava à namorada. Para ela, no entanto, era isso um grande fator de aborrecimento. Mas não podia dizer. Teria que pagar calada o erro que cometera.

Assim decorreram os primeiros dias da semana. Rosane pouco se alimentava, ficava mais em seu quarto, tomando sedativos. Mãe Maria preocupou-se com a saúde da garota que emagrecia à olhos vistos. Como sua enfermeira, observava os sofrimentos e a insônia. Nos momentos em que Mãe Maria fingia dormir, ela entrava em choro convulso.

- Filhinha perguntava mãe Maria por que está chorando? Qual o seu segredo? Confie a mim o seu sofrimento!
- Não adianta, mãe Maria, não adianta. Tudo está perdido, estragado. Todo o meu futuro foi por água abaixo.
  - Você se refere ao Luís?
- Sim, ele me abandonou! Fugiu da cidade. Tudo por causa desse idiota do Odair! E também de Tulinha que fingiu ser minha amiga e destruiu a minha felicidade. . . a minha vida. Se Luís não voltar, morrerei... procurarei a morte por minhas próprias mãos.
- Não diga tolice, minha filha! Roguemos a Deus pela volta de Luís! Acalme-se, não fique em desespero.

Rosane estava deitada, com a cabeça no colo de sua governanta. Esta lhe afagava os cabelos e lhe enxugava as lágrimas. Por fim, adormeceu. Enquanto ela dormitava, mãe Maria desfiava as contas do seu rosário, pedindo a Deus que desse forca e visão para que a moça seguisse o caminho certo.

## CAPÍTULO XIII

# Como Deus nos ouviu

Adão ia à cidade três vezes por semana. De uma delas, ao passar pela construção em que Luís trabalhava, foi interpelado por este:

- E a Rosane? Como vai?
- Está doente!
- Doente?! Eu não sabia!
- Domingo passado esteve aqui disse-me que não enxergou você. Ela saiu boa da fazenda e voltou doente. O médico já foi duas vezes examiná-la.
- Eu não sabia, Adão. No domingo estava viajando e só por isso não a pude encontrar. O que ela sente?
  - O médico diz que ela está com esgotamento de nervos.
  - Está acamada ou em pé?
  - Ela anda e conversa, mas, coitada, está muito magra!
  - Odair já foi embora?
  - Vai amanhã.
  - Que bom! Deus que o leve para sempre.
- Bem, vou escrever uma cartinha para assim fazer uma visita a Rosane.

Adão chegou avisando:

- Carta para você, Rosane!
- Oh! Carta de Luís?!
- "Minha inesquecível Rosane. Sabendo que você se acha doente e não me sendo lícito fazer-lhe uma visita pessoalmente, envio-lhe esta em meu lugar. Rogo a Deus pela sua saúde e espero que se restabeleça breve. Se você continuar adoentada irei aí visitá-la nem que isso me custe a vida. Não posso passar muitos dias sem vê-la. Basta o tempo que você esteve fora. Temos que aproveitar os poucos dias de férias",
- Mãe Maria? disse ela, sorrindo Como Deus nos ouviu! Uma carta de Luís fazendo-me uma visita.
- Pois é, Rosane! Quando nos achamos em agonia, devemos pedir a Deus e não nos entregarmos ao desespero.

Rosane anunciou aos pais que gostaria de passar o fim de semana na cidade, em casa de Lurdes. Obteve a permissão e na sexta-feira, pela manhã foi à cidade em companhia de Adão. À noite, ela e Lurdes passeavam pela Rua Direita e por fim chegaram até próximo à casa de Luís. Nesse ponto, ela enviou um garotinho, filho de sua comadre, à casa de Luís, para avisá-lo de que o esperava em casa da comadre Maria do Carmo. Pouco depois Luís chegava, metido num costume de casimira listrada, sapato marrom, camisa branca, gravata preta e chapéu cinza. Rosane esperava-o, o sangue gelado nas veias. Temia que ele recusasse seu amor. Estava disposta a implorar-lhe e beijar-lhe os pés se necessário fosse. Mas confiava em que Luís também a amava e não resistiria por muito tempo à sua súplica. Efetivamente, minutos depois uniam seus lábios para sugar o doce mel do mais profundo amor. Ela olhou-o, com olhar melancólico, e perguntou:

- Então, o que acha que devo fazer, Luís? Abandonar os estudos para nos casarmos ou formar-me primeiro?
- Creio que você deve se formar primeiro. Somos ainda de menor idade e a lei não permite nosso casamento sem permissão paterna. Devemos aguardar a maioridade. Você terá tempo bastante para pensar no que vai fazer, pois eu sou pobre e de cor.

### Capítulo XIII - Como Deus nos ouviu

- Oh! querido! Prefiro um mulato de cor firme a um branco descorado - disse ela, lhe acariciando o rosto. Eu sei, querido que você se refere a Odair. Aquilo não passou de brincadeira mal começada. Ele levou a sério e meus pais pensam em me obrigar a corresponder-lhe. Parte amanhã e não posso deixá-lo ir sem uma despedida cordial para não piorar nossa situação.

Luís não respondeu, cabisbaixo e pensativo que estava. Ela continuou:

- Você não precisa se preocupar. Arranjarei tudo pelo melhor modo possível. Não pense jamais que vou deixá-lo por qualquer outro rapaz, nem que venha coberto de ouro. Eu amo é você e serei sua até o fim.
- Não me dê tanta esperança, Rosane! Talvez a sorte não me favoreça.
- -Que sorte, que nada, meu bem! O casamento não é questão de sorte, mas sim de decisão. E é abençoado por Deus quando o casal merece essa bênção.
- Rosane, você é admirável! Cada dia você acende mais uma vela em minha alma!
- Não é somente essa vela que desejo lhe acender na alma, mas aquela que jamais se apagará em seu coração. Agora, querido, eu e Lurdes vamos

embora que a hora está avançada. Amanhã tornaremos a nos encontrar.

Tempos depois, em casa, Nelson acompanhava ao piano Rosane, que cantava a valsa "Regina", a coqueluche musical da cidade. O senhor Camilo parou à porta da sala de estar e ficou observando os filhos.

- Muito bem! Bonita música e bem executada.

Nelson que esperava uma oportunidade para pedir ao pai uma bolada, disse-lhe:

- Papai! Que tal comprarmos um carro para a família?
- Não, Nelson! Um carro custa uma fortuna!
- Que nada, meu pai. Eu ficaria contente se ganhasse um carro.
  - Isso será para quando você terminar os estudos.
  - Ora velho! Solta logo a bolada e comprarei o carro!
- Camilo interveio Isaura Nelson já tem dezoito anos, idade suficiente para comprar o que lhe convier.
- Está bem, Nelson, irei com você a Belo Horizonte comprar o carro. Pessoalmente, não gosto de carro. Prefiro meu cavalo campolina e um lenço no pescoço.
- Comigo é diferente respondeu Milton. Quero é que o senhor me dê uma açoiteira e carta branca para endireitar essa macacada da fazenda.
- Está bem, Milton. Você tem direito, como primogênito, a fazer e desfazer. Mandar e desmandar. Vou passar a direção da lavoura para você. Resolva as questões dos colonos. Não deixe que prosperem. Faça de modo que sempre fiquem devendo.
- Está bem, meu pai. Em seis meses acabarei com todos os "macacos" da fazenda e terei aqui só gente branca.
- Não, Milton! Isso não dá certo. Os pretos e mestiços são o braço direito da lavoura. São ingênuos, trabalhadores e corajosos, enquanto a maioria dos brancos são moleirões e sabidos. Não querem enfrentar o cabo da "penosa".
- -E você, Rosane, o que quer é que somente tenhamos mais bondade para com os pretos que trabalham para encher os seus bolsos! Pobre irmã, sabe apenas pedir piedade para os "macacos". Agora eles vão ver comigo e não com o papai.

Com o passar dos dias Milton tornou-se figura temida na fazenda e seu pai, grande político na cidade. Mãe Maria, regres-

### Capítulo XIII - Como Deus nos ouviu

sou para Ouro Preto com os garotos que iam continuar os estudos. Tulinha esperava-os ansiosa. Caiu nos braços de Nelson e de sua amiguinha. Trocaram com ela beijos nas faces e ofereceu-lhes uma grande festa em sua casa.

No quarto as duas amiguinhas conversavam animadas.

- O que me diz do Luís?
- Ora, Tulinha, nem queira saber! Quase foi tudo por água abaixo. Não vê que o bobo do Odair apareceu lá em casa, chegando a dizer a meus pais que éramos namorados. Eles querem me obrigar a casar com ele. Tive de dizer tudo ao Luís e quase que ele me abandona. Agora não quero ver mais Odair.
  - -E Luís fez as pazes com você?
- Sim Tulinha, ele é muito bom e compreensível. Eu estava até disposta a desistir da escola normal para nos casarmos logo, mas ele não quis. Disse que espera eu terminar os estudos.
  - Ele sabe que Odair estuda aqui?
  - Sabe! Eu contei.
- Então não é ciumento, pois é certo que você há de se encontrar com Odair.
  - -Eu é que não quero mais ver esse camarada.
- Deixe de ser ingênua. Fica tudo por minha conta. Continue sendo boazinha com o Odair que no dia do bota-fora eu ensinarei a você como deve agir. Viu como eu fiz com o Júlio que nunca mais me importunou? É assim que se faz, passa-se melado na boca deles enquanto são necessários à gente. Quando não se precisa mais trocar-se o mel pela pimenta.
- Será que dá certo?! Tenho medo de arranjar sarna para me coçar.
  - Dá certo, sim.

Desse modo Rosane resolveu não romper com Odair. Mas já não saiam a pé e sim no bonito carro grená de Nelson.

Dia vinte e seis de julho, festa da padroeira da cidade de Rosane, a Senhora Santana, Mãe Maria foi especialmente para assistir a festa e levou Tulinha, que ficou encantada com a festa e a beleza da grande imagem de Santana, a devoção do povo na igreja e durante a procissão, a chuva de rosas que aviões lançaram sobre a imagem, pelos fogos de artificio, com pai Bastião e Maria Mina desempenhando seus papéis artísticos, dançando entre as fagulhas que compunham o quadro da padroeira. Houve depois o número do camundongo que corria sobre um arame, arrastando uma tocha acesa na cauda com que acendia uma roda depois de outra. Até que chegou a vez de acender um moleque, tendo na mão uma bomba. O ratinho acendeu o estopim e subiu para a mão do moleque recebendo o castigo por suas estrepolias, pois, quando a bomba explodiu e lá se foi ele também para o espaço. Foram maravilhosos aqueles fogos!

As ruas estavam tomadas por carros com chapas do Distrito Federal, de São Paulo, da Bahia, do Espírito Santo e de outros Estados.

Nelson e Tulinha, Luís e Rosane, aproveitaram o grande movimento. Entraram para o reservado do restaurante "Bar do Ponto" e pediram um quentão porque fazia frio de verdade.

Traga uísque e alguns salgadinhos – disse Luís ao garçom. Fecharam a porta do reservado e ficaram bebericando à vontade. A cidade é pequena e tinha mais gente do que formiga no formigueiro.

- Que festa maravilhosa! exclamou Tulinha. Diga-me Nelson, como pode aquele ratinho andar no fio de arame e acender cada artificio?
- -É simples querida. O fogueteiro tem na mão uma manivela prendendo a ponta do arame em que o ratinho é seguro. Primeiro o fogueteiro acende
- o estopim do quadro da Santa. O fogo passa para a cauda do rato por intermédio de um estopim dividido em vários peda-

### Capítulo XIII - Como Deus nos ouviu

ços curtos que se apagam logo após acender o artificio, Quando, depois de consumida uma roda o fogo, volta ao estopim central, o fogueteiro gira a manivela enrolando o arame e puxando o ratinho para a roda seguinte!

- Mas que homem inteligente! Se eu morasse aqui seria fogueteira também.

Todos riram e tocaram os cálices de cristal molhando a garganta com um gole de uísque. Entrou o garçom com a nota das despesas.

- Seiscentos e vinte e cinco cruzeiros!
- Surgiu uma discussão entre Tulinha, Nelson e Luís, todos querendo pagar. Estavam um tanto tocados pelo álcool. Tulinha jogou uma cédula de mil cruzeiros. Mas antes que o garçom apanhasse o pires com o dinheiro Luís pegou-a e meteu-a bolso de Tulinha, dizendo:
- Se não quer perder minha amizade, guarde o seu dinheiro,
  - Oh! Luís, então acha que não posso pagar as despesas?
- -Fica boazinha, menina! Sei que a grana está com você, mas, esta é a minha vez.
- Nem A nem B, quem vai pagar sou eu! disse Nelson tirando um maço de cédulas do bolso.
- Está bem, considerou Luís cabisbaixo, vocês querem mesmo é humilhar um pobre. Sou pobre, mas trabalhador.
- Quem vai pagar é o Luís, interveio Rosane. Ele também comeu e bebeu. Por que, então, não pode pagar?

Os outros guardaram o dinheiro e Luís, sorrindo, depositou no pires uma nota de quinhentos e outra de duzentos cruzeiros. Sem esperar pelo troco deu o braço à Rosane e saiu.

- Assim não, meu bem. Se meus pais nos veem de braços

dados pode piorar a nossa situação.

De fato, ao saírem, esbarraram em Milton que conversava com amigos na porta do restaurante. Ao vê-los sair daquele modo, encolerizou-se e mandou um dos seus capangas dizer a Luís que se o encontrasse outra vez ao lado de Rosane dar-lhe-ia uma surra de tala. O mensageiro seguiu os casais de namorados e ao alcançá-los, não chamou Luís em particular. Deu o recado de forma que todos ouvissem. Luís sorriu e respondeu:

- Diga a seu amo, que não sou cachorro para apanhar de tala e, sim, um homem para se encontrar com ele e seus canalhas à qualquer hora e em qualquer lugar. E que vou mostrar-lhe que não sou covarde. Vamos lutar de mãos armadas, de homem para homem.

O mensageiro retirou-se, Rosane e Tulinha estavam pálidas como cera e imploravam a Luís que fosse para casa a fim de evitar um conflito. Mesmo Nelson achou prudente essa ideia e foram todos para casa. Mas Luís era filho de homem sem medo e voltou, logo depois, para o largo da matriz.

O capanga havia dado ao patrão o recado de Luís e Milton mandou-o de volta para marcar o encontro sobre a ponte do Rio Bacalhau às onze horas da noite. Luís não desprezava o seu revólver calibre 38 e lá estava à hora certa sob a luz do luar. De repente surgem cinco homens comandados por Milton, parando a uns cinco metros. Milton aproxima-se sozinho, com uma açoiteira na mão. Erguia a mesma para descê-la sobre Luís, quando este saca do revólver com rapidez tremenda e perfurou-a no

ar com uma bala. Milton gritou:

- Luís, você está louco? Você tem coragem de enfrentar seis homens armados?
- Seu covarde, sei da hora em que nasci, mas não sei da hora em que devo morrer. Por isso não me intimido com seis patifes como vocês.
- Luís disse Milton não sou covarde. Se eu quisesse, em um segundo você estaria furado como uma peneira e viraria

### Capítulo XIII - Como Deus nos ouviu

comida de peixes. Mas homem que marca encontro a estas horas, em lugar como este, e vem sozinho para encontrar seus inimigos, é um herói e não deve ser morto. É um homem de precisão para qualquer momento. Não levo você para trabalhar comigo porque você é mestiço e eu não quebro o meu juramento. A partir de hoje, você não será amigo de consideração, mas, também não será perseguido por mim, mesmo se sair em companhia de minha irmã.

Dizendo isso, Milton virou-lhe as costas, chamou seus homens e foi-se. Chegando em casa foi ao quarto da irmã e bateu na porta.

- Quem é? perguntou Rosane.
- Sou eu, Milton!
- O que você quer a esta hora?
- Preciso falar com você.
- -Não, Rosane! Pelo amor de Deus, não abra a porta! Implorava Tulinha.
- Vista-se e fique quieta debaixo do cobertor. Não tenho medo de homem.

# Abriu a porta.

- Rosane, porque você não foi com Luís encontro. Seriam dois cadáveres em vez de um.
  - Que encontro?
  - O encontro que Luís me pediu.
  - Mas Luís foi? perguntou ela com os olhos arregalados.
- Foi sim. Era uma vez Luís, respondeu Milton, dando uma grande gargalhada.
  - Você o matou? Malvado, assassino!

E caiu em uma crise de nervos, um choro histérico. Milton abraçou-a, tentando acalmá-la. Dizia:

- Querida, não chore, não matei Luís. Estava brincando com você. Acalme-se, que lhe contarei tudo. Tulinha esqueceu que estava em trajes de dormir, jogou o cobertor para o lado e pulou da cama para ajudar Milton a segurar a irmã que estava desatinada, quase louca.
  - Este assassino matou o meu Luís! Assassino! Assassino!

Rosane, disse Tulinha, apertando-lhe a cabeça contra o peito, ele está dizendo que não matou o Luís! Pare de chorar e ouça o que ele o quer

dizer.

- Saia do meu quarto, pelo amor de Deus, assassino!
- Não, Rosane, não sairei daqui antes de dizer-lhe o que se passou entre mim e Luís.

E contou os pormenores do encontro. Por fim, disse-lhe:

-Vi que Luís é homem de coragem. Não perseguirei mais a vocês. Podem até se casarem. Só não teremos relações de amizade. Boa noite!

Milton retirou-se.

- -Tulinha, minha filha, em que estado você está?
- Só de roupa de dormir diante de Milton!
- Naturalmente que me esqueci, pois você estava como louca!
- Foi o susto querida, o susto foi grande demais. Mesmo assim, não acredito no que ele disse. Enquanto não me encontrar com o Luís, duvidarei, Milton é covarde e Luís é muito aventureiro.

# CAPÍTULO XIV

# Não me toque por favor

Terminada a festa os peregrinos regressaram para suas casas. Mãe Maria e os estudantes permaneceram na cidade três dias mais, antes de regressarem à ex-capital mineira.

Milton, continuava com a sua perversidade contra os pobres colonos, transformando a fazenda em um covil de assassinos. Mas isso não durou muito tempo, Milton era orgulhoso ao extremo. Não comia nem bebia em vasilhas usadas por outra pessoa, não se sentava em cadeiras ou sofá em que outro tivesse sentado. Quando fazia visitas, não se sentava, sem antes forrar a cadeira com uma almofada que carregava para esse fim. Mas, com a idade de vinte e um anos recebeu o castigo: a morte prematura pela febre amarela.

A morte de Milton não despertou profundo sentimento, como acontece aos administradores benquistos e amigos dos trabalhadores. Alguns colonos chegaram mesmo a dizer:

### - Acabou-se o terror da fazenda!

Mãe Maria recebera um telegrama do Sr. Camilo avisando que o filho passava mal. Mas o telegrama chegou com atraso e em hora sem qualquer condução para Ponte Nova. Deixar para o dia seguinte seria atrasar demais. Mãe Maria ficou trêmula, com o telegrama na mão, suor frio deslisando pela testa, os lábios brancos. Letícia que estava a seu lado amparou-a, fazendo-a sentar-se em um sofá. Depois correu para a cozinha, trouxe um copo com água e o deu à mãe Maria. Tomou o telefone e discou para a escola

chamando Nelson e Rosane para que viessem imediatamente. Em poucos minutos chegaram os irmãos Amorim que traziam médico. Mãe Maria já estava boa, mas submeteu-se mesmo assim ao exame. Mãe Maria entregou telegrama a Nelson e disse:

- O que podemos fazer? Não há trem hoje?!
- Acalme-se, mãe Maria e prepare as malas.
- Para que, Nelson?
- Seguiremos viagem dentro de uma hora, no máximo. Iremos de carro e chegaremos à noite. Prepare-se Rosane, enquanto vou à escola justificar

nossas faltas ao diretor,

Ao entrar no salão de aula deixou perceber a todos o seu abatimento. Apresentou o telegrama ao diretor e pediu licença para faltar as aulas por alguns dias. Rosane entendeu-se, pelo telefone, com Tulinha, contando o que se passava e despedindo-se dela por alguns dias. Antes que partissem ela apareceu para abraçá-los e desejar-lhes boa viagem

pronto restabelecimento para o irmão enfermo.

O carro avançava com pequena velocidade devido às péssimas condições da estrada. Anoiteceu, mas a lua estava clara e o céu estrelado. Como os vidros laterais do carro estivessem abaixados eles podiam receber o ar fresco da noite de novembro. Rosane soltou um suspiro e exclamou:

- Como é bom viajar nas horas mortas da noite e nas estradas soturnas do deserto, onde podemos ver todas as maravilhas do céu, toda a perfeição Divina!

O relógio do carro marcava uma hora e quarenta minutos quando entraram na fazenda e observaram um movimento intenso. No terreiro uma fogueira e dezenas de pessoas ao redor, a contar piadas. Na varanda várias luzinhas e, na sala, o esquife de Milton. Eles compreenderam antes mesmo de saltarem do carro. Os amigos aproximaram-se deles, dando-lhes os pêsames.

# Capítulo XIV - Não me toque por favor

- A que horas ele faleceu, meu pai? perguntou Nelson, com os olhos rasos de lágrimas.
- Às oito da noite, respondeu o pai, com voz cortada pelos soluços.
  - E porque não mandou os colonos entrarem para a sala?
  - Convidei-os para entrar, mas não quiseram.

Nelson e Rosane desceram a escada, pararam junto à fogueira, e disseram:

- Os que forem nossos amigos, tenham a bondade de entrar. Disseram e voltaram para a sala do velório. Os colonos estiveram um tempo embasbacados, mas foram entrando, um a um. A família chorava o filho, sem pôr reparo nos pretos e brancos que entravam. Pela primeira vez, pretos e mestiços entravam na casa grande para conhecer a sua luxuosa sala e o conforto de que gozavam os moradores. Mãe Maria iniciou o terço de Nossa Senhora da Conceição:
  - Valei-nos, ó Virgem da Conceição, que agora é a ocasião!

As súplicas eram repetidas por todos os presentes. Às duas horas da tarde, pela mão dos colonos, saiu o féretro para cobrir os quinze quilômetros que separam a fazenda da cidade. Rosane e Nelson recusaram o carro funerário dizendo, ser aquela a última homenagem que prestavam ao irmão e também à reconciliação do morto com os colonos que o carregavam até a última moradia. Na estrada formou-se uma verdadeira procissão. Uns a pé, outros a cavalos. Rosane e Nelson seguiam ao lado do caixão. Nas vizinhanças da cidade, centenas de pessoas esperavam, entre elas Luís, que demonstrando profundo sentimento, pegou em uma alça do caixão e só a deixou quando este foi depositado no fundo da terra. Luís tudo fazia para confortar Nelson e Rosane, mas acabou chorando com eles. Pois julgava-se da família e sentia a mesma dor.

Faltava somente um ano para a formatura de Rosane, Tulinha e Nelson. Odair ficaria mais alguns anos e por isso insistia com Rosane para que lhe desse o "sim" de casamento. Mas de

todas as vezes que lhe era proposta essa questão, ela respondia que não. Mas Odair era do tipo insistente que não se conforma com a derrota.

Durante um passeio ele fez entusiásticas referências ao que seria a vida de ambos depois de casados. Rosane, indignada, perguntou:

- Quem disse que vou me casar com você?
- Não é preciso ninguém me dizer, benzinho!
- Se não queres, por que estás ao meu lado?
- -Como simples amiga.
- -Esta é boa! Como simples amiga? Você está enganada, Rosane. Eu mantenho correspondência com seu pai e nosso casamento será logo após a minha formatura. Assim diz a última carta que recebi. Sei que você ainda não me tem simpatia, mas depois de casados compreenderá que sou o único homem capaz de satisfazer seus caprichos. O único a corresponder ao seu amor.
- Você está enganado, Odair. Já lhe pedi que não me fale nesse assunto. Seja esta a última vez. Será favor não me procurar.
- -Essa é uma ideia de criança, Rosane. Seus pais são pessoas de palavra e já me prometeram sua mão.
  - Então eles querem obrigar-me a casar com você?
  - É isso mesmo.
- E que vantagem leva você, seu idiota, em casar-se com uma moça que não o ama?
- A vantagem é a dignidade da moça, é seu valor. O amor é secundário e vem depois.
- Nunca! O amor quando existe, está no princípio e não no fim. Esqueça-se de mim, pelo amor de Deus disse Rosane a Odair, deixando-o na Avenida São José.

## Capítulo XIV - Não me toque por favor

Odair alcançou-a, segurou-a pelo braço e perguntou:

- Querida, está zangada comigo?
- Não me toque, por favor.

Ele colocou a mão sobre o ombro dela procurando acalmá-la.

- Tire as patas de cima de mim! gritou ela, indignada. Você não é digno, você é um traidor que com meus pais preparou uma armadilha para arrastar-me ao abismo! Afaste-se, Satanás, e deixe-me sozinha!
  - Querida...!
- Não me chame querida! Este nome não deve ser pronunciado por pessoa estranha e eu não o conheço mais.

Nesse momento aproximaram-se Nelson e Tulinha. Esta perguntou:

- Rosane, o que houve com vocês?
- Nada, Tulinha. Levem-me para casa, por favor.
- E eu posso ir também, meu bem! Insistiu Odair.
- Lá estão outras pessoas que podem recebê-lo. Eu é que não.

Dias depois Rosane recebeu carta do Senhor Camilo, na qual havia referência ao brilhante futuro do Dr. Odair e à desfeita que a moça lhe havia feito em praça pública. Ela que estava apenas a um ano da formatura, sendo que a professora deve ser sempre educada e obediente, não devendo jogar fora o que os pais pegam com as duas mãos. Dizia o pai: "procure modificar-se, não aborreça o Odair já que o seu casamento com ele está marcado para depois que ele se formar. Se você quer ser feliz não contradiga nem uma só destas palavras".

- "Meus pais são ingênuos" pensou ela, sorrindo. Vou escrever-lhes dizendo que não me podem oferecer um rapaz que não quero.
- Rosane, não faça isso, interveio mãe Maria. Arme seus planos em segredo, procure de maneira suave, afastar-se desse rapaz sem magoar seus pais. Nunca se esqueça de que eles têm direito de escolher noivo para você. Isso bem na tradição familiar.
- Que tradição, que nada! Isso foi no tempo com que se amarrava cachorro com linguiça e eles morriam de fome. Quando as moças namoravam pelo buraco da parede. Agora a coisa é diferente. Estamos na era do automóvel, do telefone, do rádio, do avião. As moças também se modernizaram, usam pintura, vestidos curtos e penteados permanente. Andam de braços com os namorados na rua. Se estamos numa época realmente moderna, quem vai escolher o meu maridinho sou eu e não meus pais.
- Estou de acordo com você, Rosane, só não quero é que envie essa carta.
- Se não escrever dizendo-lhes o que sinto, que agora as coisas mudaram, eles pensarão em obrigar-me a corresponder ou a casar-me com Odair. Eu não gosto dele e já o aturei demais. Agora está na hora de livrar-me desse incômodo.
- Se não gosta dele, por que permitiu que ele se enamorasse?
- Ora, mãe Maria! Você parece que nunca foi moça! Não sabe que as
- moças gostam de namorar somente para distrair? É o que fiz com Odair
  - e na ausência dele faria o mesmo com outros rapazes.
- Você está errada Rosane! A moça deve ter constância, ser fiel a um rapaz e não ficar de namoro com todos que aparecem.
- É bonito, mãe Maria, que sendo mocinha na flor da idade e formosa como dizem todos, ficar como uma Borralheira, com o

## Capítulo XIV - Não me toque por favor

vestido sujo de cinza à... No, comigo a coisa é diferente. Prefiro os perfumes e os rapazes simpáticos.

- Se você não alimentasse essas ideias vaidosas, se não tivesse namorado o Odair, estaria livre desses aborrecimentos. E talvez eles piorem para o futuro. Creio mesmo que desta armadilha você não escapa.
- Não... mãe Maria, peça a Deus por mim. Tenho fé em Santana! Ela me livrará deste lobo e me conduzirá ao meu adorado Luís.
  - É provável que isto aconteça. Nós nos salvamos pela fé.

# CAPÍTULO XV

# Saia de minha casa!

Tulinha pouco saía de casa, faltando mesmo às aulas, pois sua madrinha achava-se doente, cada dia pior. Os pais da menina apresentaram-se para cuidar da anciã e tentaram todos os recursos. Mas tudo foi inútil. Dona Maria Ramalho, de idade avançada, não resistindo à gravidade da moléstia faleceu em uma manhã ao romper da aurora. Faltavam apenas seis meses para os exames finais e os pais de Tulinha deviam regressar ao Rio de Janeiro. Não havia nada a fazer nem mesmo providências jurídicas a tomar, pois a anciã havia doado todos os seus bens para Tulinha, A única herdeira, com mais de vinte anos de idade entrou na posse imediata de sua fortuna. Mas faltavam somente seis meses para os exames e o ambicionado diploma de professora. Não era aconselhável que ela perdesse os exames, atrasando ou desistindo da formatura. Seus pais preocupavam-se com esses problemas. Tulinha deveria acompanhá-los ao Rio. Verdade que tinham muitos amigos na cidade capazes de cuidar da moça, mas Dr. Américo não era homem capaz de incomodar fosse quem fosse. Por fim. decidiu de uma vez levar Tulinha para o Rio. Mesmo que isso significasse desistência ou continuação que do curso em outro colégio. Tulinha não se conformou com essa deliberação e implorou para que a deixassem ficar até o fim do ano. O próprio diretor da escola normal intercedeu em seu favor.

- É uma pena, caro senhor, se ela não prestar os exames, o Brasil perderá uma excelente professora.
  - Ela poderá formar-se no Rio respondeu o Dr. Américo.
- Sei disso meu amigo. Seria trabalharmos o curso todo para dar a vitória a outros. O pior é que a moça poderá aborrecer--se por ter que estudar mais um ano e abandone o curso. E então?

- Compreendo, senhor diretor. Quer dizer que minha filha tem grande inteligência e será uma honra para Ouro Preto dar-lhe o diploma, não é?
  - Isso mesmo. Eu mesmo quero a entregarei o diploma.
- Está bem, acedeu o Dr. Américo, Mãe Maria, a governanta de Nelson e de Rosane já me pediu várias vezes para deixar Tulinha sob seus cuidados. Creio que vou fazê-lo.
- Ótimo! Mãe Maria é digna de confiança. Sempre lhe faço uma visita. Só que... nesse caso há um, porém, acrescentou sorrindo o diretor. Tulinha e Nelson são namorados, se é que o Sr. ainda não sabia.
- Sabemos. Logo no início do namoro estivemos aqui e ele nos foi apresentado. É um rapaz que admiro.

E assim ficou Tulinha residindo com a família Amorim. Ela gozava de todas as regalias, mas não frequentava diversões. Trajava vestido preto, gola alta e mangas compridas abotoadas. Usava luto fechado por causa de sua mãe de criação. Terminados os exames todos foram diplomados. Eram professores e professoras. No baile de formatura todos os pais abraçavam seus filhos. Cada qual dono de um radioso futuro. O senhor Camilo perguntou à Rosane:

- O que queres? Peça que eu lhe darei.
- Quero lecionar para os nossos colonos, disse ela, abraçando-se ao pai.
- Está bem, Rosane! Tem a minha permissão respondeu bastante constrangido, com esse pedido.

O baile de formatura estava animado. Todos contentes, menos Nelson e Tulinha, pois vinha próxima a separação. Nelson voltaria para a fazenda e

Tulinha ia para o Rio de Janeiro.

- Tulinha, chegou o momento, disse-lhe Nelson ao ouvi-

do. Você vai para o Rio, arranjará outro namorado, outro rapaz para ser dono do seu coração.

- Não, Nelson! Não penso nisso.
- Não posso esperar outra coisa, querida. Não foi você mesma quem aconselhou Rosane a arranjar outro namorado enquanto estivesse afastada de Luís? Agora você fará o mesmo, estando longe de mim.
- Sim, Nelson! Você tem razão. Eu era então uma criança e não compreendia a dor de uma paixão. Era leviana, julgava que a única coisa importante era gozar a vida e que para isso a moça deveria ter namorados e mais namorados. Na verdade, aconselhei Rosane a falar com Odair. Sinto-me arrependida em ter aconselhado uma amiga a ser desleal para com o amor e tê-la arrastado ao aborrecimento ou à infelicidade futura. Eu sei, querido, que Rosane, hoje, deve me odiar por ver-se obrigada a corresponder a um rapaz a quem não ama. Se seus pais a obrigarem a casar-se com ele, nunca me perdoará por ter estragado seu futuro com Luís. Faça qualquer coisa por mim querido, não quero perder a minha querida amiguinha! Olhe Nelson, logo hoje, dia de sua formatura, ela deveria estar alegre, cheia de vida e não está. Antes, está triste e magoada porque seus pais querem vê-la com Odair. Como deve ser duro, querido, a gente viver longe de quem ama. Mas eu juro-lhe sinceridade até o fim.
- Tulinha, minha Tulinha! Não chore, não fique assim! Confio em você! Brevemente realizaremos nosso casamento. Você vai para a casa de seus pais. Daqui alguns dias irei buscá-la e trazê-la para junto de mim. Seremos felizes, muito felizes, eternamente!

Ao chegar à fazenda Rosane adaptou dependências da máquina de limpar café e ali passou a lecionar para os colonos. Ela mesma impôs um regulamento na fazenda: as crianças de ambos os sexos, até a idade de doze anos teriam de frequentar a escola. Ela fornecia livros, cadernos e lápis aos alunos e, às vezes, roupa para os mais pobres. Essa disposição e bondade causavam-lhe alguns aborrecimentos com seus pais que sempre elogiavam o finado Milton e humilhavam-na diante dos pretos. Mas ela não dava ouvidos e os garotos aprendiam a olhos vistos. Nelson, diri-

gindo a lavoura, obteve grande prosperidade, apenas contrariando o Sr. Camilo com que ele fazia os contratos pela liberalidade com que ele fazia contratos de meação dando duas partes para os colonos reservando uma para si. Isso animou muito aos colonos que passaram a trabalhar de sol a sol. O gado não mais devorava as plantações e aumentou cem por cento a produção de laticínios. Se todos os fazendeiros chegassem à compreensão de Nelson e de Rosane, o nosso povo teria vida mais feliz e mais sossegada. Mas infelizmente os nossos fazendeiros não têm o espírito de progresso e sim o de destruição. Eles têm os olhos maiores do que a barriga e cobiçam até um pé de milho que o pobre lavrador planta na beirada do terreiro. Malvados fazendeiros que conservam centenas de alqueires de terra abandonadas, improdutivas! Queridos fazendeiros, ponham esses alqueires nas mãos dos nossos competentes lavradores e estareis contribuindo para o vosso benefício e para o progresso da Nação!

Rosane passou a ser vigiada pelos pais que não consentiam em que fosse à cidade sem eles, opondo-se mesmo a que ela fosse em companhia de Nelson. Mas, duas vezes por semana ela montava seu cavalo branco de crina preta, o Mimoso, e em companhia de Nelson iam à cidade para conversar às escondidas com Luís. Chegavam frequentes cartas de Odair e Rosane era obrigada a respondê-las pela melhor maneira possível. Por duas vezes ela respondeu de maneira desagradável e Odair encaminhou-as ao senhor Camilo, que chamou a atenção de Rosane, impondo-lhe oito dias de castigo, sem poder descer a escada da fazenda. Rosane sentia-se compromissada com seus alunos e gostava de tratar o gado, nas horas de folga, montada em Mimoso. Ela passava horas e horas a galopar, com o laço na garupa.

Certo dia, o sr. Camilo surpreendeu Rosane e Luís a conversarem em uma mesa do "Bar Caiçara". Indignado, repreendeu a filha e começou a maltratar Luís com ameaças. Luís enfureceuse e apanhou-o pelo peito da camisa, dizendo:

- Só deixarei sua filha se ela quiser! Mas, por sua causa isso nunca acontecerá. Até hoje procurei ocultar nosso amor, mas, de hoje em diante

andarei com ela pelas ruas da cidade para ser visto por

todos.

Os dois homens, segurando-se um ao outro, olharam-se furiosos.

- Luís... gritou Rosane em pranto, pelo amor de Deus, você piora cada vez mais a nossa situação.
  - Vamos embora, Rosane! ordenou o senhor Camilo.
- Ela não veio com você e sim com Nelson, e só sairá daqui com ele, respondeu Luís.
- Desculpa-me, querido, ele é meu pai. Devo-lhe obediência.
- Pode ir, Rosane! Mas fique sabendo que a partir de hoje só falarei com você em público e não às escondidas.
- Bonito papel, Nelson, sair com sua irmã e deixá-la de palestra com esse negro. Não sabe que isso pode causar-nos grandes aborrecimentos! É uma desmoralização para nossa família. E você, Rosane, como castigo às suas desobediências terá seis meses de castigo na fazenda, sem vir à cidade.

Os filhos nada responderam.

- -Não diz nada, Rosane?
- Nada tenho a responder-lhe, meu pai. a não ser que cumprirei a pena que me é imposta.
- Pela sua obediência e pela sua educação terá três meses de menos no castigo.
- Obrigada, meu pai! Sei que um homem de bom coração, como o senhor, não podia ser tão severo.

Rosane desapareceu da cidade, e Nelson queria ficar ao lado da irmã em vez de ir à cidade jogar sinuca ou palestrar com amigos. Limitava-se a sentar-se ao piano enquanto Rosane, esquecida dos sofrimentos, cantava bonitas valsas com voz firme

e educada que causava admiração aos ouvintes. Luís, na cidade, como homem de futuro, construía a sua futura casa. Era uma casinha moderna e bem construída. A sala continha mobília de fino acabamento e tapete até à entrada da cozinha, O lar era um brinco. Só faltava a sua amada, que nem sequer podia vir à cidade. A discussão de Luís com os Sr. Camilo foi alvo de comentários em toda a cidade. Por todos os cantos e esquinas era o assunto predileto.

#### Diziam:

- Na verdade, a garota de olhos morteiros está apaixonada por Luís. Mas, pobre Luís, vai se meter em camisa de onze varas. Foi logo procurar uma família que não gosta de preto.
  - Ele será feliz se não acabar linchado!
- Já andam dizendo por aí que ela vai casar-se como Dr. Odair, que os seus pais já assumiram um compromisso com o rapaz para depois de sua formatura.
  - Pois eu ouvi dizer que ela não quer o Dr. Odair.
  - Isso está cheirando muito mal, comadre Tita.
  - É mesmo, comadre, isso está cheirando à defunto.

Luís vivia magoado, longe de Rosane, e por saber que estava prisioneira por sua causa. Sabia que ela era bem tratada, que estava à vontade na fazenda, lecionando e passeando a cavalo. Mas não se dava por satisfeito, O que ambicionava era tê-la sempre ao seu lado para corresponder ao seu afetuoso amor. Mas a sua cor era ingrata, era indesejável aos pais de Rosane. Talvez, por esse motivo, viesse a perdê-la para sempre! As vezes Luís chegava a odiar-se e aos seus pais por serem pretos. Isso só se dava em momentos de desespero. Luís não tinha pai e amava profundamente sua velha mãe. Por fim, não se satisfazendo com as cartas que lhe vinham semanalmente, decidiu ir à fazenda visitar sua querida prisioneira.

### Capítulo XV - Saia de minha casa!

O grande relógio de parede da ampla sala de estar da sede da fazenda marcava seis horas da tarde, quando Luís bateu à porta, que lhe foi aberta por dona Isaura. Esta, ao ver Luís, ficou surpreendida, abrindo a boca como quem toma um grande susto. Não o mandou entrar, nem perguntou a que viera. Mas Luís, com a maior calma, passou por ela e foi sentar-se em um sofá. Por fim, como quem se refaz de um susto, Isaura perguntou:

- O que quer aqui? Você quer ter a bondade de sair para que eu fecha a porta?
- Não, dona Isaura! A senhora não pode fechar a porta quando tem visita em casa.
- Sua visita para nós é dispensável. Tenha a bondade de sair.
- Sua casa tem muitos quartos e me agradaria ser seu hóspede por alguns dias.

Nesse momento entrou o senhor Camilo e ao ver Luís muto bem sentado no sofá, exclamou:

- Cruz credo! Ave Maria! O que veio fazer em minha casa?
- Venho fazer uma visita a Rosane que é sua prisioneira.
- Você tem a audácia de citar o nome de minha filha, dentro de minha casa? Se tornar a repeti-lo mandarei cotar-lhe língua!
- Eu não disse nada de mais Sr. Camilo! Vim para visitar Rosane e não sairei daqui sem vê-la!
  - Você é um mestiço audacioso e pagará caro essa audácia.

Nesse momento, a sala continha oito capangas enquanto outros dois vigiavam Rosane em seu quarto, pois Camilo temia que aquilo fosse parte de plano para a raptá-la. Os capangas esperavam somente um movimento de Luís para agarrá-lo, mas ele respondia a todas as perguntas com calma e desassombro.

- Então não sai de minha casa sem ver minha filha? perguntou Camilo provocantemente.
- Não. Ficarei aqui quinze ou vinte dias se necessário. Vim para visitar Rosane e não sairei sem vê-la.

Os homens estavam em pé, à porta, a vigiar Rosane. Esta perguntou o que se passava.

- É Luís que está a<br/>í na sala respondeu um dos homens.
- Oh meu Deus! Tem piedade de mim! exclamou abrindo a gaveta do guarda vestido para apanhar um revólver cromado, que apontou para os carcereiros, dizendo:
  - Deixem-me passar se não quiserem perder a vida!

Afastaram-se e ela passou, com o revólver em punho. Ao entrar na sala, gritou:

- Que desejas, Luís... Aqui estou!

Todos se voltaram para ela, mas, nem sequer piscaram, porque o cano do seu revólver soltava raios como o Sol. Luís, pondo-se em pé, disse:

- Não é nada, Rosane. Simplesmente uma visita que eu queria fazer. Já a vi, estou satisfeito e vou-me embora. Boa noite, passem bem.
- Obrigada, Luís, mas não arrisque tanto a vida por minha causa.
- O que pretendia fazer com esse revólver em punho? perguntou-lhe o senhor Camilo.
- Mataria todos os capangas e a mim mesma, se algo de mal tivesse acontecido à Luís.

Rosane retirou-se para o quarto sem proferir mais uma palavra.

# CAPÍTULO XVI

# Eu lhe dou o revolver e você puxa o gatilho

- Esse mestiço é homem de fibra! Estou simpatizando com ele!
- Você está ficando louco, Camilo! Não me venha meter um negro em minha casa! - Respondeu Isaura.

Nessa mesma noite resolveram apressar o casamento de Rosane e escreveram uma carta a Odair, marcando o casamento para sessenta dias depois. Camilo o informava na carta, que pretendia fazer uma viagem prolongada ao Velho Mundo e queria deixar Rosane casada. Esta carta deu grande alegria a Odair que, poucos dias depois apareceu na fazenda para fixar o dia das bodas. Rosane não tinha outro recurso, senão concordar e mostrar-se mesmo contente e amável com o rapaz.

O jornal da cidade estampou o nome e a fotografia de Rosane, não com Luís, mas, com seu noivo, Dr. Odair. Com essa deliberação, Rosane pode outra vez frequentar a cidade, ou em companhia de Nelson, ou sozinha em seu carro. Nessas ocasiões, era entrevistada pelos repórteres e pelos amigos que desejavam saber algo sobre o casamento. Ela sempre confirmava as notícias e quando alguém falava a respeito de Luís, respondia com um sorriso, que aquilo havia sido brincadeira de crianças. Um dia, quando dirigia o carro ao lado de Nelson contou-lhe o plano que havia traçado. Este aconselhou-a a proceder com dignidade. Iam discutir o assunto, quando avistaram Luís sentado à beira da estrada, com a cabeça entre as mãos e encostadas ao joelho. Rosane parou o carro e perguntou-lhe o que fazia ali. Ele respondeu:

- Por que ainda me chama querido, se já tem marcado o

dia do seu casamento?

- Meus pais marcarmos dia e nós dois marcamos a hora! - disse ela, sorrindo.

E segredou, baixinho, em seus ouvidos:

- Aceite uma carona até sua casa.

Rosane entregou o volante a Nelson e sentou-se no banco traseiro, o rosto quase colado ao de Luís para aproveitar os dois quilômetros que lhe concediam momentos de prazer.

Aproximaram-se as festas do casamento, A fazenda tinha grande movimento. O jornal dedicava grande parte de sua edição ao fato. O casamento seria na fazenda, em um sábado de maio. Na quinta-feira anterior, Rosane foi à cidade dizendo que ia fazer compras. Na realidade foi explicar seus planos ao padre Juca e pedir-lhe que fizesse o seu casamento com Luís.

- Mas filha? Com Luís?! Não é possível!
- Padre, não diga que é por ele ser preto, que me afastarei do senhor.
- Menina, não é isso! Compreenda, até admiro seu elevado espírito. Deus não faz separação de cor ou de posição financeira, mas sim, separação do espírito. Quero dizer que você é noiva do Dr. Odair e pretende casar-se com Luís!
  - Não acha que isso poderá custar-lhe a vida?
- Sei disso, padre Juca. Mas é preferível morrer e ir direto para o céu do que se casar com um rapaz e viver com outro, manchando assim a minha

alma.

- Rosane, como é puro o seu coração! A paz de Deus esteja consigo e lhe abra as portas do céu.
  - Venha que farei seu casamento. Mas venha só, venham

## Capítulo XVI - Eu lhe dou o revolver e você puxa o gatilho

somente você e Luís. Assim serão dois fugitivos à procura de paz na igreja.

No sábado do casamento de Rosane com Odair, às três horas da madrugada, ela deixava a fazenda e dirigia-se à cidade em companhia de Nelson, Para evitar qualquer alarma, fizeram quinze quilômetros à pé. No ponto marcado, Luís os esperava. Eram cinco horas da manhã. Nelson, deixando Rosane com Luís, voltou para casa, porque de acordo com o pedido do padre Juca eles teriam que chegar sozinhos na igreja. A hora em que o sino da matriz badalava as seis da manhã, realizava-se o casamento de Luís e Rosane perante Deus.

- Estão casados para sempre, disse-lhe o padre. Agora devem refugiar-se em outra cidade até que se acalme a fúria de seus pais.
- Obrigada, padre Juca, mas não sairemos daqui. Eu não procuro fugir da morte, Luís deu o braço à sua esposa e seguiram pela Rua Direita, em direção à sua casa. As ruas ainda estavam mortas. Somente os operários, com suas ferramentas ao ombro, paravam para observá-los, admirados, pois era aquele o dia em que Rosane deveria casar-se com um e logo pela manhã estava nos braços de outro.
- Agora que já sou Sua esposa aperte-me, querido, de encontro a seu coração todo o tempo em que pudermos estar juntos, Se os meus pais não

nos perdoarem, talvez seja este nosso último dia.

Chegaram à casa, e dona Clotilde, disse:

- Vocês deveriam tomar um carro e ir para Viçosa.
- Não, dona Clotilde, Nelson está de nosso lado e, ao deixar-me com Luís, voltou para a fazenda a fim de impedir meus pais de se lançarem contra nós e ele goza de grandes amizades entre os colonos. A Nelson será fácil conseguir um número bem maior de seguidores do que meu pai. Por isso não receio nada!

Enquanto Rosane e Luís passavam alguns minutos felizes,

o senhor Camilo, na fazenda, arrancava os cabelos brancos em fúria. A sala de estar ostentava vários retratos familiares, grandes quadros com molduras à ouro. Era ali o santuário da família. Dona Isaura, olhando para eles, reviu seus pais e seus avós. Parecia-lhe que eles sorriam porque ela chorava. Não contendo o ódio, saltou sobre eles, jogando-os ao chão, quebrando-os aos pedacinhos, bradando:

- De nada mais servirão, se não podemos manter a honra nesta casa!
- Isaura! disse o senhor Camilo O que devemos fazer num momento de desgraça como este?
- Eu lhe dou revólver e você puxa o gatilho. É isso que devemos fazer com uma criatura suja como aquela mulher.
- Matarei também a Nelson que compartilhou da fuga de Rosane.
  - Não, Camilo, Nelson ajudou-a, mas não merece a morte.

Em poucos minutos estavam tomadas todas as deliberações. Rosane seria morta pelo próprio pai e Luís seria açoitado e amarrado na cauda de um

cavalo e arrastado pela estrada. Eram oito horas da manhã. Rosane e Luís estavam sentados na sala de estar, enquanto dona Clotilde preparava o almoço para o jovem casal quando teve despertada a sua atenção por um tropel de cavalos que se aproximavam.

- É meu pai e seus capangas! Estamos liquidados! exclamou Rosane, trêmula.
- Luís foi à porta para certificar-se. Viu a casa já cercada por quinze homens armados de revólver, com cinturões de bala e açoiteiras na mão. Camilo postou-se na frente da porta principal, enquanto Luís empunhava o seu revólver cano longo. Rosane chorando alucinadamente, puxava-o para dentro, querendo fechar a porta. Seu pai, com os olhos injetados de sangue, fitava-a em silêncio. Por fim, disse:

# Capítulo XVI - Eu lhe dou o revolver e você puxa o gatilho

- Rosane, você hoje manchou nossa honra fugindo para junto deste cão e a sua sentença é a morte. Mas, como você ainda não se uniu a ele, se quer o meu perdão, abandone-o e vamos para a fazenda.
- Obrigada, meu pai, perdoe-me se quiser ou mate-me, se preferir. Luís não é um cão como o senhor diz, mas, é o seu genro e meu esposo. Casamo-nos hoje às seis horas. Jamais o abandonarei.
- Prendam este cão, amarrem-no de pés e mãos, ordenou ele. Adabel saltou do seu cavalo e caminhou em direção de Luís, certo de que iria receber, dentro de pouco, a recompensa de mais um assassinato. Clotilde implorava. em pranto:
- Pelo leite que o alimentou no seio de sua mãe! Poupe a vida de sua filha!

Mas o demônio havia se apoderado do homem e ele não se comoveu com tais súplicas. Enquanto isso, Adabel avançava contra Luís, dizendo:

- Nunca temi um revólver quando empunhado por um covarde.
- Luís puxou o gatilho por duas vezes, mandando assim o seu agressor prestar contas a Deus de seus pecados. Mas os outros capangas caíram sobre Luís e começaram a açoitá-lo. Rosane foi para cima deles brandindo um punhal, mas antes que ferisse alguém, seu pai a alvejou. Caiu ao lado do esposo em uma horrível poça de sangue. Ela olhou para o céu e balbuciou:
  - Perdoai meu Deus, porque não sabem o que fazem!

Nelson chegara à fazenda bastante fatigado pelos trinta quilômetros andados. Não viu o pai nem os capangas. Sabia que algo ia acontecer e teria de agir com energia para salvar a vida da Irmã, de sua adorada irmã. Foi logo perguntando:

- Onde está meu pai?

Isaura, com os olhos vermelhos, o rosto pálido e os mem-

bros trêmulos, respondeu, sem olhar para ele:

- Foi dar à Rosane a recompensa que ela merece por nos trair. Você também tem parte de culpa por tê-la levado consigo. Nelson não respondeu.
- Saiu correndo, tomou seu carro e partiu em grande velocidade, tentando chegar antes que os cangaceiros, para pedir auxílio às autoridades. Mas era tarde! A menos de quilômetro do local ouviu disparos. Queria aumentar a velocidade no carro, mas sentiu as pernas tremulas e escura a vista.
- Quando parou o carro viu o corpo de Rosane tombado em uma poça de sangue e Luís sendo amarrado na cauda de fogoso cavalo. Nelson sacou
  - o revólver e disse, rangendo os dentes.
  - Soltem-no se não querem morrer com ele.

E correu para Rosane, percebendo que ela respirava. Carrego-a nos braços para o carro. Luís também estava estirado ao chão, amarrado. Pelo corpo tinha vergões horríveis causados pelas pancadas bárbaras que o fizeram botar sangue pela boca.

Nelson carregou-o e depositou-o ao lado da esposa, que ao respirar lançava golfadas de sangue. Nelson fez tudo isso empunhando o revólver, A esse tempo, Camilo não tinha aspecto de homem, mas de monstro. Seguia os movimentos de Nelson com ódio profundo. Tinha vontade de puxar o gatilho contra ele, como fizera com Rosane, Só não o fez porque Isaura havia pedido que poupasse a vida de Nelson. Nelson levou Rosane e Luís para o hospital São Vicente. Rosane fora atingida no peito e no braço esquerdo. Os outros tiros, por sorte, não a acertaram.

Luís também apresentava estado desesperador devido ao espancamento. O hospital comunicou o fato à polícia que, comparecendo ao local do conflito, encontrou morta, vitimada por um colapso, a pobre velhinha, dona Clotilde. Nelson esperou uma, duas, três, quatro horas pelo resultado da operação. Afinal apareceram os médicos, abanando a cabeça.

# Capítulo XVI - Eu lhe dou o revolver e você puxa o gatilho

- Doutor Artur, e minha irmã?
- Nelson, não quero iludi-lo. Procure ser forte, ter calma neste momento. O Luís está fora de perigo, mas sua irmã não temos esperanças. Fizemos a operação e estamos tentando tudo. Enfim, para Deus nada é impossível. A vida dela está por um fio. Se resistir, está salva.
- Chega, Doutor, aqui tem cinco mil cruzeiros. Quando ela falecer faça e enterro como ela merece.
  - -E você, Nelson?
- Vou-me embora. Não resistirei ver minha irmã morta, vitimada pela insânia de nosso pai. Jamais voltarei aqui, terra em que os pais matam os filhos, simplesmente porque eles casam-se com gente de cor. Nelson entrou para o carro e partiu em grande velocidade. Correu sem se deter até alta hora da noite. Por fim parou em um posto de gasolina.
- Que cidade é esta? perguntou ao homem, que o atendeu.
  - Juiz de Fora.
  - Há hotel aqui por perto?
  - Sim, logo aí na frente.

Nelson parou à porta do primeiro hotel e pediu um quarto.

- Os documentos, por favor. Muito bem, professor Nelson Amorim, muito obrigado. Quarto número cinco.

Nelson deitou-se, mas não conseguiu dormir. Ecoavam em seus ouvidos os profundos gemidos de Rosane. "Pobre irmã! Amanhã a estas horas estará sepultada". Enquanto Nelson pensava assim, Rosane era posta fora de perigo e o senhor Camilo encerrado numa das celas da cadeia, para receber castigo merecido. Luís, em poucos dias recebeu alta do hospital. Rosane ficou internada noventa dias, mas felizmente saiu perfeita. Rosane vivia contente e feliz ao lado de Luís, mas, implorava-lhe:

- Querido, vamos mudar daqui. Nada nos resta senão tristes recordações. Sua mãe está morta, Nelson sumiu, meus pais me abandonaram. Mudemos para bem longe, como nos aconselhou padre Juca. Então eu desprezei esse conselho porque não acreditava que meu pai tomasse atitude tão horrível. Nem mesmo Nelson suspeitava tal coisa, pois do contrário não nos deixaria sozinhos. Não fosse por ele, estaríamos mortos. Agora, não está mais aqui e poderemos continuar a ser perseguidos. Meu

pai está preso, mas minha mãe continua livre e nos odeia.

- Você tem razão, meu bem. Devemos abandonar esta cidade por alguns tempos, até que deixe de reinar o ódio em sua família. Que tal se fôssemos

para o sul. Papai sempre dizia à minha mãe que se quisesse mudar daqui, fosse para o sul e não para o norte. E ele sabia por que dizia isso. Ele trabalhou de norte a sul do país.

- Eu irei com você para qualquer lugar, até para a Europa, se for preciso.
- -Ótimo, querida, venderemos a casa. O doutor João ofereceu-me cinquenta mil cruzeiros, é bom dinheiro, não acha? Recebemos esse dinheiro vamos para o Rio Grande do Sul, para a Fazenda de um grande amigo de meu pai, o senhor Nicolau de Lima. É a Fazenda do Aterrado, nas fronteiras com a Argentina.
- Está bem, Luís. Faremos tudo na surdina. O segredo é a alma do negócio e em boca fechada não entra mosca.

Luís vendeu a casa e foi ao hospital, saber quanto lhe custara os tratamentos do casal, A secretária deu-lhe a conta de dois mil e oitenta e

cinco cruzeiros. Luís ia pagar, mas o doutor Artur que chegava naquele momento, disse:

-Não, Luís, vocês ainda têm crédito no hospital.

# Capítulo XVI - Eu lhe dou o revolver e você puxa o gatilho

- Como doutor? Não compreendo! Temos débito e não crédito.
- Bem, Rosane, agora parece que já posso revelar o seguinte: Você estava desenganada, sem a mínima esperança. Nelson, ao saber de seu estado,

disse-me que não resistiria vê-la em um caixão. Entregou-me cinco mil cruzeiros para fazer o seu enterro, de maneira solene. Mas Deus é poderoso e você sarou. Eu mesmo fiz uma promessa. Amanhã, tomaremos comunhão em ação de graças à senhora Santana. E aqui está o excedente do dinheiro.

- Não, doutor. Esse saldo fica como donativo para o Hospital.
  - Olha, menina, que o dinheiro lhe faz falta!
  - Não, doutor. Vendemos a casa.
- O quê!? Vocês venderam a casa só para pagar o hospital!? Não deviam ter feito isso antes de me consultar!
- Não, não vendemos a casa para pagar o hospital. É que pretendemos mudar daqui para não sermos perseguidos pela minha gente. Ainda não

sabemos para onde vamos. Peço-lhe guardar segredo.

- Está bem, Rosane, vocês vão fazer o que deviam ter feito no dia em que se casaram, Depois de tantas lutas, tantos castigos, tantos aborrecimentos, depois de vencer a batalha com dignidade quase vai tudo por água abaixo. Guardarei o segredo e desejo que sejam felizes em terras estranhas.

# CAPÍTULO XVII

# Trem de luxo

Rosane e Luís deixaram a cidade, no maior silêncio. Era uma quarta-feira de dezembro. O dia estava escuro e nublado. A chuva caía, as ruas cheias de lama, as casas comerciais vazias, com as suas portas abertas. Algumas piedosas mulheres, vestindo capas e com guarda-chuva, saíam da igreja em direção às suas casas. Aproximaram-se da jardineira Rosane, Luís e um garoto que trazia os olhos cheios de lágrimas, carregando as malas. Era ele Orlando de Azevedo, afilhado de Rosane. O

jovem casal ocupou as poltronas cinco e seis. Rosane trajava um costume de casimira cinza, ao pescoço um lenço de seda preso por um anel de curo, o cabelo cuidadosamente penteado sob um turbante. Luís, em traje azul marinho, sapato preto, chapéu cinza, gravata preta e camisa branca.

- Olá, Luís, está de mudança? perguntou o motorista.
- Não, Pitiguara, vamos à passeio.
- Pitiguara, você pode nos esperar um pouco,

enquanto vamos à igreja?

- Perfeitamente, Rosane. Faltam ainda dez minutos para a partida.

Rosane e Luís foram à matriz, pedir proteção para a viagem e para serem bem recebidos aonde chegassem. A jardineira deu a partida. Enquanto ela percorria a Rua do Rosário, Rosane chorava sobre sua cidade, a covardia de seus pais. Chorava e dizia em voz alta:

- Nem Milton, seria tão cruel, se ainda estivesse vivo. Talvez fosse a meu favor, como prometeu à Luís, talvez me defendesse deste tormento, desta angústia! Pobre irmão, está morto! Deus lhe dê o reino de glória. No dia do juízo nos encontraremos!
- Querida, não chore! Não faça isso! Tudo já passou! Agora devemos é olhar para o futuro dizia Luís, levando a cabeça dela para o seu peito.

Mas ela queria chorar e respondeu-lhe:

- Assim como Nosso Senhor Jesus Cristo chorou de piedade sobre Jerusalém, choro sobre meus pais, que me abandonaram.
- Rosane, disse o doutor Alfredo, que era amigo e advogado da família e viajava ao seu lado, a senhora não deve odiar os seus pais, mas sim, per-
- doá-los. Algum dia hão de reconhecer o erro e fazer as pazes com a senhora.
- Eu não os odeio. Apenas sinto piedade. Perderam tudo de uma só vez. Em pouco tempo ficaram sem o Milton, agora perderam a mim e também
- à Nelson que desapareceu. Meu pai está preso. Se pudesse eu abriria as portas da cadeia para ele sair. Coitado, como sofre, como é duro ser prisioneiro! Enviei carta ao Juiz de Direito, pedindo que não condenasse meu querido pai, que o absolvesse, a fim de que ele possa zelar por minha mãe, que hoje vive chorando, sozinha, na fazenda, ao senhor ainda dirijo este pedido, doutor Alfredo: faça qualquer coisa por ele, talvez seja este o último pedido que lhe faço. Estamos nos mudando para onde ainda não sabemos.
- Pode ficar tranquila Rosane, que seu pai será posto em liberdade o mais breve possível. Se você tivesse morrido eu não me encarregaria desta defesa. Mas, felizmente está viva e o seu pai arrependido do que fez, chorando como criança. Quando soube que você estava fora de perigo, agradeceu muito a Deus, por tê-lo livrado do peso deste crime. Ele sempre diz que foi vencido por um preto e jamais se separará dos pretos. Está se penitenciando a

tal ponto, que tem prejudicada a saúde.

- Coitados dos meus pais! Tenho saudades deles.

A jardineira parou na estação de Voaçu Ferroviária da Leopoldina. Rosane e Luís desembarcaram, tiraram as malas e as colocaram na plataforma. Esperaram por mais de duas horas o expresso que seguia para Três Rios. Tinham passagens de primeira classe, mas não encontraram lugar para se sentarem. Rosane acomodou-se sobre uma mala e Luís viajava de pé. Em todas as estações esperavam arranjar lugares para sentar-se, mas os carros continuavam superlotados, sempre subindo mais passageiros do que desembarcavam. Rosane, aflita, imóvel, nem sequer podia mudar de posição.

- Quando passarmos para a Central, talvez melhore, querida. Tomaremos um leito para não termos maiores dores de cabeça, Luís à Rosane.
- Você quer sentar-se um pouco, meu bem? Sente-se aqui na mala.

Luís sentou-se e Rosane viajava em pé o seu turno de sofrimento.

- Viajamos em um dia muito ruim! Parece que todos os habitantes da terra saíram de casa hoje - disse Rosane a Luís. Por que estes trens correm sempre superlotados? Será que a Estrada não tem carros suficientes para os passageiros?!
- Tem sim, querida, isso é falta de organização. Os responsáveis pela Estrada de Ferro não viajam como nós. Eles, quando viajam, fazem-no em avião ou automóvel. Quando são obrigados a

a seguir de trem, têm à sua disposição um trem especial, com passagem franca. Gozam de mais conforto do que em suas próprias casas. Por isso

não sabem quanto é penosa a viagem dos passageiros comuns.

- -E a Central é melhor? perguntou Rosane.
- Qual nada, minha querida. É a mesma bandalheira! Tirante os trens de luxo que são caríssimos e não estão ao alcance de todos.
- Três Rios! gritou o condutor. Houve grande lufa-lufa para o desembarque, Rosane e Luís tomaram hotel nessa cidade para no dia seguinte rumarem para São Paulo e de lá para o Rio Grande do Sul. Ao embarcarem, no dia seguinte, tomaram leitos de uma luxuosa composição e assim conseguiram viajar mais suavemente,
- Meu bem, estamos em Barra do Piraí. De acordo com a geografia estamos próximos do Rio de Janeiro. Se pudéssemos procurar Tulinha, minha maior amiga, seria para mim um prazer. Talvez não a veja nunca mais,
- -Seria bom, querida, mas nossas economias estão um pouco reduzidas, a nossa passagem é direta a São Paulo. Luís pensava:

"Pobre Rosane! Abandonou a fazenda, a fortuna, o prazer, o sossego de espírito, para viver sofrendo junto de mim. Passou dias de amarguras no hospital, agora dias e noites de cansaço nos bancos das estradas de ferro, em trens superlotados. Querida Rosane, farei tudo para compensar estes dias de sofrimentos."

O trem parou em estação solitária no meio do campo. Uma placa indicava "Nicolau de Lima". Rosane e Luís desembarcaram. Encostada à plataforma do lado leste, estacionava uma caminhonete tendo escrito na porta: "Fazenda do Aterrado". Ao volante, um preto de musculatura forte, lábios grossos e avermelhados, um tipo de sangue africano quase puro. Luís aproximou-se do motorista e cumprimentou-o:

- Boa tarde, amigo.

O outro respondeu gentilmente às saudações.

- Por gentileza, pode informar se este carro vai para a fazenda do senhor Nicolau de Lima?

## Capítulo XVII - Trem de luxo

- Vai sim senhor, o carro é da fazenda.
- O senhor pode nos levar até lá. Já tem outros passageiros?
- Somente dona Quete, filha do seu Nico. Ai vem ela! Dona Quete? Este senhor pede para levá-lo até a fazenda.
- Perfeitamente. Meu senhor, a moça vai comigo na cabine e o senhor na carroçaria. Não irá muito bem, mas chegará! disse dona Quete, sorrindo.
  - Eu vou muito bem. Estamos viajando há vários dias.
  - De onde vêm e para onde vão?
- Viemos de Minas Gerais e vamos para fazenda do senhor seu pai, de quem o meu foi grande amigo.
- Oh! que bom! Vêm de tão longe para nos ver?! Em meia hora estaremos lá!

A caminhonete rodava por uma estrada larga e bem cuidada, sem pedras nem buracos, margeando uma planície onde pastavam centenas de reses gordas e de pelo fino. Da estação à fazenda eram só pastagem e invernadas, tudo tão limpo que não se encontraria um ramo para remédio, se necessário. Do lado esquerdo, para além de um riacho, um rebanho de carneiros com mais de trezentas cabeças. Ao chegarem à fazenda viram um prédio branco de dois andares, com uma varanda que circundava os três lados principais. Um pomar de cinco mil metros quadrados, cheio de árvores frutíferas de todas as qualidades. Uma casa grande, de quatro portas, abertas e com muita gente que entrava e saía, era o armazém. Ao lado do armazém, uma porta aberta e uma cruz por cima, indicava a farmácia.

Diante da sede um bonito jardim de gramado verde, muitas flores e pequenos arvoredos copados. A caminhonete parou à porta principal. Um alpendre de arco e uma bonita pérgola com flores vermelhas e brancas. Dona Quete convidou os visitantes para entrar. Rosane e Luís acompanharam-na e subiram uma escada para o andar superior. Não uma escada de madeira como as

usadas no comum das fazendas, mas de marmorite. A sala ampla e modestamente mobiliada, com uma estante cheia de livros, um piano alemão, uma eletrola tipo colonial. Quete apresentou ao seu pai os visitantes e novos agregados. O fazendeiro, alegremente apertava a mão de Luís enquanto este se identificava:

- Eu me chamo Luís José de Freitas, sou filho de José Luís de Freitas que dizia ser grande amigo do senhor e muito o recomendou se tivéssemos de sair de nossa terra.
- Ora, bolas, se você é filho do meu amigo, é meu amigo também!
  - Esta é minha esposa, Rosane Amorim de Freitas.
  - E o seu pai? perguntou-lhe Nico.
  - Meu pai é falecido há quinze anos.
- Que pena! exclamou ele. Homem honesto, bom e trabalhador. Muitos anos trabalhou comigo. Mas está bem, está no céu. Deus também gosta do que é bom.

Seu Nico era homem de seus setenta anos, forte, enérgico, cuidadoso e bom. A Sua fazenda foi apelidada "Princesinha" não só por sua cor alva, mas pelo conforto de que gozavam os trabalhadores. Todos os empreiteiros tinham casa digna para morar. Casa de dois ou três quartos, sala, cozinha e banheiro, taqueada e forrada, com água e luz.

Todos os colonos tinham rádio, geladeira e assistência médica. Aquilo não era uma fazenda de escravos, de preconceitos, de tirar o couro dos empregados para deixá-los na miséria, como a maioria dos nossos fazendeiros. Aquela era uma fazenda exemplar em critério, uma verdadeira casa de família onde reinava a maior paz e harmonia entre patrão e empregados, entre amigos e amigos. Não havia ali, brigas nem discussões. Eram todos irmãos, filhos do mesmo pai. Luís recebeu as chaves de uma casa de dois quartos, sala, cozinha e banheiro. Não foi preciso que ele comprasse móveis porque ela já estava modestamente mobiliada, inclusive com geladeira de cinco pés cúbicos. A sala e os quartos encerados e limpos, a cozinha cuidadosamente arrumada. Diante

## Capítulo XVII - Trem de luxo

da porta, um pequeno jardim. Aos fundos da cozinha uma área de mil metros quadrados, limpa e plantada com frutas hortaliças.

- Querida disse Luís encantado com o que via em sua frente Deus que dê a glória ao meu pai por ter nos enviado a um lugar como este.
- Oh! meu bem, somos felizes, muito felizes longe de meus pais, sem perseguições sem aborrecimentos. Temos um lar, um doce lar, onde viverei para você e você para mim.

Luís trabalhava na fazenda em sua profissão, que desempenhava com esmero. Rosane, como doméstica desempenhava os afazeres de boa dona de casa. Á princípio somente para ela e o esposo, depois teve a seu cargo os cuidados de Rosângela, sua primogênita.

# CAPÍTULO XVIII

# Neves trágicas

Lecionava na fazenda uma professora, por nome Neide que, atendendo às suas conveniências, abandonou o magistério e embarcou para Porto Alegre. Seu Nico preocupa-se com a educação dos netos e dos colonos. Um dia, sorrindo, disse à Rosane:

- Menina, você é calma e muito carinhosa para com as crianças. Quero que dê aulas para eles.
- Oh! Seu Nico, eu não sou professora, respondeu ela, sorrindo.
- Esses seus olhos não me enganam. Traga-me o diploma do curso primário e comece as aulas.

## Luís interveio para dizer:

- Ela é professora normalista, é professora de piano e de corte e costura. Só não gosta de exibir o que sabe.

### Seu Nico deu uma risada e exclamou:

- Eu sabia disso. Ninguém me engana! Desde o dia em que vocês chegaram observei que ela era formada, Não comete erros em uma só frase quando conversa. Não esqueça, hein menina, que o Nico é velho mas ainda é bom observador.
- -Quete. ...? gritou o seu Nico, cheio de satisfação, a partir de amanhã, dona Rosane é a nova professora da fazenda.
  - Que bom! Assim as crianças não atrasarão os estudos.

- E agora dona Rosane, tenha a bondade de ir ao piano tocar um pouco para nós - ordenou-lhe seu Nico.

Rosane sentou-se ao piano e começou a tocar e a cantar, com sua voz fina e aguda que muito agradou ao seu Nico por recordar sua velha esposa, dona do mesmo timbre de voz.

- O que estávamos perdendo, dona Rosane! Por que não nos disse isto há mais tempo?!

Rosane passou a lecionar para as crianças com todo carinho e talento de professora.

Os dias foram passando, os anos foram correndo! Ela e sua família viviam em céu aberto, gozavam de grande prestígio na fazenda, benquista e admirada pelos amigos e colonos, Cinco anos se passaram como cinco dias. No começo do sexto ano as coisas começaram a mudar. Foi um ano

muito frio e de muita geada. Os termômetros da fazenda chegaram a marcar doze graus abaixo de zero, as torneiras não deitavam água, os pastos tornaram-se alvos em grandes camadas de gelo, lembrando um lençol estendido por cima da grama. Os colonos, com seus aquecedores elétricos só deixavam os equipamentos às dez horas do dia, quando o sol mostrava os seus primeiros raios. Estas camadas de neve causaram grandes prejuízos às lavouras. Seu Nico concedeu uma entrevista aos repórteres, homens que são os maiores inimigos das pessoas fugitivas. Andam pelo mundo e descobrem em qualquer lugar os que buscam refúgio. Seu Nico percorria, com os jornalistas, as lavouras afogadas pelo gelo e mostrava-lhes com orgulho a sua organização de fazendeiro caprichoso. Por fim levou-os ao salão da escola. Ao entrarem as visitas na sala, todos os estudantes levantaram-se. Rosane foi recebê-los à porta e eles, como não perdem uma pequena oportunidade, bateram uma foto utilizada depois na reportagem. No dia seguinte os jornais circulavam com a manchete: "Neves trágicas". Um dos tópicos da reportagem tinha o subtítulo: "A professora da fazenda, Dona Rosane Amorim de Freitas leciona na Fazenda do Aterrado. É uma professora digna e simpática, clara, de olhos azuis e morteiros."

Sucedeu que Nelson, ao deixar a cidade de Juiz de Fora,

dirigira-se para o Rio de Janeiro a fim de encontrar-se com Tulinha, cair em seus braços para ser amparado eternamente por ela. Ao chegar ao Meier, bairro em que residia sua noiva, tocou a campainha de uma residência afastada do alinhamento da rua, Tulinha, ao chegar à sacada, reconheceu o carro grená que muito lhe havia servido meses antes. Deu um grito e saiu correndo entre os caracóis do jardim, para abraçar e beijar o noivo querido. Mas, foi grande a sua decepção. Ao recebê-la, Nelson não demonstrava a alegria de antes. Estava pálido e abatido, os olhos azuis marejados de lágrimas. Tulinha, alarmada, perguntou:

- O que houve com você, querido?

Nelson, abaixando a cabeça, não respondeu. Ela, sentada ao seu lado, permanecia calada, compreendendo que algo havia sucedido. Por fim, levantando a cabeça, Nelson disse:

- Tulinha, traga-me um copo d'água.

Ao receber de volta o copo vazio, ela perguntou:

- E Rosane?
- Está morta! Foi assassinada! Não disse mais nada porque Tulinha, sofrendo uma vertigem, caía desamparada. Muito tempo depois e residindo no Rio de Janeiro, ao ler a reportagem, Nelson conheceu grande alegria por saber que sua irmã, julgada morta, estava viva e sã, lecionando como sempre fora de seu desejo. Nelson, casado com Tulinha e pai de vários filhos, correu gritando:

Tulinha!... Tulinha!.

O que aconteceu, meu bem?

- -É Rosane, Tulinha! É Rosane! Olhe aqui o retrato dela!
- Meu bem? Você está chorando?
- Sim, Tulinha, às vezes choramos de alegria. Tulinha, irei imediatamente visitar minha irmã. Seguirei no primeiro avião para o Rio Grande do Sul.

Dois dias depois Nelson chegava de carro à fazenda de seu Nico. Parou à porta, foi ao alpendre, tocou a campainha e esperou. Seu Nico atendeu:

- Boa tarde, meu senhor. Estou falando com o Sr. Nicolau de Lima?
  - Sim, cavalheiro. Tenha a bondade de entrar.
  - Obrigado! Ainda mora aqui a professora Rosane?
  - -Sim. Agora está dando aula respondeu seu Nico.
  - Ela é minha Irmã, venho visitá-la!
  - Sua irmã?
  - Sim, minha irmã!
  - Então vamos à escola. Ela ficará muito contente,

Momentos depois, Nelson e seu Nico entraram no salão de aula. Ao ver o irmão, Rosane deu um grito com todas suas forças.

#### - Nelson!...

E correu para ele. Abraçaram-se, beijaram-se e choraram ao mesmo tempo. As crianças ficaram surpresas com a cena. Seu Nico avisou-as de que as aulas do dia ficavam suspensas. Logo saíram todas. Nelson e Rosane choravam como duas crianças. Seu Nico observava-os em silêncio, vislumbrando algo de estranho naquela família. Por fim, disse:

- Dona Rosane, a senhora está muito nervosa, acalme-se.
- -A minha história é longa e dolorosa, seu Nico, E as dores muito profundas. Por isso choro nos braços de meu irmão quem não esperava mais ver.

### Capítulo XVIII - Neves trágicas

Então, Rosane e Nelson contaram todas suas vidas para seu Nico, que acabou chorando também.

- Rosane, aqui está um mimo que Tulinha mandou para você.
  - Tulinha?!
  - Sim, Rosane. Eu me casei com ela. Já temos três filhos.
- Que bom, Nelson, que maravilha! Tulinha é minha cunhada! Ainda posso vê-la, abraçá-la!

Nelson viajara com a intenção de levar para a sua casa Rosane e família. Mas ao conhecer o conforto de que eles gozavam na Fazenda, desistiu da ideia.

## Rosane perguntou:

- Nelson, como vão nossos pais?

Não sei, Rosane! Desde o dia em que saí de lá, não voltei. Não desejava vê-los, por julgar que a haviam assassinado. E tendo o médico dito, que você era caso perdido, abandonei a cidade para nunca mais!

- Nelson, você não devia. ter abandonado nossos pais por minha causa. Eles o amavam. O rancor deles era apenas contra mim. Assim mesmo, eu nos os odeio.

Nelson ficou com a irmã durante quinze dias, ao fim dos quais regressou ao lar.

Sucedeu, porém, que, também dona Isaura havia lido a reportagem sobre a Fazenda e sua filha. Releu várias vezes o tópico que tratava de Rosane e chorou de amargura por saber que a filha estava tão longe, enfrentando um clima áspero, dependendo de estranhos, tudo por culpa de sua perversidade.

- Nelson e Rosane são ricos, pois são meus herdeiros. Eles não precisam viver sofrendo. Vou chamá-los de volta para entrar na posse do que lhes pertence. Nada me resta neste mundo. Já compreendi o que muitos ainda não compreenderam: que somos pó e em pó nos transformaremos.

Isaura já não podia sequer fazer rodar o seu carrinho de rodas, da sala para a cozinha. Pouco saía do quarto onde permanecia quase todo o tempo. Quando queria ir à varanda tomar banho de sol, quem empurrava o carrinho era uma pretinha do serviço da casa. Vendo que seus dias estavam contados, Isaura resolveu pedir perdão à filha. Chamou o velho amigo, doutor Carlos Augusto, diretor do jornal da cidade e pediu-lhe que fizesse um apelo pelos jornais. O apelo foi feito com os seguintes dizeres:

"Aos professores Nelson e Rosane Amorim!

Sua mãe, inválida e doente, pede o urgente regresso dos filhos ao lar".

Ao ler o comunicado Nelson encheu-se de remorso e piedade.

- O que devo fazer? Talvez Rosane não saiba o que está acontecendo à mamãe! Ela está doente, inválida, e meu pai talvez ainda esteja preso. Ambos precisam de nosso auxílio. Irei falar com Rosane.

Nelson embarcou novamente para o sul. Mas Rosane havia lido o apelo e ao receber o irmão, de semblante triste, disselhe:

- Você está triste, Nelson? E por causa de
- mamãe, não é?
- Sim, Rosane. Ela nos chama de volta. Está inválida.
- Nelson, receio que seja chantagem de nossos pais para

apanhar a min e a Luís.

- Não, querida. Acho que não. Uma pessoa com saúde não invoca a invalidez! Foi quando Luís interveio, dizendo:
- Creio, Rosane, que Nelson tem razão! Devemos ir o mais breve possível para não chegarmos tarde demais.
- Nelson, porque você não vai à frente para observar o que existe de verdade nesse apelo, e depois nos comunica?

Foi a vez de seu Nico dar uma opinião.

- Eu sinto imensamente a retirada de vocês. Mas, por outro lado, julgo muito digno o que desejam fazer. Voltar para casa e assumir seus deveres

de filhos. A senhora tem razão ao recear, que haja por trás disso, um ardil de sua família. Mas penso que isso não acontecerá. Um pai, um mãe, por mais pusilânimes que sejam, não chamarão invocando invalidez, um filho para assassiná-lo.

- Seu Nico, irei já que esse é meu dever.
- Vai, minha filha e Deus a proteja! respondeu o velho com os olhos rasos de lágrimas,

E assim a família Freitas deixou a Fazenda do Aterrado com destino à terra natal. Ao chegarem ao Rio, Rosane e Tulinha abraçaram-se como velhas amigas.

- Rosane, você me perdoa?
- Tulinha, por que está chorando? Por que me pede perdão?
- É que sou a única responsável por seus sofrimentos, quase levo-a ao túmulo por um estupido conselho de garota.
- Oh! Tulinha! Você nada me deve. Não acha que o meu destino já estava traçado?! Esqueça disso!

A família Freitas e a família Amorim seguiram juntas de automóvel. Antes de chegarem à fazenda falaram com um velho empregado da mesma que se dirigia à cidade, porque Rosane ainda receava uma cilada.

- Pedro! .... chamou Rosane.

Este, ao reconhecê-la, exclamou cheio de alegria!

- Santa virgem! É a senhora, Rosane? Como Deus é bom! Trouxe a senhora de novo para nós.

Ela sorriu e perguntou:

- Pedro, conte-me o que está se passando na fazenda. Meu pai e minha mãe, como vão?
- Rosane, não vá se assustar! Seu pai já morreu, dona Isaura ficou paralítica e está muito mal.
  - Ela está falando? Perguntou Rosane.
- Fala com voz muito fraca, reconhece a todos e só reclama a presença da senhora e de Nelson. Chama-os, arrependida, dia e noite, Ah! dona Rosane, quem viu dona lsaura antes do seu casamento, com todo aquele orgulho e a vê agora, não diz que é a mesma! Está muito diferente, verdadeira amiga dos trabalhadores.
- Pedro, o apelo que ela pôs no jornal, chamando-me de volta, não é uma traição contra mim?
- Não, Rosane! Pode chegar sem medo. Ela está nas últimas há vários dias. Parece que só espera vocês para entregar a alma à Deus. Eu vou indo buscar um remédio urgente, de acordo com o pedido médico.

Rosane reanimou-se, chegou à fazenda, desceu do carro, subiu a escada ao lado dos filhos e do esposo, deixando este na sala, entrou para o antigo quarto dos pais. Dona Isaura estava deitada, com dois médicos à cabeceira. Permanecia com os olhos

### Capítulo XVIII - Neves trágicas

fechados, o rosto macerado, os maxilares muito salientes e pontiagudos. Rosane entristeceu-se com que via. Sua mãe estava irreconhecível,

- Mãe?! - Bradou ela, abraçando-a e beijando-a.

Isaura abriu os olhos e exclamou:

- -Filha! Perdoa-me! Eu lhe causei muitos sofrimentos e não quero morrer com este remorso!
- Mãe, esqueça o passado, Olhemos para o futuro. Aqui estão meus filhos, seus netos.
  - São verdadeiros encantos os seus filhos.
  - Deus os proteja! Onde está o Luís?
  - Na sala.
- Chame-o. Quero vê-lo. Aqui não existe mais preconceito de cor. Depois que cometemos aquela covardia seu pai foi preso e condenado a dois anos

de prisão. A carta que você escreveu ao Juiz de Direito auxiliou-o muito no julgamento dos homens. Mas, não no julgamento da sua consciência. Sentiu tais remorsos que ficou sofrendo das faculdades mentais. Um ano depois de sua liberdade estava para sair a cavalo, acompanhado do Chico.

Eu olhava da varanda. Ao montar, deu um grito e caiu por terra. Eu desci correndo a escada, mas, com o susto minhas pernas ficaram trêmulas e caí, rolei de degrau a degrau até o chão. Fraturei a espinha, fui transportada para o leito e aqui estou. Agora não me resta mais nada a não ser implorar seu perdão. Seu pai muitas vezes desejou ajoelhar-se a seus pés para pedir esse perdão! Pobre Camilo, não teve tal sorte! Perdoa-me filha, perdoa-me Luís, perdoem também a Camilo.

- Mãe? Mãe? - gritou Rosane chorando - reze comigo,

Ela mal podia balbuciar algumas palavras e acompanhou

a filha: - "Pai nosso que estais no céu, santificado seja Vosso nome, venha a nós Vosso reino, seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu, o pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai-nos as nossas dívidas, assim como

nos perdoamos aos nossos devedores. Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos, Senhor, do mal. Amém!"

Dona Isaura faleceu tranquilamente, com o coração sossegado, cheio de conforto pelas orações de Rosane que implorava a proteção da sua Mãe celeste para a sua mãe terrena.



# **SOBRE O AUTOR**

"A diferença entre o possível e o impossível está na vontade humana." (Louis Pasteur)

José Luiz de Oliveira foi um sonhador e fazedor de versos. Foi um homem além de seu tempo. Visionário e ativo, nunca mediu esforços para concretizar seus objetivos. Com sua simplicidade, voz macia e andar compassado (sua marca registrada) conquistou amigos e muitos seguidores numa época em que não existia internet.

### É autor dos livros:

- \*Preconceito de Cor (1958) Romance
- \*Beija-Flor poesias (1998) Poesia
- \*O Homem que se casou com uma cadelinha branca (2003) Novela
- \*Eu e Você (2004) Poesia e Crônica
- \*Poemas Bíblicos e novos temas poéticos (2009) Poesia
- \*A esposa de dois maridos (2010) Romance.

É imortal pela Academia Volta-redondense de Letras. Recebeu da Câmara municipal dois importantes títulos: Cidadão Volta-redondense e Cidadão Pioneiro. Participou de diversas agremiações literárias e academias.

Como ativista cultural, em mil novecentos e setenta e cinco realizou a sua maior utopia, fundando o Glan-Grêmio Literário de Autores Novos em Volta Redonda, instituição essa que intensificou o intercâmbio cultural na região, Brasil e até no exterior, levando assim o nome da cidade do aço para além-mar. Volta Redonda se tornou então um celeiro cultural com uma super safra de poetas que se destacaram por meio das coletâneas de Poesias e Contos que eram lançadas anualmente.

Ele foi o único do seu tempo que percebeu a necessidade de se criar uma agremiação onde os poetas tivessem vez e voz para divulgar seus trabalhos. José Luiz de Oliveira, arou, adubou a terra e fez florescer nossos talentos, abrindo caminhos para que as agremiações hoje existentes, pudesse brilhar em sua plenitude. Lutou bravamente por esse ideal até o fim de seus dias. Seu pioneirismo me faz lembrar de uma citação que gosto muito e que parece ter sido escrita exclusivamente para ele: "Uma geração constrói uma estrada por onde a outra trafega."

José Luiz, desbravou caminhos para que outras agremiações hoje existentes, pudesse brilhar em sua plenitude. E eu como sua pupila, não poderia terminar esse texto sem dizer o quanto me sinto honrada por ele ter feito parte da minha vida pessoal e literária.

Em nome de todos os poetas e glanistas, agradeço-lhe pelos excelentes serviços prestados essa comunidade poética Volta-redondense.

Silvia Helena Xándy Poeta, contista e romancista Presidenta do Glan – Grêmio Literário de Autores Novos 1998 / 2006

JOSÉ LUIZ DE OLIVEIRA, nasceu em og de outubro de

1924, na cidade de Guaraciaba- Minas Gerais, mudou-se para Volta Redonda na década de 40, e trabalhou na CSN até aposentar-se. Teve seis filhos, sendo cinco de seus primeiro casamento e uma do segundo casamento. Faleceu em Volta Redonda, em 07 de abril de 2010.

Pioneiro da literatura em Volta Redonda, fundou o GLAN em 1975, que permitiu que muitos escritores da região tivessem seus primeiros textos publicados através das coletâneas anuais do GLAN. É membro fundador da AVL.

Foi correspondente de várias entidades literária no Brasil e no exterior, tais como: Academia Anapolitana de Filosofia, Ciências e Letras de Anápolis, Goiás; Academia Eldoradense de Letras, Eldorado, São Paulo; Academia de Letras e Estudos de Corumbá, Mato Grosso do Sul; Academia Petropolitana de Letras de Petrópolis, Rio de Janeiro. Membro efetivo da UPI – União dos Profissionais da Imprensa do Rio de Janeiro.

Recebeu um título de honra de "Amicale de Club Intellectuel Français", tornando-se acadêmico de honra de "La Fleur des Neiges", título de honra de "La Rose," Port-de-Bouc de France. Foi correspondente da revista "O Mensageiro da Poesia", de Portugal.



Este livro foi composto em 2024 com fonte Baskerville Regular 11 e título em **Montserrat Bold** tamanho 20 e fonte Gabriola 15. Um ano antes de sua publicação original (1958), em 23 de Fevereiro de 1957, o Alto Forno 2 da CSN atingia o expressivo número de 1.000.000 toneladdas de ferro-gusa produzidos.